

SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA

# CONFERENCIAS

1912-1913

AMADEU AMARAL: RAYMUNDO CORRÊA

ARMANDO PRADO: ALVARES DE AZEVEDO

GARCIA REDONDO: ARTHUR AZEVEDO \*

PEDRO LESSA: JOÃO F. LISBOA \* \* \*

OLIVEIRA LIMA: A NOSSA DIPLOMACIA

SÃO PAULO - 1914

OFF. CARDOZO FILHO & C.

\* RUA DIREITA, 35 \*



# CONFERENCIAS

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**

**SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA**

# **CONFERENCIAS**

**1912 - 1913**

**AMADEU AMARAL: RAYMUNDO CORRÊA**

**ARMANDO PRADO: ALVARES DE AZEVEDO**

**GARCIA REDONDO: ARTHUR AZEVEDO \***

**PEDRO LESSA: JOÃO F. LISBOA \* \* \***

**OLIVEIRA LIMA: A NOSSA DIPLOMACIA**

**SÃO PAULO - 1914**

**OFF. CARDOZO FILHO & C.**

**\* RUA DIREITA, 35 \***



## ADVERTENCIA

*A Sociedade de Cultura Artística deve, pelos seus estatutos, publicar em volume, para serem distribuidas entre os seus associados, as conferencias que realizar. Pela primeira vez ella se desempenha desse encargo, enfeixando neste livro as que lhe foi dado promover em 1912 e 1913. A este volume, outros se succederão naturalmente, com as conferencias que de futuro se effectuarem.*

*Para não augmentar demasiadamente as dimensões do livro, a conferencia que o sr. dr. Antonio Piccarolo realizou sobre o Romantismo no Brasil, e a que fez o sr. dr. Ricardo Severo sobre as Artes tradicionaes no Brasil:—a casa e o templo, deixam de ser agora publicadas, mas sel-o-ão, brevemente, no volume subsequente.*







## RAYMUNDO CORRÊA

Conferencia realizada no  
dia 26 de Setembro de 1912  
pelo sr. Amadeu Amaral.

### I

Da vida de Raymundo Corrêa não se conhecem muitos pormenores. Em parte, deve-se isso ao facto capital de que ella esteve longe de ser o que se poderia chamar uma vida brilhante e movimentada. Ao contrario, foi singela, apagada e modesta, sem lutas ardentes, sem muitos altos e baixos e sem as horas de sol da grande notoriedade social. Em parte, porém, essa carencia de pormenores se deve ao proprio genio recatado, despreendido e meio misanthropico do nosso poeta. O que, apesar de tudo, pudesse haver de relevo e de côr em sua vida, elle o dissimulava á contemplação de extranhos sob a bruma de um timido e silencioso retrahimento. Era desses que timbram em manter com o mundo o menor numero possivel de relações, que se con-

tentam com dois ou tres amigos, que odeiam a publicidade e parecem temel-a como um enxovalho. Era tambem desses que passam á vista dos indifferentes por egoistas intrataveis e casmurros, de alma fechada e sombria, e são no entanto prezados pelos intimos como criaturas fundamentalmente bôas, nobres e justas, de uma melindrosa delicadeza e de uma admiravel elevação de sentimentos.

Raymundo nasceu no mar, em aguas maranhenses, a bordo de um vapor em viagem, aos 13 de Maio de 1860. Dir-se-ia que essa circumstancia lhe influira decisivamente no destino. As ondas que lhe embalaram o primeiro somno parece terem-lhe transfundido no ser o mysterioso amavio dos seus rhythmos, fadando-o a vasar os movimentos profundos da sua alma em formas medidas e cadenciadas. Delle se pode dizer sem receio que nasceu poeta: menino, internado no collegio Pedro II, para estudar as suas humanidades, fez versos; e quando chegou a S. Paulo, com dezasete annos, para estudar o seu direito, trazia comsigo um livro composto e acabado, que logo publicou: os "Primeiros Sonhos". A facilidade com que versejava era assombrosa. Valentim Magalhães, que o conheceu de perto, assegura que Raymundo só se sentia embaraçado para exprimir o seu pensamento, quando o

tinha de exprimir em prosa. (\*) As suas cartas para a familia, quando queria despachar-se depressa, escrevia-as em verso. De uma feita, sendo redactor de um pequeno semanario de caricaturas, nos seus tempos de estudante, lhe aconteceu faltar materia á ultima hora: urgido pelo tempo e apoquentado pelo impressor, o jornalista galucho sentou-se á mesa, nervoso e assustado, para rabiscar com a maxima presteza qualquer coisa com que pudesse preencher o claro existente e evitar um atrazo que se lhe afigurava insupportavelmente desastroso. O que lhe saiu da cabeça aquecida, pelo bico da pena celere, — foram versos.

Mas, outras influencias fataes parece ter elle trazido para sempre do seu largo berço maritimo. Natureza caprichosa, triste, ondeante e meio indecifavel, Raymundo tinha em si, como já foi dito, a volubildade amarga das vagas e a estonteadora vastidão do mar. Elle mesmo o sentiu, quando se retratou neste soneto:

### Pelago invisivel

Ouves-lhe acaso o soluçoso gritô,  
Os bravos estos, o guaiar plangente ? !  
Ah ! Ninguem vê, mas todo o mundo sente  
Dentro, na alma, um Atlantico infinito...

(\*) "Escriptores e Escriptos"

De um mar á borda eu me debruço afficto..  
Não mires a este espelho a alma innocente !  
Verto ahi, muita vez, meu pranto ardente ;  
Muita vez, clamo; muita vez, medito...

E elle, ora, inchado, estoira, e arqueja e nuta ;  
Ora, turgido, a c'róa victoriosa  
De rutilante espuma aos céus levanta ;

Ora, placido, off. ga... e só se escuta  
A saudade — sereia mysteriosa,  
Que em suas praias infinitas canta...

Raymundo foi sempre um reconcentrado, vivendo uma potente e radiosa vida interior, em cujas elaborações continuas trabalhavam por igual uma intelligencia flexivel e robusta, sempre activa, uma vívida e magnifica imaginação e uma sensibilidade moral extraordinaria, requintada em melindres femininos e em subtilezas doentias. Com essa vida interior tão intensa, com a funda melancholia que nunca o largou e com os seus nervos doloridos e irritados, era natural que fosse, como de facto o foi, um abstracto, de aspecto um tanto inaccessible e frio, e um *exquisição* fadado eternamente a desconcertar todas as previsões, com os seus arrancos, as suas incertezas e as suas deliquescencias de onda.

Na Faculdade de Direito, enquanto a mocidade contemporanea se expandia nessa exuberancia de vida á flor da pelle que é o seu encanto e a sua fraqueza, Raymundo, esgrou-

viado, inquieto, vibrando em gestos e *tics* nervosos, movia-se muito, falava por monosyllabos, fumava desesperadamente — e não fazia senão versos. Só lia aos bocados e de fugida, ao acaso dos encontros que tinha com os livros e os periodicos, geralmente em casa de amigos, nas redacções dos jornaes, nos cafés. Não cultivava com ardor os prazeres da palestra. Nunca fez um discurso — e nunca supportou um discurso alheio de principio a fim. Quando ia ás lições, sentava-se em frente do professor, no chamado *banco da musica*, e cravava os olhos pêntrantes e buliçosos nos olhos do mestre, parecendo suspenso da veneranda bocca. Em verdade, ficava suspenso, e suspenso permanecia a hora toda, — mas nas nuvens, caçando rimas. A sua attenção, que tanto lisongeava, de certo, o amor-proprio da *cathedra*, era apenas uma enganadora apparencia, um puro jogo de mimetismo escolar, um meio commo de conciliar as conveniencias do estudante desejoso de parecer applicado com as irresistiveis necessidades que derivavam da conformação do seu espirito, sempre voltado para dentro de si mesmo.

Tanto se voltava para dentro de si mesmo, que a maioria dos que o viram, o trataram e o julgaram, só o viram do avesso. Dotado de uma intelligencia aguda e forte, pas-

sava por um pobre moço inoffensivo, meio desequilibrado talvez, em todo caso estragado pela mania de fazer versos. Tinha um ar insignificante e apagado. Não sabia conversar. A modestia, — se por modestia entendemos a incapacidade para se impôr ou, pelo menos, para se insinuar, — não era nelle uma simples attitude; não era mesmo um achaque, com horas de crise e horas de remissão; era um defeito congenito de estructura. De tal modo se encolhia e annullava diante de extranhos, que, — disse-o alguém, — parecia andar pedindo desculpa de ter tanto talento. Trajava mal: pobre, vivendo á custa de magra mesada, e, além de pobre, alheio a toda preocupação de exterioridades, não se incommodava com os seus sapatos cambados, nem com o nó contorcido e frouxo da sua gravata. Verdade seja que, naquelle tempo, ainda não se installara por aqui o culto minudente, severo e inviolavel das roupas, nem o *bom-tom* material imperava como uma religião com os seus dogmas mysteriosos, com os seus sacerdotes hierarchizados e vigilantes, os seus martyres, os seus fanaticos e a sua turba immensa de ovelhas passivas. Um homem, naquellas eras remotas, ainda tinha o direito de usar um chapéu deformado, sem perder nada no conceito dos contemporaneos, — com tanto que dentro desse chapéu trouxesse algu-

ma coisa... Raymundo tinha extravagancias curiosas. Raramente se encontrava em casa. Passava os dias pelas *republicas* de estudantes, pela casa dos amigos; lá fazia as suas refeições e, não raro, dormia. Entretanto, fartava-se bem depressa de todas as *pensões* onde oficialmente residia, e mudava-se a cada passo. O seu temperamento irrequieto trazia-o num perenne descontentamento — e pode dizer-se que elle viveu toda a sua vida a mudar-se ou a querer mudar-se de casa, oscillando, com amargura, a respeito de todas as coisas, entre o tédio sempre renascente e o desejo nunca aplacado.

Não se infira, agora, dos traços que aqui venho evocando, que Raymundo tenha sido assim uma especie de *bicho de concha*, perpetuamente arredado de toda convivencia, perpetuamente a sós com as suas imaginações e as suas tristezas. Possuia amigos, e não em numero muito pequeno, amigos a quem queria com todas as delicadezas e todos os excessos de um coração mimoso e abundante. A roda que frequentava, a roda das suas cavaqueiras e das suas rapaziadas, compunha-se de moços cujos nomes se haviam de impôr mais tarde nas letras, na politica, na magistratura: Silva Jardim, Assis Brasil, Theophilo Dias, Julio de Castilhos, Pedro Lessa, Augusto de Lima, Va-

Valentim Magalhães      Essa roda brilhante exerceu, por certo, alguma influencia no espirito do nosso poeta; quando menos, a influencia do estimulo criado pelo contacto ardente de tanta juventude imaginosa, pensadora e entusiasta. Segundo, porém, Valentim Magalhães, tal influencia não se limitou a esse vago papel: penetrou mais fundo a alma do poeta e torceu o proprio curso evolutivo da sua vida moral. Ao chegar a S. Paulo, Raymundo, que tivera uma educação carregadamente religiosa, era catholico praticante; era, em politica, conservador, e, em literatura, romantico, á moda do tempo. Dentro em pouco, abandonava a igreja e o throno, e reformava de alto a baixo a sua arte. Valentim Magalhães attribue essa triplice mudança aos influxos da camaradagem intellectual que o poeta mantinha com aquelle grupo de revolucionarios terriveis. Pode ser que tenha razão; mas, como já vimos, Raymundo era em tudo o homem das mudanças successivas. Como quer que seja, o que é certo é que sacudiu a carga das idéas com que viera, deixou de ir á missa — e um bello dia, querendo levar a Valentim um punhado de framboezas rubras e appetitosas, levou-lhas embrulhadas no seu diploma de vice-presidente do Circulo dos Estudantes Catholicos.



No que nunca mudou foi nos aspectos fundamentaes do character. Tinha-o bem constituido, rigido e sem molas. Se o seu sêr, pela inconstancia, pela fantasia, pela inquietação continua, era comparavel ao mar incerto e agitado, o seu character moral era o rochedo inabalavel batido dos macaréus atormentados e envolvido na renda cambiante das espumas. Mudando frequentemente de residencia, mudando de idéas, mudando de profissão, nunca deixou de ser o mesmo homem puro que tão admiravelmente soube alliar a uma larga e bondosa intelligencia da vida a mais severa intransigencia na disciplina do dever. Desprovido de recursos além da exigua mesada que lhe fazia a familia, conseguiu concluir os preparatorios, cursar as aulas da Faculdade e receber o grau a custa de penosos esforços, sem ter sequer, ás vezes, o necessario para a aquisição de livros. Formado, foi promotor publico no interior de S. Paulo, andou tambem por Minas e Rio, foi professor do Collegio Pedro II, foi secretario de legação em Lisbôa, — viveu uma vida pratica muito instavel e precaria, como precaria e instavel fôra a sua vida de estudante. Ha algum tempo, fixou-se no Rio, onde exerceu durante varios annos e até

às proximidades da morte o cargo de pretor e o de juiz. E foi um magistrado exemplar.

Pelo seu excesso de escrúpulos, pelo seu ardente, devorador desejo de exacção meticolosa, pelo seu terror de errar e pela sua casta e generosa bondade, *viveu* a sua magistratura, como *viveu* a sua arte, adaptando, conformando, violentando a sua personalidade, num esforço tenaz e heroico de todas as horas, para fazer de si, completamente, absolutamente,—um magistrado. O seu primeiro gesto, ao entrar para a carreira, define o homem. A vara que lhe coube era considerada como uma das mais rendosas: desde, porém, que elle assumiu o exercicio, a renda baixou immediatamente a uma insignificancia — porque o poeta, ao mesmo tempo que distribuia justiça ás partes, não se esquecia nunca do quinhão que tocava ao juiz, e mandava devolver todo o excesso das custas que não estivessem rigorosamente pautadas pelo regimento. Preoccupação bem caracteristica, num juiz novato, essa de aprender, antes de tudo, o manejo do regimento de custas! Cada processo em que funcionava, grande ou pequeno, elle o estudava com o mesmo cuidado, a mesma paciencia, o mesmo desejo imperioso de acertar; e como os processos eram sempre muitos, Raymundo não teve mais tempo, nem

vontade, nem consciencia para ser outra coisa senão juiz.

Pensa-se geralmente que os poetas são umas criaturas curiosas, muito boas para serem lidas, ás vezes, mas que no final das contas não prestam para nada. Raymundo demonstrou, foi mais um a demonstrar praticamente que para alguma coisa sempre pode prestar um poeta: para occupar, por exemplo, com rara e admiravel nobreza uma posição na magistratura; para ser um juiz austero, capaz, operoso e modesto; um juiz que não se doe da sua pobreza, antes agrava-a conscientemente; que foge ao fausto, que aborrece a publicidade, que ignora o caminho das ante-camaras officiaes, que se affaz aos deveres do cargo como á pratica suave e tranquilla dos habitos quotidianos, e cuja alma profunda e melindrosa, grave e doce, meditativa e sensível, respira, entre o recolhimento do lar e a obscuridade do pretorio, uma atmospherá bonançosa de idealidade superior, inaccessible ás emanações corruptoras dos brejos e dos marneis da vida.

Entrando para a magistratura, Raymundo mais uma vez mudou-se de casa... Mas, desta vez, definitivamente. Abandonando as letras, nas quaes vivera tantos annos, esse poeta admiravel, querido, festejado, quasi popular, não quiz dahi

para deante ouvir falar, sequer, em poesia, como quem deixou uma residencia de onde traz apenas recordações afflictivas. Dir-se-ia que o seu passado literario o entediava como a lembrança de uma enfermidade e que os seus triumphos de outrora lhe punham como remorsos. Em parte, o seu afastamento se explica pelo excesso de trabalho que as funcções de juiz, interpretadas com tamanho rigor, lhe impunham todos os dias. Mas essa aversão? Essa aversão devia ser um resultado do antigo e terrivel desequilibrio nervoso, que se lhe aggravava de mais em mais com o andar do tempo e tanto contribuiu para lhe apressar o termo da desconsolada existencia. Seja como fôr, esse afastamento e essa aversão estão perfeitamente na logica da sua vida, como acabamos de vêr, e inteiramente na logica da sua obra, como vamos vêr agora.

## II

O temperamento e o caracter de Raymundo Corrêa espelham-se na sua obra, não aqui e alli, neste ou naquelle aspecto, nesta ou naquella particularidade, mas em todos os aspectos sob os quaes ella se possa encarar, em todas as particularidades a que desça o nosso exame. O retrato que acabámos de esboçar

grosseiramente completa-se pelo estudo dessa obra. A imagem cujos traços apanhámos através dos elementos biographicos esparsos, encontram-a reproduzida nos livros do poeta; e aqui o trabalho de analyse confirma todo o resultado daquella synthese.

A primeira phase da vida espiritual de Raymundo, anterior ao curso de direito, é representada pelo livro dos "Primeiros sonhos", livro dos dezasete annos, do qual disse Machado de Assis: "... versos da adolescencia, em que, não Hercules menino, mas Baccho infante, agita no ar os pampanos, espera de crescer para invadir a India" A mudança que se lhe operou no espirito, mercê da camaradagem com a mocidade intellectual do tempo, em S. Paulo, marca-se pelo contraste entre os "Primeiros sonhos" e as "Symphonias", que se lhes seguiram poucos annos depois. "Primeiros sonhos"! "Symphonias"! Estes titulos por si sós dizem tudo. No primeiro sorri timidamente a ingenuidade de uma adolescencia sonhadora, abeberada de literatura sentimental; do segundo transparece a posição nova e resoluta do espirito que rompeu com o passado e se afinou pelo diapasão do tempo. Já não são as candidas magoas de um coração imaginario, as desillusões convencionaes do amor e da vida, os affectos illusorios de uma alma de empréstimo que hão de

vibrar em melodias ternas e faceis; o que vai guiar a mão agilima do poeta ao ferir as cordas é, antes de mais nada, a preocupação ardente *da propria musica*, é o culto angustioso e encantador *da propria arte*, é o aneio da criação esthetica, e, depois, um modo todo differente de encarar o universo e a vida, uma concepção mais séria e mais consciente da poesia, uma renovação completa de attitudes espirituales e de processos. A influencia de Gautier, Banville, Hugo e Leconte, românticos ainda pela maior parte, mas *artistas* antes de tudo e revolucionarios, penetrou de então para diante, e definitivamente, o espirito do nosso poeta. E Raymundo ficou sendo um lyrico de forma parnasiana, ou um parnasiano de alma romantica; o que vale dizer que ficou sendo elle proprio, inconfundivelmente, e de tal maneira que o poeta, que vimos na sua vida, é em tudo o mesmo homem que observamos na sua obra.

Ahi está, nessa obra, aquelle seu alheamento da vida exterior, aquelle seu viver afastado e ensimesmado, manifestando-se na aguda subjectividade da maior e da mais bella parte da sua poesia, a qual, mesmo quando se apresenta sob os aspectos plasticos da arte parnasiana, quando parece voltada para fora, a receber e elaborar as impressões exteriores, as suggestões da linha, da côr, do som, do mo-

vimento, não faz, a maior das vezes, senão pintar, segundo os modelos internos da imaginação, paisagens exóticas e figuras irreaes. Ahi está a sua fina sensibilidade nervosa revelando-se a cada passo no movimento vivo, no incomparavel movimento, por vezes afflictivo e frenetico, dos seus versos, na variabilidade inexgotavel dos seus rhythmos. Oh! os admiraveis recursos de technica, de que Raymundo dispunha! Só elles forneceriam assumpto para uma longa palestra. O seu verso alado e irisado nos dá a impressão do vôo de uma borboleta assustada... Tem algo de atormentado, de soffrego, de tatalante e dolorido. O rhythmo estiraça-se aqui, alli se retrae, revoluteia acolá, e despedaçá-se; dorme e resôa como nota perdida de um velho piano plangente, salta como uma estilha de luz, revolve-se mollemente como a desarticulação elastica de um acrobata; é soluço, é gargalhada, é grito, é arrulho, e toda essa successão é rápida, rápida como a impaciencia, como a inquietação, como a vibratilidade nervosa do homem. Ouçamos este trecho symphonico que elle consagrou á incontentabilidade sonhadora da juventude:

Tambem a borboleta,  
 Mal rompe a nympha, o estojo abrindo. avida e inquieta,  
 As antenas agita, ensaia o vôo, adeja;  
 O finissimo pó das azas espanija;  
 Pouco habituada á luz, a luz logo a embriaga;

Boia do sol na morna e rutilante vaga;  
 Em grandes doses bebe o azul; tonta, esquirece  
 No ether; vòta em redor; vai e vein; sobe e desce;  
 Torna a subir e torna a descer; e ora gira  
 Contra as correntes do ar; ora, incauta, se atira  
 Contra o tójo e os sarçaes; nas puas lancinantes  
 Em pedaços faz logu as azas scintillantes;  
 Da tenue escama de ouro os resquícios mesquinhos  
 Presos lhe vão ficando ás pontas dos espinhos;  
 Uma porção de si deixa por onde passa;  
 E, enquanto ha vida ainda, esvoaça, esvoaça,  
 Como um leve papel solto á mercê do vento;  
 Pousa aqui, vòta além, até vir o momento  
 Em que de todo, em fim, se rasga e dilacera...

Ó borboleta, pára! Ó mocidade, espera!

Tambem se encontra na sua obra o que  
 houve de delicada ironia e de *humour* sorridente,  
 entre as melancholias fundas e invenciveis  
 da sua alma. Sirvam de exemplo as graciosas  
 estrophes da « Musa aldeã »:

Um dia, na mais calmosa  
 Sazão, sob as laranjeiras,  
 Juntos e sós,  
 Ella, a noiva, ella, medrosa,  
 Trinou-me as juras primeiras,  
 Com doce voz.

E essa voz inda no ouvido  
 Me sôa, como o trinado  
 De um rouxinol,  
 E ainda, sôbre mim pendido,  
 Lhe vejo o rosto corado  
 De pejo e sol.



E um beijo      Mas não se zangue  
 O noivo, que eu não cobiço  
                  Sua mulher.  
 Prudencia ! Effusão de sangue  
 Não haja, que a trôco disso  
                  Ninguem na quer.

Um beijo por fim se esquece  
 E ella, hoje, que está casada,  
                  Tudo esqueceu;  
 E' como se não se desse  
 O beijo e mais nada, nada  
                  Do que se deu.

Humorismo franco, voluntariamente chistoso, o poeta raramente o fez. Nesse genero, que nunca cultivou, e apenas uma vez por outra abordava, como por desfatio, só lhe conheço duas ou tres composições.

Ouçamos o

### Amor que passa

Maria, amar-te, pensando  
 Do meu amor ver-te escrava;  
 Pensar que te possuí;  
 E depois perder-te, quando  
 Pensei, como já pensava,  
 Que era bem senhor de ti;

Perder, Maria, os teus beijos  
 Desejados, não lograr  
 Satisfazer mil desejos  
 E o que ha mais a desejar;

Deixar de ver o teu rosto;  
 Deixar de te ouvir o carne  
 Da voz cheia de paixão...  
 Foi tudo um cruel desgosto;  
 Mas enforcar-me, afogar-me,  
 Matar-me por isso, não!

Termo não puz aos meus dias,  
 Causasse-te embora dó;  
 No mundo ha muitas Marias  
 E eu tenho uma vida só.

Agora, este soneto:

### Era no outomno

E' noite. Muita luz. Salão repleto  
 De gente. «O' gentes, pois ninguem recita?»  
 A voz do conde, entre outras vozes, grita.  
 «Recite alguma cousa, seu Barreto».

Este Barreto é um homem de bonita  
 Cara, soiças e bigode preto.  
 Se talo no nariz, elle se irrita;  
 Nem cabe tal nariz neste soneto!

E' poeta. Ama o pão molle e o verso duro.  
 Uma perna quebrou, saltando um muro.  
 Sofre do peito e faz canções á lua.

Sôa o piano. Súa o bardo. A fria  
 Mão leva á testa; tosse e principia:  
 Era no outomno, quando a imagem tua...»

O poeta passa rapidamente desses crystal-  
 linos e desanuviados brincos para a mais pro-  
 funda e sombria tristeza philosophica ou para  
 as mais violentas revoltas da personalidade,  
 a expandirem-se em blasphemias e sarcasmos. A'

variabilidade dos seus *rhythmos* corresponde uma não menor variabilidade de estados de alma e de consciencia. A natureza impressionavel do homem não lhe permite nenhuma monotonia na obra — como na vida. Aqui, um soneto erótico desenrola-se em curvas serpentinadas, faiscando; ali, um grupo de estrophes contemplativas, repassadas de doçura e de paz, semelha a espelhante serenidade de uma agua dormente; além, a piedade humana se commove com o romance de um monge triste, e fixa-o num soneto justamente reputado como joia digna do escriptorio dos florilegios; acolá, um *scherzo* melodico exprime um suave alvoroço de ternura amorosa, jovial e clara, seguido logo de um amplo, vigoroso trecho symphonico onde a vida profunda de um espirito se levanta em anceios religiosos e em extases largos:

### Contemplação

Todo o teu ser contemplo agora; e é quando,  
Só para o contemplar, até prescindindo  
Do meu; e enquanto o meu se vai sumindo,  
Vai o teu ao meus olhos avultando..

Assim quem vai o pinheiro galgando  
De uma alta serra, do horizonte infindo,  
Nota que, á proporção que vai subindo,  
Se vai em torno o circulo ampliando..

E, infimo em face de amplitude tão grande,  
Fosco, a pupilla com pavor expande...  
Abaixo mares vê, selvas, cidades,

Montanhas.. E até onde o olhar attinge,  
A' immensidade esplendida que o cinge  
Vê ligarem-se mais immensidades..

Na variedade, porém, das notas feridas pelo nosso poeta, uma se destaca, soturna e amarga, a persistir através de grande numero de composições, e a accentuar-se de mais em mais, como um *leit-motiv* fatidico. E' a nota da melancolia incuravel: o desengano dos homens e do mundo; o sentimento, sempre presente, da fatalidade do mal e da morte, da inutilidade do esforço, do vazio da existencia; o pessimismo moral e a tristeza mystica. Esse pessimismo, que literariamente se condensou em sonetos e poemas, traduziu-o Raymundo nas constantes preocupações moraes da sua vida, por duas maneiras: u.na, negativa, — esquivando-se, retrahindo-se, apagando-se; outra, positiva, — reagindo, por sua conta pessoal, como um protesto vivo, com a escrupulosa correcção da sua honestidade, com o absorvente cuidado que punha em que todos os seus actos fossem actos de consciencia, e com a sua bondade, a sua grande bondade sempre despendida — comprehendendo, perdoadando, fazendo o bem. Aquella tristeza mystica — a tris-

teza dos largos vôos demorados e solitarios sobre os pincaros da vida espiritual, na contemplação philosophica das cousas, — aquella tristeza harmoniza-se perfeitamente com as linhas da organização moral deste sensitivo, que, numa terra onde toda a gente tem o direito de aspirar a tudo, a tudo renunciou, ás posições, aos bens materiaes e ás honras, ao poder e ao destaque, enclausurando-se no seu dever, na sua arte e nas suas affeições e envolvendo todo o carnaval tragico e miseravel da vida num movimento de desdem silencioso.

A teimosia com que os pensamentos dolorosos lhe voejavam em torno, reconhecia-a o poeta e tentava subtrair-se-lhe. Elle bem desejava que a sua «cogitabunda Musa» se voltasse tranquillamente para a pura contemplação esthetica do mundo, para as evocações do passado, para as cousas boas da vida.

De ciprio mosto cheia  
A taça ergui. Cogitabunda Musa,  
Fuge os pezares. Eia!

exclama elle na *Ode parnasiana*, convidando a sua inspiradora a um calmo passeio retrospectivo pela Grecia heroica. Já noutro lugar elle procura a «alegre e sadia Musa aldeã». Noutro, murmura para si proprio, num desses

frequentes monologos em que deixou rememoras  
radas as intimas lutas do coração incontenta-  
vel:

Venha, após tanta lagrima bebida  
E tanto fel provado, a doce e branda  
Alegria, onde a murcha flor se expanda  
Do sorriso e eu, de novo, torne á vida !

terminando por esta especie de exhortação di-  
rigida á sua alma, exhortação muito semelhante,  
no fundo, ás imprecações com que costumam-  
os excitar a vontade vacillante ou inerte:

E livre assim desta mortal tristeza,  
Desfeita em hymnos, vá pela floresta...

Vá pelo mar... vá pelo azul a fora,  
Derramando por toda a natureza  
O pouco de illusões que ainda me resta.

Em outro ponto, aneia por fugir para  
mais longe ainda, muito mais longe, num so-  
neto de tormenta e de amargura que é por  
si mesmo o primeiro desmentido de tão bal-  
dado esforço :

Homem, embora exasperado brades,  
Aos ceus (bradas em vão e te exasperas)  
Ascendo, arrombo-me ás immensidades  
Onde estruge a alleluia das esferas...

Cá baixo que ha ? traições e iniquidades,  
As tramas que urdes e os punhaes que aceras !  
As féras nos sertões, e nas cidades  
Tu, homem, tu, ainda peor que as feras !

Cá baixo : a Hypocrisia, o Odio sanhudo  
 E o Vicio com tentaculos de polvo..  
 Lá cima : os céus.. Dos céus o olhar não desço.

Homem, bicho da terra, hediondo é tudo  
 O que eu conheço aqui ; eis porque volvo  
 O olhar, assim, para o que não conheço !

E sua alma parte, e plana suspensa nas azas do sonho por sobre a floresta, o mar e o céu, e ascende ás esferas, e nada no ether, mas para voltar logo, mais sombria do que antes, ao angustioso recolhimento da sua natureza cogitabunda. Ella não encontra em parte alguma essa «paz de espirito», essa «intima alegria»

Que debalde entre os homens se procura

e que é a unica cousa que o poeta inveja a Horacio Flacco, dentre tantas que lhe admira. Embalde tenta elle apontar a sua alma o caminho sereno da resignação, impôr-lhe a aceitação da vida, ensinar-lhe o sorriso estoico deante da fatalidade e do mysterio, acostumar-a ao chão que pisa, sem olhar para a fealdade humana e sem interrogar a mudez divina. Embalde lhe reitera os appellos, os conselhos, as instigações. Em vão lhe diz, por exemplo, no tom amavel e commovido de quem fala a linguagem da sabedoria e da piedade a uma criatura desgrenhada e tonta:

## Psyche

Seu labio a tua sêde e intenso ardor,  
 Como a frescura de uma fonte, acalma;  
 Venceste-a, amante; e a porfiosa palma  
 Colheste, em beijos, no seu labio em flor.

Deu-te noites ideaes, sob o esplendor  
 De um céu de nupcias — tenda azul, tão calma,  
 Tão limpida, tão pura!... E deu-te (ó alma,  
 Que mais des-jas?! ) todo o seu amor!

El-e, o amor, na pro genie perpetúa  
 Essa em que te incendeias sacra flamma,  
 — Bafo immortal dos deuses immortaes.

E essa immortalidade é tua, é tua!...  
 E essa immortalidade elle a proclama  
 Em ti! O' alma, que desejas mais?!

O desgosto, o nojo e a amargura crescem com o transcorrer do tempo, como um diluivio negro. Não é apenas um pessimismo vago e sentimental que transparece dos versos: é, além disso, uma desesperada desillusão religiosa e uma dolorida inadaptabilidade ao commercio dos homens. Raymundo, quando embrulhava aquellas framboesas no seu diploma de vice-presidente do Circulo dos Estudantes Catholicos, não calculou que iria no meio dellas um pedaço do seu coração e um pouco do seu quinhão de felicidade. Ficou sendo um incredulo, mas um desses incredulos tão pouco seguros da sua descrença, que a cada passo precisam de affirmal-a aos brados, com uma



energia feita de inquietação e de amargura. Sente a necessidade de negar, de satirizar, de invectivar a Deus, o «Impassível», o creador indifferente á sorte das creaturas. Ataca-o com uma paixão fremente de adversario pessoal, por uma maneira muito semelhante áquella por que se queixa da maldade humana. Nesta, são certos aspectos bem definidos que lhe desagradam; notavel a insistencia com que manifesta a sua repulsa por determinados vicios e defeitos que, na verdade vulgares, á sua acrimoniosa irritabilidade se afiguram communs a toda a gente. A cada passo repontam, enquadrados em phrases de asco, de tedio, de revolta, os nomes de *inveja*, *hypocrisia*, *falsidade*, *traição*. Raymundo é um Alceste novo, perpetuamente a soffrer com os defeitos alheios e só encontrando nas proprias virtudes motivo para maior exacerbação das suas penas.

Assim, naturalmente, a idéa de morte, de ~~morte~~-redempção, vem tental-o, obsedal-o; e numa das suas poesias dos ultimos tempos, Raymundo resume por esta forma o estado do seu espirito, condemnando a vida que tanto quiz amar e não pôde:

### Horoscopo

Tú baterás da Gloria á porta que scintilla ;  
E em vez della, ha de vir o Vilipendio abril-a;  
—Sem uma estrella só, erratica, a tremer  
No céu negro, e de luz sequioso, irás bater

A' porta do palacio onde a Razão fulgura;  
 E a Razão não virá abrir, mas a Loucura!  
 —A' porta baterás da Virtude; e ha de vir  
 Com uma gazua o Crime a sacra porta abrir!  
 —Do Olvido á porta irás bater... Mas sobre o Crime  
 Não dormirás! O atroz Remorso, que supprime  
 O somno ao criminoso, ha de a essa porta estar!  
 —Desanimado já, depois de, sem cessar,  
 A tanta porta, em vão, bateres desta sorte,  
 Baterás á da Morte, emfim...

Bem haja a Morte,  
 Que a não deixou de abrir, jamais, a um coração  
 Cançado de bater e de esperar em vão!

O desejo e a esperança do aniquillamento completaram por ventura o que faltava na sua velha tendencia ascetica, para que ella se traduzisse na sua vida pela renuncia daquillo que elle mais amava, talvez: a sua arte. E elle fugiu definitivamente á poesia, numa especie de suicidio literario.

### III

Acabámos de ver como a individualidade de Raymundo Corrêa se reflecte duplamente na sua vida e na sua obra. Cotejam-se as imagens, e acham-se iguais. E' uma constatação importante, quando se trata de avaliar um poeta, esta de que a sua arte foi apenas um dos aspectos da sua vida. Isto nos leva a relel-o, a examinal-o, a estudal-o com maior sym-

pathia e com maior interesse; e, por outro lado, a emoção que os seus versos nos transmitem se torna mais penetrante, mais encantadora, mais saborosa. E isto acaba de nos convencer de que elle foi, realmente, um verdadeiro e grande poeta.

Esta constatação é ainda importante, porque nos leva a um acto de reparação e justiça. Raymundo, superficialmente observado no conjunto da sua obra, parece, á primeira vista, um poeta mais brilhante do que original, um talento mais verbal do que creador; e esta é, se me não engano, a opinião que muitos formam a seu respeito. Dá-nos a impressão de em espirito, ricamente dotado sob certos aspectos, que lutava por se completar, por se *realizar* de accordo consigo mesmo, e não o conseguia, vivendo sempre na dependencia de diferentes modelos e ao sabor de correntes oppostas. Observando melhor, percebe-se que a versatilidade do poeta na escolha dos assumptos e no modo de os tratar, que a facilidade, por exemplo, com que passava do impessoalismo parnasiano para o devaneio romantico, do soneto objectivo, facetado, lavrado, ornado como uma joia para as estrophes subjectivas fluctuantes, imprecisas e embaladoras como uma sonata sentimental, — bem longe de trair uma subalternidade mediocre e um diletantis-

mo inconsciente, era um effeito *necessario* do seu temperamento e um reflexo *inevitavel* do feitio do seu espirito inquieto. Era, sobretudo, um resultado da sua extrema impressionabilidade de artista, que lhe gravava profundamente as emoções recebidas na leitura dos autores predilectos, — como energicamente lhe gravava as emoções da vida. Demais, quer sob a influencia de Victor Hugo, quer sob a de Leconte, quer enamorado de Rollinat, quer seduzido por Banville, Raymundo nunca foi um echo, uma duplicação, um caricatura de nenhum delles: foi, sempre e sempre, de maneira inconfundivel e admiravel, — Raymundo Corrêa. Leia-se qualquer das suas composições melhores ou, por assim dizer, definitivas, — sejam quaes forem a natureza da sua inspiração e os processos da sua execução, — e encontrar-se-lhe-á seguramente, além de um ar de espontaneidade flagrante, um conjunto de qualidades peculiares, mais faceis de sentir do que de analysar, que para logo nos darão a certeza de estarmos lendo um poeta que não é nenhum dos outros que conhecemos. Exemplifiquemos com as *Pombas* e o *Mal secreto*. Nas *Pombas*, a idéa é uma reminiscencia de Gautier; no *Mal secreto*, a idéa pertence inteira ás conhecidas quadrinhas de Metastasio:

Se a ciascun l'interno affano  
 Si leggesse in fronte scritto,  
 Quanti mai, che invidia fanno  
 Ci farebbero pietà. . . . .

Dessa circumstancia se têm aproveitado os eternos catadores impotentes de nugas da obra alheia, os eternos chicanistas do alheio merecimento, para pôr tacha no renome do nosso poeta e até para indigitar impertinente-mente não sei que furos na couraça rija da sua inteireza moral. Dupla injustiça, forrada de uma tolice. Que vale, em si, a idéa das *Pombas*? — «Desperta uma pomba, e parte; parte outra; dezenas de pombas partem do pombal ao raiar da madrugada. A' tarde, quando o vento norte sopra, ellas voltam alegres ao pombal, em bando. Assim do nosso coração partem os sonhos; voam, fogem. Mas as pombas voltam ao columbario de onde sahiram, e os sonhos não tornam mais ao coração...» — E' de Gautier esta famosa idéa! Mas porque não será tambem de todo o mundo? Que ha ahi de raro, de extranho, de novo? Qual de nós, sem ser aquelle nababo da imaginação, não estaria no risco imminente de lançar essa idéa, julgando-a sua, por uma forma ou por outra, numa cartinha de amor, numa conversa sentimental, num soneto, num acrostico? O que bem poucos poderiam fazer, era pegar nessa

larva informe e fazer della uma borboleta admiravel, mimo de polychromia radiosa, encanto aéreo, obra prima da eterna poesia alliada á forma perfeita. O mesmo se dá com o *Mal secreto*, onde vemos duas quadrinhas inoffensivas e sensatas, de um feitio pedagogico e fradesco, desenvolverem-se num soneto magistral, desdobrarem-se, irizarem-se, vibrarem como azas largas e fortes, na tormenta da vida, no esplendor e na voluptia da arte:

Se a colera que espuma, a dôr que mora  
Na alma, e destroe cada illusão que nasce;  
Tudo que punge, tudo que devora  
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espirito que chora  
Ver através da mascara da face;  
Quanta gente, talvez, que inveja agora  
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, comsigo  
Guarda um atroz, recondito inimigo,  
Como invisível chaga cancerosa.

Quanta gente que ri, talvez, existe  
Cuja ventura unica consiste  
Em parecer aos outros venturosa!

Raymundo Corrêa traduziu muito: um dos seus livros intitula-se justamente « Versos e Versões ». Mas, ainda traduzindo, elle affirmou a sua personalidade, e por duas maneiras: em regra, só traduziu versos que afinavam com

a sua sensibilidade e com o seu espirito, versos que *podiam ter sido* originalmente da sua lavra; e, trasladando esses versos para a nossa lingua, infundia-lhes tanta vida, enchia-os de uma emoção tão fresca, tão sentida, tão espontanea, que se pode dizer que Raymundo não traduzia, — re-criava a obra alheia. Leiamos, para exemplo, esta soberba paraphrase de Hugo:

O dia accorda. Deus, por uma fresta  
Das nuvens a espreitar, ri-se. A floresta,  
O campo, o insecto, o ninho sussurrante,  
A aldeia, o sol que tinge a serrania...  
Tudo isso accorda, quando accorda o dia  
No fresco banho de ouro do Levante.

Deus sonha! Vasa os olhos d'agua; pica  
As arterias da terra; o liz fabrica;  
E da materia sonda o fundo ovario.  
Pinta as rosas de branco e de vermelho,  
E faz das azas vis do escaravelho  
A surpresa do mundo planetario.

Homens! As ferreas naus de velas largas,  
Monstros reveis, formidolosas cargas,  
Do bruto oceano arfando ás insolencias;  
Extenuando os ventos, e nos flancos  
Largo exame a arrastar de frocos brancos  
De escuma, e raios e phosphorecencias...

Os estandartes de arrogantes pregas;  
As batalhas, os choques, as refregas;  
Nauseas de fogo de canhões sangrentos;  
Feroz carnificina de ferozes  
Batalhões — bando espesso de albatrozes  
De aza 'espalmada e aberta aos quatro ventos...

Comburentes, flammivomas bombardas,  
 Ignea selva de canos de espingardas,  
 Estampidos, estrepitos, clangores;  
 E, bebado de polvora e fumaça,  
 Napoleão que galopando passa,  
 Ao rufar de freneticos tambores;

A guerra, o saque, as convulsões, o espanto;  
 Sebastopol em chammas; de Lepanto  
 O vau de lanças e clarins repleto...  
 Homens! Tudo isso, enquanto recolhido  
 Deus sonha, passa e sôa ao seu ouvido  
 Como o rumor das azas de um insecto!

Raymundo constitue um vivo exemplo de como pode um poeta ser original sem o querer... e quasi sem o parecer. O seu caso serviria de poderosa illustração á these de que a originalidade não se adquire, se essa these ainda carecesse de demonstração. Elle não foi um caçador de idéas extranhas; os seus sentimentos são sentimentos normaes e communs; a sua philosophia é quasi tão velha como o mundo; a sua arte soffreu influencias bem conhecidas; não ha unidade de pensamento, não ha plano algum, não ha combinações constructivas nos lineamentos fugidios da sua obra, toda fragmentaria. Entretanto, Raymundo é um poeta originalissimo entre os poetas brasileiros: antes d'elle, nenhum, absolutamente nenhum, se vê com feitio e traços que se possam, particularmente, approximar dos seus; depois d'elle nenhuma physionomia parecida com a sua se



mostrou ainda. Não é difficil encontrarem-se poetas que reproduzam, por vezes com surpreendente habilidade, as attitudes e os gestos de um Bilac ou de um Alberto de Oliveira, — o que de modo nenhum quer dizer que os igualemente; ainda não se encontrou quem imitasse a Raymundo. A razão está em que este, psychologicamente, é talvez o mais complexo dos nossos grandes poetas. Seria um problema o descobrir, enumerar e classificar os elementos da sua poesia, e deduzir a receita segundo a qual ella se compunha.

A sua technica, a sua simples versificação, já é de uma notavel complexidade. Elle usou, sobretudo, a redondilha, o decassyllabo e o alexandrino; mas, nessa escassa variedade de metros, que maravilhosa variedade de rhythms, inteiramente sem rival no nosso idioma! Neste ponto, o seu merecimento coincide com a sua originalidade. Nós sabemos o que valiam os nossos poetas, ha trinta annos, como *musicos*. A parte *material* do verso, para elles, era, quasi sempre, independente da idéa, da emoção, das sensações contidas na phrase: um rhythm bem cadenciado, uma tal ou qual sonoridade na distribuição dos timbres, e prompto! lá ia o monotonó *trololó* a bater as suas martelladas para 'encanto dos ouvidos, ao passo

que as palavras desempenhavam de seu lado a augusta missão de se dirigir á consciencia do ouvinte:

Se de ti fujo, - e me desvio - cauto -  
 Da luz - de fogo - que te cerca, - oh bella!  
 Comtigo dizes, - suspirando - amores :-  
 «Meu Deus, - que gelo, - que frieza - aquella!»

Esta arte simples e ingenua dista das complicadas orchestrações de Raymundo Corrêa, como a melodia singella de uma cantiga differe das torrentes de sons de uma symphonia. Em Raymundo, o rhythmo e a sonoridade não são um mero *acompanhamento* da poesia, mas alguma cousa de muito intimo e de muito significativo; são a propria poesia traduzindo-se pelas combinações dos tempos e dos timbres, ao mesmo passo que se traduz pela expressão verbal. O nosso artista deixou nas suas composições, não a sua simples *palavra*, ~~amorta-~~lhada na rigidez opaca da letra de fôrma; deixou tambem com ella, no ambito morto das estrophes impressas, como uma chamma inquieta no fundo de uma caçoula de pedra, a propria *emoção* de que a phrase brotou, o resplendor fugitivo da vida prosodica, a ondulação musical de linguagem falada, o tom, o *accento*, o *colôr*ido emocional do discurso. De tal forma que, para se dar vida aos seus versos, dizendo-os em voz alta, não é essencial um trabalho previo

de interpretação: elles proprios se encarregam de vibrar convenientemente; basta que lhes emprestemos a nossa voz. Leia-se, por exemplo, — um exemplo entre tantissimos! — o seu soneto *Sosinha*, cujo valor, puramente emotivo, é tão leve e tão melindroso, que se esvahiria com certeza, na manipulação da forma, dentre mãos que não fossem tão ageis, tão brandas, tão sensiveis como as desse maravilhoso artifice:

### Sosinha

E' tarde, e elles não veem! O dia finda,  
E, extinto, archote, tomba o sol... A' estrada  
Lança os olhos, anciosa, e não vê nada!  
Recolhe-se á cabana, e espera ainda...

Cerra-se a noite em toda a curva infinda  
Dos ceus... E elles não voltam da caçada!  
E ella tão só!... Já pende fatigada,  
Cheia de somno, a sua frente linda.

Dorme. Alta noite accorda. Os cães latiam  
Fora, e julgou ouvir, confusamente,  
Como um tropel na solitaria rua...

Antojou-se-lhe logo que seriam  
Elles, e a porta abriu... Ningnem! Somente,  
Por trás da serra, ia-se erguendo a lua...

Leiamos agora

### O vinho de Hebe

Quando do Olympo nos festins surgia  
Hebe risonha, os deuses majestosos  
Os copos estendiam-lhe, ruidosos,  
E ella, passando, os copos lhes enchia...

A mocidade, assim, na rubra orgia  
 Da vida, alegre e prodiga de gosos,  
 Passa por nós, e nós também, sequiosos,  
 Nossa taça estendemos-lhe, vasia...

E o vinho do prazer em nossa taça  
 Verte-nos ella, verte-nos e passa...  
 Passa, e não torna atraz o seu caminho.

Nós chamamol-a em vão; em nossos labios  
 Restam apenas tímidos resabios,  
 Como recordações daquelle vinho.

Destes sonetos transparecem claramente as qualidades dominantes da forma, ou as qualidades *exteriores* da arte de Raymundo: o movimento e a graça. Não ha quem tenha feito versos de mais vario andamento em lingua portugueza, nem mais elegantes. Lendo-os ou ouvindo-os, temos a impressão de alguma cousa que surge com o impeto suave e a flexuosa gracilidade do vôo de um passarinho, vôo que traça curvas caprichosas no ar, descae, arroja-se, redemoinha e ziguezagueia, e não pára, nem se repete. Juntam-se a isto os outros caracteres distinctivos da sua forma: a riqueza de onomatopeas, a multiplicidade das suggestões que se accumulam nas palavras, a infinita gamma dos meios-tons, dos matizes, das tintas indefiniveis, — iris admiravel que se vai descobrindo á proporção que nos vamos familiarizando com os seus processos. Raymundo, escrevendo ha

mais de vinte annos, influenciado (mas não dominado) pelos rigores da technica parnasiana, dir-se-ia quasi um precursor ignorado do symbolismo.

Essa complexidade se estende a tudo mais. Já alludi ás variações incontaveis do seu sentimento, dos seus estados de alma, das suas maneiras de encarar o mundo e de praticar a sua arte. E' jovial e luminoso, e é triste e pessimista. E' epicurista e é estoico. E' sensual e é mystico. E' lyrico e egocentrico, e é parnasiano e impessoal; é dionisyaco, amando, odiando, soffrendo e cantando *dentro da vida*, deixando-se levar no aspero e voluptuoso turbilhão da vida, e é apollineo, impondo aos seus labores, num recatado apartamento de cenobita, os preceitos de ordem e de equilibrio, o numero e a graça. Mas longe iria eu se quizesse illustrar tudo isto com exemplos, proseguir nesta enumeração e dar a cada um dos seus topicos o desenvolvimento de que elle é capaz.

\*  
\* \*

E' forçoso parar. Não desejo, de modo algum, tornar-vos dolorosa esta homenagem, que devera ser singella e doce, ao nosso grande e amado poeta... O que eu vos acabo de lêr seria, apenas o borrão de um estudo de

Raymundo Corrêa, estudo em que se procurasse estabelecer a genealogia completa da sua obra, medir-lhe o grau de originalidade, assignalar-lhe a importancia em relação ao meio e á epoca, sondar-lhe a influencia exercida, e proceder á sua analyse litteraria: — estudo que eu talvez fizesse, se para tanto bastasse a minha admiração profunda e a minha commovida sympathy, unicas cousas que me elevam até o poeta.

Eu espero que todos vós participareis dessa admiração e dessa sympathy, se não as experimentaes ainda, desde que vos interesseis pela obra de Raymundo e procureis conhecê-la completamente. Dar-me-ei por satisfeito se houver contribuido um pouco para esse resultado.

Raymundo lamenta, numa das suas composições, que os poetas de hoje não mais consigam despertar e encantar as almas. Depois de evocar a morte de Orpheu, cuja lyra reanimava as proprias paizagens e arrastava as proprias feras, exclama com desalento que, hoje,

Passa o poeta, e o lugar por onde passa  
Jamais de flores carregado fica |

Desmintamos esse melancólico prognostico... Não, não, querido poeta! As flores sym-

bolicas de que falaste, as flores melindrosas e puras da emoção artistica, as flores do ideal ainda viçam e brilham nas almas, quando passa por estas, como um sopro morno de primavera, uma poesia como a tua!





## ALVARES DE AZEVEDO

Conferencia realizada no  
dia 13 de Novembro de 1912  
pelo sr. dr. Armando Prado.

### I

A Sociedade de Cultura Artistica não exige de seus conferencistas o dom da originalidade; quer apenas que elles sejam simples e fieis divulgadores do melhor que houver na obra dos poetas e prosistas brasileiros.

O conferencista deve, pois, limitar-se a destacar dessa obra um conjuncto de paginas escolhidas, a lel-as conscienciosamente, precedendo-as de rapido estudo biographico e critico do escriptor escolhido.

A biographia de Alvares de Azevedo e a critica de suas obras são materia quasi exgotada. Sylvio Romero e José Verissimo, além de outros estudiosos de nossas letras, já traram dellas abundantemente. Si esses dois criticos competentes não estudaram o thema por todas as faces que elle podia apresentar,

é certo que lhe analysaram os pontos de vista principaes, deixando apenas os secundarios á curiosidade dos que de futuro se abeirem das producções do genial poeta que elegi para objecto desta palestra.

A's duas horas da tarde do dia 12 de Setembro de 1831, alguns academicos, que sahiam de uma aula, ouviram extranhos vagidos que partiam da bibliotheca da nossa Faculdade de Direito.

— Temos mais um estudante, exclamaram elles.

Esse predestinado estudante era Manuel Antonio Alvares de Azevedo, que, por circumstancias fortuitas, acabava de nascer naquelle momento e em logar tão improprio.

Isto é o que uma lenda graciosa conta.

Almeida Nogueira, todavia, no setimo volume das *Tradições e Reminiscencias*, provou que Alvares não nasceu no ambiente severo da bibliotheca da Academia, mas veio ao mundo muito prosaicamente, numa casa da rua de S. Gonçalo, quasi ao desembocar no largo da Sé.

E' força, pois, nos resignemos a ver acabar-se, qual irisada bolha de sabão que arrebenta e da qual resta apenas uma gotta de agua pouco limpida, a lenda academica do nascimento de Alvares de Azevedo entre livros, cujo amor teria elle bebido nessa occasião,

para mais tarde revelal-o como uma das características de seu espirito e de seu papel na evolução da literatura nacional.

Alvares de Azevedo muito cedo se revelou um coração extremamente affectivo. Era elle bem criança quando lhe morreu o irmão.

Tamanho abalo este facto lhe causou que contrahiu uma febre que lhe prejudicou para sempre a saude.

Em 1840, o nosso poeta entrou para o collegio Stoll, no Rio de Janeiro.

«E' o melhor dos meus alumnos, affirmava o sr. Stoll, tanto pela intelligencia como pela amavel alegria, tanto pelo espirito como, sobretudo, pelo coração. E' admiravel a maneira pela qual fala francez, inglez, declama, conhece historia e sabe geographia. E' a mais bella esperanza do meu collegio, salvo quanto á gymnastica, em que é o ultimo dos meus alumnos. A continuar como vae, será um brasileiro que poderá hobrear com as primeiras capacidades européas.»

Em 1844, Alvares de Azevedo deixou o collegio, onde passára alguns annos estudiosos e alegres, e, depois de uma estadia em São Paulo, a conselho medico, para fortalecer a saude precaria, regressava ao Rio, para ser confiado aos cuidados do barão de Planitz, valente estudioso de historia e linguas e pro-

fessor do collegio Pedro II, onde o nosso poeta se matriculou e onde logo se distinguiu em conhecimentos philosophicos e historicos.

A vida collegial não foi luminosa para o nosso poeta. Por vezes lhe amargaram daquellas maguas que Raul Pompeia descreveu com tão sombrio colorido e tão pungentes emoções, no Atheneu.

Foi por entre os soffrimentos do internato que elle fez as primeiras tentativas poeticas e começou a envenenar-se lendo Byron e Musset.

Bacharel em letras em 1847, partiu para S. Paulo e matriculou-se na Faculdade de Direito.

« Ha uma cousa, dizia Alvares de Azevedo, citando Agostinho Thierry, que vale mais do que os gosos materiaes, mais que a fortuna, mais que a saude mesma — o sacrificio á sciencia. »

Esta sua phrase não era vã.

Alvares atirou-se com furia ao estudo e ao trabalho. Si, por um lado, se consagrou ao conhecimento da literatura, por outro, metteu hombros ao direito romano; decorou o nosso arido e volumoso codigo commercial e o analysou comparativamente com as legislações estrangeiras; fez-se notavel no conhecimento das sciencias sociaes; envolveu-se nos trabalhos

do fôro, nos quaes só uma difficuldade encontrava: a de adaptar-se ao estylo dos formularios.

A erudição, que em verdes annos já possuía, não era dessas casquinhas que á primeira pancada estalam e deixam vêr o latão que cobriam. Alvares de Azevedo, dispondo de bons livros, que, em abundancia, o pae lhe remettia do Rio de Janeiro, assimilara uma prodigiosa quantidade de noções que lhe permittiram chegar a ter uma idéa synthetica da historia, uma orientação philosophica e um notavel conhecimento das tendencias literarias da época, ás quaes se filiou, não ignorando os seus processos artisticos nem os seus defeitos. Sem ter ainda vinte annos de idade, citava, traduzia ou imitava os grandes pensadores e os maximos artistas do mundo, como sejam: Shakespeare, Tasso, Homero, Dante, Camões, Eschylo, Euripedes, Schiller, V. Hugo, Lamartine, Goethe, lord Byron, Alfredo de Musset, além de outros, de muitos outros.

Não contava elle então vinte annos, repito. Nessa idade, nós outros liamos Julio Verne e os contos da Carochinha.

Alvares de Azevedo não foi sómente um leitor teimoso e insaciavel; produziu intensamente, de modo que nos legou um bom numero de apreciaveis composições literarias em verso e prosa.

Uma das causas do exgotamento physico de Alvares foi o esforço que lhe custou este trabalho anciado.

« A esta minha agitação de espirito, confessa elle, sobrem ás vezes um marasmo invencivel, horas daquellas que os navegantes temem, em que a calmaria descáe no mar morto e as velas cáem ao longo dos mastros. »

A producção de Alvares de Azevedo foi tumultuaria e improvisada; dahi os seus defeitos.

Escrevia elle por vezes tão depressa que a letra de algumas das suas composições é illegivel. Raramente emendava, conforme confessa nesta oitava:

Frouxo o verso talvez, pallida a rima  
 Por estes meus delirios cambeteia,  
 Porém odeio o pó que deixa a lima  
 E o tedioso emendar que gela a veia!  
 Quanto a mim... é o fogo que me anima  
 De uma estancia o calor; quando formei-a,  
 Si a estatua não sahiu como pretendo,  
 Quebro-a, mas nunca seu metal emendo.

Lord Byron, que, como veremos, Alvares de Azevedo imitou em demasia, tinha um modo de pensar analogo ao que vem na estrophe ha pouco lida.

Sou como o tigre, dizia o poeta inglez, si em poesia me falha o primeiro salto, volto rosnando para o meu antro.

Alvares de Azevedo foi maior poeta do que artista.

Seria um erro pensarmos que Alvares de Azevedo haja passado sua vida de estudante exclusivamente fechado no seu quarto e debruçado sobre seus livros! Não; elle, que na infancia fôra uma alma alegre, pagou o seu tributo á bohemia academica, naquelle tempo barulhenta, extravagante e excessiva.

Que era S. Paulo na quadra em que o nosso poeta lhe palmilhou as ruas?

Responda elle mesmo pela bocca de Macario, um dos typos de sua criação.

Numa estalagem, Macario encontra com Satan; trava-se um dialogo, onde ha o seguinte trecho:

« *Macario*

Falta-nos muito para chegar?

*Satan*

Não. Daqui a cinco minutos podemos estar á vista da cidade. Has de vel-a, desenhando no céu suas torres escuras e seus cазebres tão pretos de noite como de dia, illuminada... mas sombria como uma eça de enterro.

*Macario*

Tenho ancia de lá chegar. E' bonita?

*Satan*

Ah! é divertida.

*Macario*

Por acaso tambem ha mulheres alli?

*Satan*

Mulheres, padres, soldados e estudantes. As mulheres são mulheres, os padres são soldados, os soldados são padres e os estudantes são estudantes: para falar mais claro, as mulheres são lascivas, os padres dissolutos, os soldados ébrios, os estudantes vadios. Isto salvo honrosas excepções, por exemplo, de amanhã em diante, tu.

*Macario*

Esta cidade deveria ter o teu nome.

*Satan*

Tem o de um santo: é quasi o mesmo. Não é o habito que faz o monge. Demais, essa terra é devassa como uma cidade, insipida como



uma villa e pobre como uma aldeia. Si não estás reduzido a dar-te ao pagode, a suicidar-te de spleen, ou alumiar-te a rôlo, não entres lá. E' a monotonia do tédio. Até as calçadas.

*Macario*

Que têm?

*Satan*

São intransitaveis. Parecem encaustoadas as taes pedras. As calçadas do inferno são mil vezes melhores. Mas o peor da historia é que as beatas e os conegos cada vez que saem, a cada topada, blasphemam tanto com o rosario na mão que já estou enjoado. Admiraste?! Porque abres essa bocca espantada? Antigamente o Diabo corria atrás dos homens, hoje são elles que rezam pelo Diabo.

*Macario*

Mas, como dizias, as mulheres.

*Satan*

Debaixo do panno luzidio da mantilha, entre a renda do véo, com suas faces côr de rosa, olhos e cabellos pretos (e que olhos e

que longos cabellos!) são bonitas. Demais, são beatas como uma bisavó; e sabem a arte moderna de entremear uma Ave-Maria, com um namoro e, soltando uma conta do rosario, lançar uma olhadela.»

A este lance é de acrescentar-se outro, extractado de uma carta em que Alvares, festejando o anniversario de sua irmã, lhe escreveu:

« Aqui o céu tem nevoas, a terra não tem verdura, as tardes não têm perfume. E' uma miseria! E' para desgostar um homem toda a a sua vida de ver ruinas! Tudo aqui parece velho e centenário, até as moças! São insipidas como a propria velhice. Adeus, minha irmã. A pagina nova da vida que se abriu hoje, seja tão feliz como a que se fechou hontem. O dia seja bello como a aurora, o futuro tão suave como a saudade é doce. Adeus! E' a palavra que *dentre as taipas em ruinas da nossa terra* te envia teu irmão Azevedo.»

Nessa S. Paulo burgueza, pacata, silenciosa e rezadora, a geração de Alvares, composta de uns moços muito impios, muito beberrões e muito barulhentos, deu uma nota de contraste, assignalando uma phase de agitação de idéas e de opiniões liberaes, durante a qual, no pensar de Sylvio Romero, occorreram os dous grandes phenomenos literarios da época: a in-

fluencia local na poesia e na prosa brasileira e sua libertação da imitação portugueza.

Em 1845, os academicos de S. Paulo fundaram uma sociedade chamada Sociedade Epicurea, cujo programma consistia em realizar os sonhos de Byron.

«Eram diversos os pontos em que nos reuniamos, esrceveu um dos socios do turbulento gremio, ora nos Inglezes, ora em algum outro arrabalde da cidade. Uma vez estivemos encerrados quinze dias em companhia de perdidas, commettendo ao clarão dos candieiros, por isso que todas as janellas eram perfeitamente fechadas desde que entravamos até que sahiamos, todas as sortes de desvarios que se podem conceber.»

Alvares pertencia á Epicurea.

Estudando intensamente, produzindo intensamente e intensamente bohemiando, Alvares de Azevedo chegou ao ultimo anno de seu curso academico.

Por essa época, um extranho presentimento o empolgou: o da morte proxima. Tão fixa era esta idéa que, Alvares, lembrando-se do fallecimento de collegas em annos anteriores, escreveu, na parede do quarto que habitava, o nome desses companheiros junto ao anno em que haviam morrido. Logo a seguir, gravou a

data de 1852 acompanhada de umas reticencias mysteriosas.

Como se originou essa previsão lugubre?

Eis aqui um problema que eu estudaria si esta conferencia pudesse durar mais de uma hora, sem fadiga para o auditorio.

Lord Byron, modelo de Alvares, era perseguido pela mesma obsessão.

Distrações e passeios, Alvares tudo abandonou para completamente entregar-se ao trabalho, como quem, desejando deixar memoria eterna de si, de pouco tempo dispõe para isso.

A ternura filial, que no nosso escriptor era vivissima, transformou-se numa affeição exaggerada e morbida, a tal ponto que despertou suspeitas no coração materno suspicaz e presago. A mãe de Alvares começou, desde então a espial-o, a aconselhar-lhe poupasse suas forças e trabalhasse menos.

Certa noite em que andava nessa missão piedosa, encontrou o filho a chorar deante de umas folhas de pepel onde havia elle lançado estes versos soluçantes :

Si eu morresse amanhã!

Si eu morresse amanhã, viria ao menos  
 Fechar meus olhos minha triste irmã;  
 Minha mãe de saudade morreria,  
 Si eu morresse amanhã!

Quanta gloria presinto em meu futuro,  
 Que aurora de porvir e que manhã!  
 Eu perdêra chorando essas corôas,  
 Si eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva  
 Accorda a natureza mais louçã!  
 Não me batêra tanto amor no peito,  
 Si eu morresse amanhã!

Mas essa dôr da vida que devora  
 A ancia de gloria, o dolorido afan...  
 A dôr no peito emmudecera ao menos,  
 Si eu morresse amanhã!

Os primeiros symptommas da molestia a que Alvares havia de succumbir manifestaram-se em março de 1852, que era justamente o anno fatidico assignalado pelo poeta na parede de seu quarto.

Depois de soffrer a dolorosissima ablação de um tumor na fossa iliaca, molestia de que morrêra seu irmão, o doente parecia restabelecer-se, chegando até a levantar-se do leito. Era, porem, a ironica visita com que a saude festeja os que vão morrer.

O mal aggravou-se.

Emfim, na tarde de 25 de abril de 1852, morreu Alvares, tendo pouco mais de 20 annos de idade.

Alvares de Azevedo foi um digno filho do seculo XIX.

Este seculo, proseguindo na obra já encetada contra os dogmas e as tradições do

passado, caracterizou-se pelas suas agitações e incertezas, pelo seu brilhantismo e pela sua nenhuma serenidade.

A revolução operada no saber e na actividade humana abalou, quando não destruiu, todas as crenças e conhecimentos, certezas e illusões das edades anteriores. As velhas hypotheses e doutrinas scientificas, as antiquadas affirmativas feitas pelas religiões immutaveis deante do enigma do universo, as leis politicas e a organização social dos seculos precedentes, tudo foi revolvido. Aos ideaes antigos outros foram substituidos que não corresponderam aos sonhos e esperanças da humanidade. Dahi o disequilibrio moral e, por consequencia, o soffrimento, a ancia, a blasphemia, o scepticismo e o desespero que formaram o ambiente desse centenario de transformações renovadoras, durante o qual tudo quanto parecia solido, assentado e definitivo foi trazido a inventario e a debate.

Os progressos da sciencia e da industria deslocaram de seus eixos a vida moral e social, destruíram a paz de espirito da humanidade e innocularam-lhe a vil enfermidade da duvida, como dizia Alfredo de Musset.

De tudo isto nasceu um mal a que se deu o nome de mal do seculo e era feito, segundo a expressão de Taine, do desgosto do

presente, do vago desejo de uma belleza superior e de uma felicidade ideal e da dolorosa aspiração ao infinito.

A literatura passou tambem por uma transformação chamada Romantismo, a qual começou na Allemanha, no fim do seculo XVIII, e foi introduzida em França por mme. de Staël que, segundo E. Faguet observa, leu tudo quanto o pensamento allemão produzira durante os fecundissimos annos que vão de 1750 a 1800, comprehendeu que um novo mundo intellectual começava e viu que uma literatura mais sonhadora, mais pessoal e profunda, mais expressiva de sentimentos fortes, mais irregular, indefinida e mysteriosa, abeberando-se mais nos sentimentos do que nas idéas ia succeder á literatura classica, aliás, exgottada.

O movimento romantico, tendo produzido Chateaubriand e Alfredo de Musset, ampliou-se á Inglaterra, onde assistiu ao apparecimento de lord Byron, cujo genio mysanthropico e pessimista havia de influir tanto sobre Alvares de Azevedo.

Como se caracteriza o Romantismo?

Emilio Faguet definiu-o pela predominancia da sensibilidade e da imaginação sobre a razão e a observação, nas obras literarias.

Sylvio Romero exclama: o Romantismo não foi uma reacção religiosa contra a philo-

sophia do seculo XVIII; não foi uma guerra movida contra a Renascença e um regresso á vida da Edade-Media; não se constituiu só pelo scepticismo, pela duvida philosophica e religiosa levada para a poesia; não se distinguiu pelo sentimentalismo na literatura, pelo predominio da imaginação e principado da phantasia, pela preponderancia do liberalismo na arte: o Romantismo foi um sabio aproveitamento dos ensinamentos da sciencia, da historia e da critica; foi um regresso ás creações populares e uma mudança de methodo na literatura; foi a introdução do principio da relatividade nas producções literarias e o constante appello para o regimen da historicidade na evolução da vida poetica e artistica. Dahi serem livres suas creações e dotadas de generalidade.

O Romantismo, prosegue o eminente escriptor citado, decentralizou as letras, nacionalizou-as nuns pontos, provincializou-as noutros, individualizou-as quasi por toda a parte.

Pergunto eu: de que maneira caracterizar em poucas linhas tão complexo movimento?

Penso que o Romantismo contem em si, não sómente aquillo que Sylvio Romero lhe attribuiu, sinão tambem o que lhe tirou. Das multiplas facês do Romantismo, alguns escriptores déram relevo a umas; outros emprestaram çolorido a outras. O Romantismo, por



exemplo, exhalou alguns dos mais profundos gemidos arrancados pelo mal do seculo.

Repetirei com Fierens Gevaert que o Romantismo exprimiu a tristeza de algumas almas nobres em face dos desfallecimentos e das quédas, cada vez mais profundas da autoridade divina.

\*  
\* \*

Ensina Sylvio Romero que o Romantismo passou no Brasil por quatro phases: a phase religiosa, aberta sob a influencia de Lamartine, pertencendo a ella Domingos de Magalhães; a phase do indianismo, presidida por Chateaubriand e illustrada por Gonçalves Dias e José de Alencar; a phase do universalismo, influenciada por Byron, da qual foi representante Alvares de Azevedo; a phase do humanitarismo, com V. Hugo em França, Castro Alves e Tobias Barreto, no Brasil.

Aqui está, pois, Alvares de Azevedo classificado e catalogado no quadro geral dos poetas da primeira metade do seculo passado.

Dentre todos os poetas do Romantismo, os que mais influencia tiveram na formação literaria de Alvares foram Lord Byron e Alfredo de Musset.

Macaulay, em longo estudo, que vou resumir, traça o perfil de Lord Byron:

Filho de uma familia nobre e antiga, mas degradada e empobrecida por muitos crimes e loucuras; Byron possuia grandes faculdades intellectuaes; seu espirito, porém, era enfermo. Seu coração era generoso e sensível; seu character, caprichoso, irritadiço e mau. Até no physico este contraste se traduzia.

Byron tinha uma cabeça esculptural, mas era côxo. Aos 24 annos de idade era o homem mais famoso e afortunado da Inglaterra. De repente, tudo mudou. Lord Byron foi victima de uma dessas crises de virtude feroz, de um desses accessos de moralidade terrível que, de 7 em 7 annos, empolgam a sociedade ingleza. Execrado, exilou-se.

Só então suas poesias começaram a tornar-se populares em sua patria.

Fóra da terra natal, o extranho escriptor atirou-se á vida desregrada e á producção de uma série de volumes cheios de pathetica eloquencia, de licenciosidade e amargo desdem.

Byron, morreu em 1824, em Missolonghi, onde fôra combater pela independencia da Grecia.

O poeta, inglez, segundo affirma Taine, era, ás vezes, sublime, ás vezes, louco. A hereditariedade e a raça deram-lhe uma inspiraçoão violenta, um character sombrio, um orgulho indomavel, a paixão do perigo, da lucta e essa

exaltação de alma que só se satisfaz pela destruição. Byron sentia-se perseguido pela previsão da morte, lia a Bíblia, chorava no meio de suas orgias, e «afogado em prazeres, aspirava á dôr». Seus poemas são cortejos funebres ou bacchanaes desenfreadas.

Sua poesia, depois de prodigalizar as imagens da desolação e do heroismo, acabou por estender, como um véo negro, sobre toda a natureza viva o sonho da universal destruição.

Todas as emoções e todas as idéas humanas, tanto as tristes como as alegres, tanto as elevadas como as rasteiras, encontram-se na obra de Byron, accumulam-se como enxames de insectos que vão zumbir e pascer-se na lama a nas flores.

Byron foi a mais illustre das victimas do mal do seculo.

Não trato agora de saber até que ponto o extravagante poeta inglez era leal na sua dôr.

Scherer entende que o egotismo de Byron é uma falta de tacto e de dignidade; pensa que o talento d'elle é mais oratorio do que poetico; julga indiscutivel a sua sinceridade.

Byron, no entender de Scherer, não passava de um fatuo e de um *poseur*; tinha todas as affectações: a do escriptor, a do homem sem principios, a do dandy e a do carbonario.

Byron era um nevropatha. Foi elle quem organizou o egotismo, que vem a ser o sentimento muito vivo de alguém pela sua propria personalidade, pelo seu valor e pelos seus direitos. Nunca escreveu, e quem o diz é Macaulay, sem fazer alguma allusão directa ou indirecta á sua propria pessoa.

As poesias que compoz, as narrações que fez, as paizagens que descreveu, eram accessorios sobre os quaes avultava sempre a figura sombria e melancolica do poeta que mais do que ninguem soube vibrar todas as notas da angustia humana.

Ao lado de Byron, conta-se Alfredo de Musset como um dos elementos que decidiram da feição espiritual de Alvares.

Sainte Beuve deixou escripto que Musset promettia ser o Byron francez. Isto basta para dar-nos uma comprehensão do que foi o grande poeta francez.

Alfredo de Musset era tambem um semi-louco.

J. Grasset, autor de um livro intitulado— *Demifous et Demiresponsables* — diz-nos que Musset era um toxicomano. Depois de um arroubo de paixão, ou depois de exgottada uma série de gosos freneticos, cahia em tédio tão profundo e lastimavel que o abatimento organico era nelle uma triste realidade.

A suprasensibilidade, a audição colorida, o fetichismo, a dipsomania, as crises epilepticas, levaram a Musset para a categoria dos anormaes.

Cabanés, citado por J. Grasset, descreve a seguinte scena:

Alfredo de Musset está sentado a uma das mesas do café da Regencia. O *garçon* leva-lhe um prato com uma porção de charutos e, num copo, uma terrivel mistura de cerveja e absynto. O misero poeta engole de um trago a bebida e contrae o rosto como si houvesse ingerido um remedio repugnante. Eil-o agora que se recosta na cadeira. Lá accendeu um charuto; fumou-o todo; accendeu outro e mais outro. Já não ha mais charutos no prato. O criado então, com o desembaraço de quem pratica um acto habitual, vae á porta e chama um carro de aluguel. A seguir, appproxima-se de Musset, levanta-o, condul-o pelo braço e o installa na tipoiá que, como de costume, leva o poeta para a sua casa, onde uma velha aia o recebe e o deita na cama como si elle fosse uma criança.

Arvède Barine publicou um volume muito rico de informações sobre Alfredo de Musset. Este poeta, que nunca se libertou da influencia de Byron, atirou-se perdidamente á vida de prazeres, esperando encontrar distrações.

Amou de maneira delirante, ora insultando a mulher amada, ora pedindo-lhe perdão. Era uma alma terna, bondosa e sincera mettida sob uma torpe camada de vícios. A arte de Musset era desleixada; suas rimas imperfeitas, não porque elle fosse incapaz de descobrir melhores, mas porque timbrava em fazel-as pobres. Dotado de sensibilidade violenta e dolorosa, Musset tudo attribuiu á sensação e considerou o prazer como fim da vida. Toda vez que uma alma nobre, isenta de vulgaridade e de baixesa, cae neste erro, chega a uma incuravel melancholia, quando não á desesperança completa. As poesias de Musset divinizam a sensação mas, desde logo, o poeta sentiu o sabor amargo do prazer.

Aqui tendes em Byron e em Musset, cuja influencia foi decisiva em Alvares, duas victimas do mal do seculo, que é uma das feições mais visiveis do Romantismo. Alvares, como Musset, alistou-se no numero immenso de fanaticos de lord Byron, os quaes, na phrase de Macaulay, depois de imitaçem a vida e o estylo do poeta inglez, acabaram extrahindo de seus versos um systema de moral feito de misanthropia e voluptuosidade, systema cujos principios cardeaes eram: odiae o proximo; amae, porém, a sua mulher.

\* \* \*

Alvares de Azevedo tinha tendencias para ser tambem uma victima do mal do seculo.

Nada sabemos da hereditariedade de Alvares. Sabemos, porém, que na infancia uma enfermidade fez d'elle um valetudinario. O excesso de trabalho concorreu para enfraquecer-lhe as forças ainda mais. Em Alvares havia, portanto, esse desarranjo organico que, no pensar de Scherer, é a causa final da melancholia.

O melancholico é um ente ferido nas fontes da vida.

Mauricio de Guerin, literato francez, era um doente, um debil, um condemnado á tísica. Morreu com 29 annos de idade. Foi um melancholico.

O melancholico tem feições differentes. Pode ser dominado pela paixão; pode concentrar a vida no amor e eternamente buscar uma mulher ideal; pode ser um homem que, tendo reflectido muito, acabou por achar em tudo o vacuo; pode ser um individuo convicto da propria impotencia e cheio de desanimo perante as exigencias da vida.

A melancholia torna a vontade vacillante; despenha o homem das altas concepções ao grande desalento; acostuma-o a observar-se, a nutrir-se das proprias dôres e a viver pela destruição da propria substancia.

Sobre a natureza de Alvares, tão propicia a contrahir a doença moral da melancholia, veio o Romantismo com o seu sentimentalismo desencadeado, as suas paixões lamurias e tragicas, os seus scismares desalentados, as suas terriveis analyses subjectivas, coando na alma um veneno destruidor de todas as energias indispensaveis á alegria da vida e á resignação viril deante das miserias e das luctas do mundo. Vieram, a seguir, os livros de Byron e Musset, com o seu contagio inevitavel. E Alvares, que era um brasileiro e, portanto, adquirira do ambiente em que nascera essa feição melancholica e sensual que caracteriza a nossa raça desequilibrada, porque ainda em via de formação, Alvares fez-se esplenetico, sombrio, lugubre e humorista, porquanto o humorismo é a expressão piedosa da melancholia dissimulada em jovialidade.

Alvares imitou talvez de mais a Byron, não se limitando sómente a copiar-lhe as personalidades, mas tambem a vida desregrada e cynica do seu creador. Nessa copia foi sincero até certo ponto; dahi por deante foi exagerado.

« A dôr que punge Alvares de Azevedo, escreve J. Verissimo, que dá á sua poesia a nota de tristeza e de desalento, apenas cortada por uns tons de humor, onde se sente



um certo esforço imitativo ou por gritos de desespero não mais sinceros, é, já o disse, um producto da literatura sobre sua imaginação doentia, como doentio era o seu organismo. Elle, que sabia explicar por motivos sociaes e psychologicos a descrença em Byron, em Shelley, em Voltaire ou em Musset; que procurava em uma das paginas criticas fazer-nos a psychologia de cada um delles e do seu scepticismo, percebia talvez este seu proprio estado de alma. Contrariando um conceito de Victor Hugo sobre Voltaire, escreve estas palavras convenientes ao seu caso pessoal: « Não chamamos só soffrimento áquelle que vem do externo. Aquelle rir de Arouet, exacerbado de ironias, traslada uma tortura; e, cremol-o tambem, as maguas insanas e solitarias que se geram espontaneas no atro-bilioso de uma compleição, no queimador de um imaginar injectado daquelle veneno que parece herança de annos velhos de vida.» E, quando mais adiante diz que o moço autor da Confissão de um Filho do Seculo sonhou mais que soffreu, teve mais agonias no cerebro que no coração, lança sobre si mesmo um jacto de luz, que nol-o allumia todo.»

Na vida de Alvares não encontramos as fulminantes desgraças que feriram Byron, nem

a allucinada paixão amorosa que transformou Musset.

Alvares era um affectuoso, um amigo ás direitas, um filho terno e um estudante excelente. O vicio, o scepticismo e a libertinagem foram superfetações creadas pela sua erudição e sem maior analyse adoptadas pelo enthusiasmo da mocidade. Alvares possuia, vamos dizer, uma gramma de pessimismo e dessa gramma fez, pela exaggeração consciente, dez grammas, um kilo, vinte kilogrammas. Já sabemos, pelo que se leu em Scherer, que Byron foi tambem um grande fingido.

Na obra do nosso poeta, é preciso distinguir a parte em que o mal do seculo era real e a parte em que seus effeitos eram exacerbados pela imaginação; cumpre saber onde acaba a molestia e começa o artificio, a fita, como diriamos em estylo popular e contemporaneo.

Alvares de Azevedo não foi, porém, um escravo perfeito de Byron e Musset. Felizmente para a literatura brasileira, deixou-nos uma boa collecção de versos, a que deu o titulo de *Lyra dos Vinte Annos*, e que são a parte de sua obra onde palpita a poesia eterna e humana. O proprio poeta sabia que nesses metros estava o melhor de sua producção, tanto assim foi que se propunha a publicar sómente

a Lyra dos Vinte Annos. Na Lyra dos Vinte Annos deixou elle que sua alma se expandisse em poesias de um subjectivismo tocante, espuma de ouro sobrenadando nas aguas da sua inspiração interior. Na Lyra dos Vinte Annos, sua esplendida imaginação reproduziu num turbilhão de imagens vivazes, de descripções e quadros bellissimos as emoções sentidas no ambiente brasileiro. Na Lyra dos Vinte Annos, a influencia estrangeira assimilada não se percebe sinão na amplitude de horizontes do poeta, na liberdade de suas creações, nas transformações que introduziu no verso, libertando-o da cadencia martellada de Gonçalves Dias, imprimindo-lhe andamento variadissimo, tornando-o elastico e capaz de vestir com justeza as idéas e os sentimentos. — E' certo que Alvares não fez do verso o objecto de uma arte complicada: serviu-se delle naturalmente, como de um meio de expressão, como de um pretexto para sonhar.

Eis o que elle poz na bocca de Macario, um dos typos de sua criação:

«Foi da cabeça e do coração que se exhalaram aquelles cantos selvagens.

Foi uma vibração nervosa, como sangue a galopar-lhe febril pelas veias, com a mente ébria do seu sonho ou do seu pesadello que elle cantou. Si as fibras da harpa desafinam, si a

mão rispida as estala, si a harpa destôa, é que elle não pensou nos versos quando pensava na poesia, é que elle cria e crê que a estancia é uma roupa como outra apenas, e como diz George Sand, a arte é um manto para as bellezas nuas, é que elle preferia deixar uma estatua despida, a pespontar de ouro uma tunica de velludo para embuçar um manequim: é que elle pensa que a musica do verso é o acompanhamento da harmonia das idéas e ama cem vezes mais o Dante com a sua versificação dura, os rasgos de Shakespeare com seus versos asperos do que os alexandrinos feitos a compasso de Sainte Beuve ou Turquety».

Alvares, na Lyra dos Vinte Annos, foi esplendidamente sincero e humano; usou de uma linguagem ampla, popular, incorrecta, é verdade, mas fluente, cantante, commovida e enternecedora.

Por isso foi, é e será um poeta popular.

O papel de Alvares de Azevedo em nossas letras foi immenso. Basta, para demonstral-o, o facto de ser elle com seus vinte annos apenas o representante de um periodo da evolução litteraria nacional que conta nomes como os de Bernardo Guimarães, Aureliano Lessa, Laurindo Rabello, José Bonifacio, Junqueira Freire, Fagundes Varella, etc.

O genio de Alvares de Azevedo libertou a literatura brasileira da influencia exclusivamente portugueza, deu-lhe a consciencia de si mesma como expressão de uma nacionalidade e ligou-a directamente ao pensamento europeu.

O proprio Alvares sabia disto. «A minha imitação, dizia elle, é directamente de Shakespear. Quando se póde ir á fonte, não se bebe agua nos regos da rua».

## II

E' tempo de passarmos a considerar as producções de Alvares de Azevedo.

Septicismo forçado, exaggerado desprezo pelos homens, orgulho desmedido, cynismo fingido, rebuscada sentimentalidade, invenção inflada e contrafeita, disposição anarchizada propositadamente, mau gosto e inferioridade são as características das producções em que o escriptor se sacrificou á imitação byroniana.

Melancholia ou alegria moderada, sensualidade ou amor idealizado, crença ou duvida, arroubos lyricos ou poesia objectiva, desalento ou ambição, terror da morte ou desejo de gosar a vida, tom elegiaco ou estylo facecioso e humoristico, imagens vivazes, originaes e inspiradas pelo meio brasileiro, variedade nos processos de composição formam o substractum

da Lyra dos Vinte Annos, onde a sinceridade do poeta é tão empolgante que, ao lermos os versos em que splendidamente palpitou, não pensamos na arte defeituosa, na linguagem por vezes incorrecta, no estylo a quando e quando amaneirado e artificial, nas trivialidades que de tempos a tempos maculam as producções do poeta.

Na obra de Alvares ha um dualismo que, á primeira vista, parece inexplicavel.

Alvares foi prosador e poeta. O poeta foi superior. O prosista deu-nos alguns contos, dramas, paginas de critica, discursos e cartas.

As cartas e os contos são o que de melhor sahio da penna de Alvares, em prosa. Os contos, embora pouco proporcionados, são vivazes e empolgantes; as cartas são eloquentes na sua singeleza. Os discursos, em geral, são pretenciosos, empolados, não guardam boa ligação entre as idéas e estão inçados de phrases feitas. Com relação á critica, Alvares a fez mais com a imaginação do que com a intelligencia. Não podia sahir grande cousa. E não sahio. E' panegirica até á monotonia, resume os livros alheios e serve de pretexto para digressões eruditas fatigantes e para transbordamentos de phantasia. Alvares, comtudo, revelava bom gosto, perspicacia, leitura variada e tendencias para a analyse e explicação dos au-

tores. Estas qualidades, que esboçavam nelle um critico, são demonstradas pela enorme quantidade de obras selectas que elle, ainda na aurora da mocidade e da intelligencia, havia lido e imitado.

Não me é permittido pela escassez do tempo dizer algumas paginas da prosa do nosso escriptor. E' util, porém, observar que Alvares se abeirou corajosamente de varios assumptos relevantes, como sejam: o nacionalismo literario brasileiro; o papel das academias nacionaes na politica e no progresso literario do paiz; a definição da critica e da poesia; considerações sobre estylo, rithmo e forma; conceitos sobre a moral na arte; linhas indignadas sobre a indiferença em que andava o theatro nacional.

Sobre taes assumptos, que revelam nelle um pensador, Alvares não possuia, entretanto, idéas definitivas. Eis porque estão eivados de contradicções os juizos que sobre taes materias emittiu por entre uma floresta de citações, no meio de verdadeiros delirios de erudição.

Vamos, porém, aos versos.

Alvares foi um poeta lyrico. Lyrica se chama a poesia que, segundo dizem Charles Gidel e Frederico Loliée, em seu dictionario dos Escriptores e das Literaturas, tem por fim ou celebrar os mais sublimes objectos que po-

dem arrebatam a alma até ao entusiasmo e ao delírio, ou exprimir da maneira mais intensa e mais pessoal os sentimentos, as concepções, as alegrias e os sofrimentos do homem. A poesia de Alvares, sem ser exclusivamente subjectiva, é feita de ideal e de humor.

Pedro Ivo é um dos mais bellos arroubos de seu objectivismo.

Em 1848 houve em Pernambuco uma revolução terrível, feita pelo partido chamado *Praieiro*, o qual dizia ter o direito de resistir ao governo e de expulsar todos os estrangeiros, sobretudo os portuguezes, do territorio nacional. O capitão do exercito Pedro Ivo Velloso da Silveira foi, entre todos os rebeldes, o que levou mais longe a resistencia. Entregou-se, afinal; esteve preso na Fortaleza da Lage, no Rio de Janeiro; dalli fugiu e, embarcando para a Europa, veiu a morrer na viagem.

Alvares de Azevedo dedicou-lhe estes versos :

#### Pedro Ivo

Perdoae-lhe, Senhor! elle era um bravo!  
 Fazia as faces descorar do escravo,  
 Quando ao sol da batalha a frente erguia  
 E o corcel gottejante de suor  
 Entre sangue e cadaveres corria!  
 — O genio das pelejas parecia...  
 Perdoae-lhe, Senhor!



Onde mais vivo, em peito mais valente,  
Num coração mais livre o sangue ardente  
Ao fervor desta America bulhava!  
— Era um leão sangrento que rugia,  
Da guerra nos clarins se embriagava  
E vossa gente pallida recuava  
Quando elle apparecia!

Era filho do povo! o sangue ardente  
A's faces lhe assomava incandescente,  
Quando scismava do Brasil na sina...  
Hontem—era o estrangeiro que zombava,  
Amanhã—era a lamina assassina,  
No cadafalso a vil carnificina  
Que em sangue jubilava!

Era medonho o rubro pesadelo!  
Mas nas fronte venaes do genio o sello  
Gravaria o anáthema da historia!  
Dos filhos da nação a rubra espada  
No sangue impuro da facção ingloria  
Lavaria dos livres na victoria  
A mancha profanada!

A fronte envolta em folhas de loureiro  
Não a escondemos, não!... Era um guerreiro!  
Despiu por uma idéa a sua espada!  
Alma cheia de fogo e mocidade,  
Que ante a furia dos reis não se acobarda,  
Sonhava nesta geração bastarda  
Glorias... e liberdade!

Tinha sêde de vida e de futuro;  
Da liberdade ao sol curvou-se puro  
E beijou-lhe a bandeira sublimada!  
Amou-a como a Deus e mais que a vida!  
— Perdão para essa fronte laureada!  
Não lanceis á matilha ensanguentada  
A aguia nunca vencida!

José Verissimo, que declara não gostar, pelo commum, « desse genero de poesia emphatica, patriotica, sectaria, de occasião ou com thema encommendado », diz que, na lingua portugueza, é preciso fazer uma excepção para o Pedro Ivo, de Alvares de Azevedo, que é um dos mais inspirados dos nossos poemas, de uma alevantada belleza de forma e de fundo. E' um daquelles seus poemas que, bem lidos e entendidos, melhor deixam antever o poeta que seria Alvares de Azevedo.

Os affectos da familia e o amor pelas crianças encontravam um soberbo lugar nos versos de Alvares.

Reparae nas estrophes que elle dedicou á sua mãe. São daquellas cuja leitura trazem lagrimas:

#### A' minha mãe

E's tu, alma divina, essa Madona  
Que nos embala na manhã da vida,  
Que ao amor indolente se abandona  
E beija uma criança adormecida.

No leito solitario és tu quem vela  
Tremulo o coração que a dôr anceia,  
Nos ais do soffrimento inda mais bella  
Pranteando sobre uma alma que pranteia.

E si pallida sonhas na ventura  
O affecto virginal, da gloria o brilho,  
Dos sonhos no luar, a mente pura  
Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,  
Quando a lua no mar se vae dourando:  
Pensamento de mãe é como o incenso  
Que os anjos do Senhor beijam passando.

Creatura de Deus, ó mãe saudosa,  
No silencio da noite e no retiro  
A ti vôa minh'alma esperançosa  
E do pallido peito o meu suspiro!

Oh! vêr meus sonhos se mirar ainda  
De teus sonhos nos magicos espelhos...  
Viver por ti de uma esperança infinda  
E sagrar meu porvir nos teus joelhos...

E sentir que essa brisa que murmura  
As saudades da mãe bebeu passando...  
E adormecer de novo na ventura  
Aos sonhos d'ouro o coração voltando...

Ah! si eu não posso respirar no vento,  
Que adormece nos valles das campinas  
A saudade de mãe no desalento,  
E o perfume das lagrimas divinas...

Ide, ao menos, de amor meus pobres cantos,  
No dia festival em que ella chora,  
Com ella suspirar nos doces prantos,  
Dizer-lhe que tambem eu soffro agora!

Si a estrella d'alva, a perola do dia,  
Que vê o pranto que meu rosto inunda,  
Meus ais na solidão lhe não confia  
E não lhe conta minha dôr profunda...

Mas não irei turvar as alegrias  
E o jubilo da noite sussurrante,  
Só porque a magua desnuou meus dias,  
E zombou de meus sonhos delirantes.

Tu bem sabes, meu Deus! eu só quizera  
Um momento siquer lhe encher de flores,  
Contar-lhe que não finda a primavera,  
A dourada estação dos meus amores...

Desfolhando da pallida corôa  
Do amor do filho a perfumada flor  
Na mão que o embalou, que o abençôa  
Uma saudosa lagrima depor...

Suffocando a saudade que delira  
E que as noites sombrias me consome,  
O nome della perfumar na lyra,  
De amor e sonhos coroar seu nome!

Thereza é uma composição dedicada a  
uma criança:

Como dorme innocente esta criança!  
Qual flor que abriu de noite o niveo seio  
E se entrega da aragem aos amores,  
Nos meus braços dormita sem receio.

O que eu adoro em ti é no teu rosto  
O angelico perfume da pureza,  
São teus quinze annos numa frente santa  
O que eu adoro em ti, minha Thereza!

São os louros aneis de teus cabellos,  
O esmero da cintura pequenina,  
Da face a rosa viva e de teus olhos  
A saphira que a alma te illumina!

E' tua forma aerea e duvidosa  
— Pudor de infante e virginal enleio,  
Corpo suave que nas roupas brancas  
Revela apenas que desponta o seio.

Não resisto á tentação de ler tambem

O lenço della

Quando, a primeira vez, da minha terra  
Deixei as noites de amoroso encanto,  
A minha doce amante suspirando  
Volveu-me os olhos humidos de pranto.

Um romance cantou de despedida,  
 Mas a saudade amortecia o canto!  
 Lágrimas enxugou nos olhos bellos...  
 E deu-me o lenço que molhava o pranto.

Quantos annos, comtudo, já passaram!  
 Não olvido porém amor tão santo!  
 Guardo ainda num cofre perfumado  
 O lenço della que molhava o pranto...

Nunca mais a encontrei na minha vida,  
 E comtudo, meu Deus, amava-a tanto...  
 Oh! quando em morra estendam no meu rosto  
 O lenço que eu banhei também em pranto!

As estrophes que eu acabo de ler já nos revelam a nota predominante nas inspirações de Alvares. Essa nota foi a da melancholia.

A idéa da morte junta-se constantemente á de sonho, dentro dos seus versos harmoniosos e eloquentes.

Eis um exemplo:

#### Lembrança de morrer

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,  
 Que o espirito enlaça á dôr vivente,  
 Não derramem por mim nem uma lagrima  
 Em palpebra demente.

E nem destolhem na materia impura  
 A flor do valle que adormece ao vento:  
 Não quero que uma nota de alegria  
 Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio  
 Do deserto o poento caminheiro...  
 Como as horas de um longo pesadelo  
 Que se desfaz ao dobre de um sineiro...

Como o desterro de minh'alma errante,  
Onde fogo insensato a consumia,  
Só levo uma saudade—é desses tempos  
Que amorosa illusão embellecia.

Só levo uma saudade—é dessas sombras  
Que eu sentia velar nas noites minhas...  
E de ti, ó minha mãe! pobre coitada  
Que por minhas tristezas te definhas!

De meu pae... de meus unicos amigos,  
Poucos, bem poucos! e que não zombavam  
Quando em noites de febre endoidecido,  
Minhas pallidas crenças duvidavam.

Se uma lagrima as palpebras me inunda,  
Se um suspiro no seio treme ainda  
E' pela virgem que sonhei!... que nunca  
Aos labios me encostou a face linda!

O' tú que á mocidade sonhadora  
Do pallido poeta déste flores...  
Se vivi... foi por ti! e de esperança  
De na vida gosar de teus amores.

Descancem o meu leito solitario  
Na floresta dos homens esquecida  
A' sombra de uma cruz! e escrovam nella:  
— Foi poeta, sonhou e amou na vida. —

Sombras do valle, noites da montanha,  
Que minha alma cantou e amava tanto,  
Protegei o meu corpo abandonado  
E no silencio derramai-lhe um canto!

Mas quando preludiar ave d'aurora  
E quando, á meia noite, o céu repousa,  
Arvoredos do bosque abri as ramas...  
Deixae a lua pratear-me a lousa!

Alvares de Azevedo, como poeta lyrico que foi, não podia deixar de cantar o amor. Nelle, porém, o amor foi uma dolorosa aspiração que nunca se objectivou. O poeta atravessou a vida a sonhar com uma mulher ideal e este sonho suggeriu-lhe versos ora cheios de esperanças, ora cortados de gritos de desespero.

Alvares era em amor um insatisfeito.

#### O poeta

Era uma noite:—eu dormia...  
E nos meus sonhos revia  
As illusões que sonhei!  
E ao meu lado senti...  
Meu Deus! porque não morri?  
Porque do somno accordei?

No meu leito adormecida,  
Palpitante e abatida  
A amante do meu amor...  
Os cabellos rescendendo  
Nas minhas faces correndo,  
Como o luar numa flor!

Não era um sonho mentido:  
Meu coração illudido  
O senti e não sonhou...  
E senti que se perdia  
Numa dôr que não sabia...  
Nem ao menos a beijou!

Que divino pensamento  
Que vida num só momento  
Dentro do peito senti...  
Não sei!... dorme no passado  
Meu pobre sonho dourado...  
Esperança que mentiu...

Sabem as noites do céu  
 E as luas brancas sem véo  
 Os prantos que derramei!  
 Contem do valle as florinhas  
 Esse amor das noites minhas!  
 Ellas sim... que eu não direi!

E si eu tremendo, senhora,  
 Viesse pallido agora  
 Lembrar-vos o sonho meu,  
 Com a fronte descorada  
 E com a voz suffocada  
 Dizer-vos baixo: — Sou eu!

Sou eu! que não esqueci  
 A noite que não dormi,  
 Que não foi uma illusão!  
 Sou eu que sinto morrer  
 A esperança de viver...  
 Que o sinto no coração!

Riríeis das esperanças,  
 Das minhas loucas lembranças,  
 Que me desmaiam assim?  
 Ou então, de noite, a medo  
 Chorariéis em segredo  
 Uma lagrima por mim!

Vinha a sensualidade e frequentemente se  
 enroscava pelos queixumes amorosos do poeta.

O pobre leito meu, desfeito ainda,  
 A febre aponta da nocturna insomnia,  
 Aqui languido a noite debati-me  
 Em vãos delirios anhelando um beijo...  
 E a donzella ideal nos roseos labios,  
 No doce berço do moreno seio  
 Minha vida embalou estremecendo...  
 Foram sonhos contudo! A minha vida  
 Se esgotta em illusões. E quando a fada  
 Que diviniza meu pensar ardente  
 Um instante em seus braços me descança



E roça a mêdo em meus ardentes labios  
 Um beijo que de amor me turva os olhos...  
 Me atea o sangue, me enlanguede a fronte...  
 Um espirito negro me desperta,  
 O encanto de meu sonho se evapora...  
 E das nuvens de nacar da ventura  
 Rólo tremendo á solidão da vida!

Quereis agora ouvir algumas notas desesperadas da lyra extranha cujas cordas vamos examinando uma por uma? Ahi vão:

### Gloria moribunda

E' uma visão medonha uma caveira?  
 Não tremas de pavôr, ergue-a do lodo.  
 Foi a cabeça ardente de um poeta,  
 Outr'ora á sombra dos cabellos loiros.  
 Quando o reflexo do viver feroso  
 Alli dentro animava o pensamento,  
 Esta fronte era bella. Aqui nas faces  
 Formosa pallidez cobria o rosto;  
 Nessas orbitas ôcas, denegridas,  
 Como era puro seu olhar sombrio!

Agora tudo é cinza. Resta apenas  
 A caveira que a alma em si guardava,  
 Como a concha no mar encerra a perola,  
 Como a caçoula a myrrha incandescente.

Os sonhos da sciencia nada valem.  
 A vida é um escarneo sem sentido,  
 Comedia infame que ensanguenta o lodo.  
 Ha talvez um segredo que ella esconde:  
 Mas esse a morte o sabe e o não revela.  
 Os tumulos são mudos como o vácuo.  
 Desde a primeira dor sobre um cadaver,  
 Quando a primeira mãe entre soluços  
 Do filho morto os membros apertava  
 Ao offegante seio, o peito humano  
 Cahiu tremendo interrogando o tumulo...  
 E a terra sepulcral não respondia.

A's vezes, uma extranha resignação vinha  
attenuar as desesperanças de Alvares. Elle  
então escrevia versos como estes:

A vida é uma comedia sem sentido,  
Uma historia de sangue e de poeira,  
Um deserto sem luz...  
A escara de uma lava em craneo ardido...  
E depois sobre o lodo... uma caveira,  
Uns ossos e uma cruz!

Creiamos, sim, ao menos para vida  
Não mergulhar-se numa noite escura...  
E não enlouquecer...  
— Utopia ou verdade, a alma perdida  
Precisa de uma idéa eterna e pura  
— Deus e Céu... para crer!

Consola-te! nós somos condemnados  
A' noite de amargura: o vento norte  
Nossos pharoes apaga...  
Iremos todos, pobres naufragados,  
Frios rolar no littoral da morte  
Repellidos da vaga...

E contudo parece um desvario,  
Blasphemia atroz o cantico atrevido  
Que rugem os atheus;  
Sem a sombra de Deus é tão vazio  
O mundo—cemiterio envilecido...  
Oh! creiamos em Deus!

Eu não vos daria um conhecimento integral de Alvares de Azevedo, si me limitasse a mostrar-vos a sua feição sombria, lamurienta, desalentada e infeliz.

A alegria da vida, a esperança, a fé  
acharam um logar conspicuo na alma do

nosso poeta. Os versos que passo a ler, são  
prova disso:

### A minha esteira

Aqui do valle respirando á sombra,  
Passo cantando a mocidade inteira...  
Escuto no arvoredo os passarinhos  
E durmo venturoso em minha esteira.

Respiro o vento e vivo de perfumes  
No murmúrio das folhas da mangueira...  
— Nas noites de luar aqui descanso  
E a lua enche de amor a minha esteira.

Aqui mais bella junto a mim se deita  
Cantando a minha amante feiticeira;  
Sou feliz como as ternas andorinhas  
E meu leito de amor é minha esteira!

Nem o arabe Califa, adormecendo  
Nos braços voluptuosos da estrangeira,  
Foi no amor da Sultana mais ditoso  
Que o poeta que sonha em sua esteira.

Aqui do valle respirando á sombra  
Passo cantando a mocidade inteira;  
Vivo de amores... morrerei sonhando  
Extendido ao luar na minha esteira!

### Anima mea

Quando nas séstas do verão saudoso  
A sombra cáe dos laranjaes do valle,  
Onde o vento adormece e se perfuma...  
E os raios d'ouro, scintillando vivos,  
Como chuva encantada se gottejam  
Nas folhas do arvoredo rescendente,  
Parece que de afan dorme a natura  
E as aves silenciosas se mergulham  
No grato asylo da cheirosa sombra.

E que silencio então pelas campinas!  
 A flor aberta na manhã mimosa  
 E que os éstos do sol d'estio murcham  
 Cerra as folhas doridas e procura  
 Da grama no frescor doentio leito.

E' doce então das folhas no silencio  
 Penetrar o mysterio da floresta,  
 Ou reclinado á sombra da mangueira  
 Um momento dormir, sonhar um pouco!  
 Ninguém que turve os sonhos de mancebo,  
 Ninguém que o indolente adormecido  
 Roube das illusões que o acalentam  
 E do molle dormir o chame á vida!

O' minha noiva, minha doce virgem,  
 No regaço da bella natureza,  
 Anjo de amor, reclina-te e descança!  
 Neste berço de flores tua vida  
 Limpida e pura correrá na sombra,  
 Como gotta de mel em calix branco  
 Da flôr das selvas que ninguem respira.

Alem, alem nas arvores tranquillias  
 Uma voz accordou como um suspiro...  
 São ais sentidos de amorosa rôla  
 Que nos beijos de amor palpita e geme?  
 Ah! nem tão doce .. rôla suspirando  
 Modula seus gemidos namorados,  
 Não trina assim tão longa e mollemente...  
 Em argentinas perolas o canto  
 Se exhala como as notas expirantes  
 De uma alma de mulher que chora e canta...

E' a voz do sabiá: elle dormia  
 Ebrioso de harmonia e se embalava  
 No silencio, na briza e nos effluvios  
 Das flores de laranja... Ilná, ouviste?  
 E' o canto saudoso da esperança,  
 E' dos nossos amores a cantiga,  
 Que o aroma que exalam teus cabellos,  
 Tua languida voz... talvez lhe inspiram!

Tenho lido tantos versos e ainda não vos dei a ouvir todos os tons que o plectro do nosso lyrico tão ricamente desferiu.

Alvares de Azevedo foi, no dizer do sr. S. Romero, o introductor do humorismo na poesia brasileira.

Não posso agora definir o humorismo.

A'quelles de vós que desejarem saber o que seja humorismo, recommendo o extraordinario livro que Alcides Maya acaba de publicar a respeito de Machado de Assis.

Vamos aos versos que Alvares de Azevedo escreveu com humorismo ou em estylo faceto.

Morreu um trovador! Morreu de fome...  
 Acharam-n'ò deitado no caminho:  
 Tão doce era o semblante! Sobre os labios  
 Fluctuava-lhe um riso esperançoso;  
 E o morto parecia adormecido.

Ninguem ao peito recostou-lhe a fronte  
 Nas horas da agonia! Nem um beijo  
 Em bocca de mulher! nem mão amiga  
 Fechou ao trovador os tristes olhos!  
 Ninguem chorou por elle... No seu peito  
 Não havia collar nem bolsa d'ouro:  
 Tinha até seu punhal de ferro o punho...  
 Pobretão! Não valia a sepultura...

Todos o viram e passaram todos...  
 Comtudo era bem morto desde a aurora.  
 Ninguem lançou-lhe junto ao corpo immovel  
 Um ceitil para a cova!... nem sudario!  
 O mundo tem razão, sisudo pensa...

E a turba tem um cerebro sublime!  
 De que vale um poeta?... um pobre louco  
 Que leva os dias a sonhar?... insano  
 Amante de utopias e virtudes  
 E, num tempo sem Deus, ainda crente!

A poesia é decerto uma loucura:  
 Seneca o disse, um homem de renome.  
 E' um defeito do cerebro... Que doidos!  
 E' um grande favor é muita esmola  
 Dizer-lhes — *bravo!* á inspiração divina...  
 E, quando tremem de miseria e fome,  
 Dar-lhes um leito no hospital dos loucos...  
 Quando é gelada a fronte sonhadora  
 Porque ha de o vivo, que despreza rimas,  
 Cançar os braços arrastando um morto,  
 Ou pagar os salarios do coveiro?  
 A bolsa esvaziar por um miserrimo,  
 Quando a emprega melhor em lodo e vicio?...

E que venham ahí falar-me em Tasso!  
 Culpar Affonso d'Est—um soberano,  
 Por não lhe dar a mão da irmã fidalga!  
 Um poeta é um poeta: apenas isso...  
 Procure para amar as poetizas,  
 Si na França a princeza Margarida,  
 De Francisco primeiro irmã formosa,  
 Ao poeta Alain Chartier adormecido  
 Deu nos labios um beijo... é que esta moça,  
 Apesar de princeza, era uma doida...  
 E a prova é que tambem rondós fazia.  
 Si Ricio, o trovador, teve os amores  
 — Novella até bastante duvidosa —  
 Dessa Maria Stuart formosissima,  
 E' que ella—sabe-o Deus!—fez tanta asneira...  
 Que não admira que a um poeta amasse!

Por isso adoro o libertino Horácio:  
 Namorou algum dia uma parenta  
 Do patrono Mecenas? Parasita...  
 Só pedia dinheiro, no triclinio  
 Bebía vinho bom... e não vivia  
 Fazendo versos ás irmãs de Augusto.

E quem era Camões? Por ter perdido  
 Um olho na batalha e ser valente,  
 As esmolas valeu. Mas quanto ao resto,  
 Por fazer umas trovas de vadio  
 Deveriam lhe dar, além de gloria,  
 — E essa deram-lhe á farta! — algum bispado  
 Alguma dessas gordas sinecuras  
 Que se davam a idiotas fidalguias?

Deixem-se de visões, queimem-se os versos!  
 O mundo não avança por cantigas.  
 Creiam do poviléo os trovadores  
 Que um poema não val meia princeza.

Um poema, comtudo, bem escripto,  
 Bem limado e bem cheio de tetéas,  
 Nas horas do café, lido fumando...  
 Ou no campo, na sombra do arvoredado,  
 Quando se quer dormir e não ha somno,  
 Tem o mesmo valor que a dormideira.

Mas não passe dalli do vate a mente.  
 Tudo o mais são orgulhos, são loucuras...  
 Faublas tem mais leitores do que Homero.  
 Um poeta no mundo tem apenas  
 O valor de um canario de gaiola...  
 E' prazer de momento, é méro luxo.  
 Contentem-se em traçar nas folhas brancas  
 De algum *Album* da moda umas quadrinhas:  
 Nem faça appellações para o futuro.  
 O homem é sempre o homem, tem juizo.  
 Desde que o mundo é mundo assim cogita.

Nem ha negal-o: não ha doce lyra,  
 Nem sangue de poeta ou alma virgem  
 Que valha o talisman que no ouro vibra!  
 Nem musicas, nem santas harmonias  
 Igualam o condão esse electricismo,  
 A ardente vibração do som metallico...

Meu Deus! e assim fizeste a creatura?  
 Amassaste no lodo o peito humano?  
 O' poetas, silencio! — é este o homem  
 A feitura de Deus! a imagem delle!  
 O rei da creação!...

Que verme infame!

Não Deus, porém Satan no peito vacuo  
Uma corda prendeu-te o egoismo!  
Oh! miseria, meu Deus! e que miseria!

Passou El-rei alli com seus fidalgos:  
Iam a degolar uns insolentes  
Que ousaram murmurar da infamia regia,  
Das nodos de uma vida libertina!  
Iam em grande gala. O rei scismava  
Na gloria de espetar no pelourinho  
A cabeça de um pobre degolado.  
Era um rei *bom-vivant* e rei devoto;  
E, como Luiz XI, ao lado tinha  
O bobo, o capellão... e seu carrasco.

O cavallo do rei sentindo o morto,  
Tremendo de terror parou nitrindo...  
Deu d'esporas leviano o cavalleiro  
E disse ao capellão:

«E não enterram

Esse homem que apodrece e no caminho  
Assusta-me o corcel?»

Depois voltou-se

E disse ao camarista de semana:  
«Conheces o defunto? Era inda moço,  
Daria certamente um bom soldado...  
A figura é esbelta! Forte pena!  
Podia bem servir para um lacaio.»

Descoberto, o faceiro fidalgote,  
Respondeu-lhe fazendo a cortezia:  
«Pelas tripas do Papa! eu não me engano,  
Leve-me Satanaz, se este defunto  
Hontem não era o trovador Tancredo!»

«Tancredo!» murmurou erguendo os oculos  
Um amphibio, nm barbaças truamesco,  
Alma de Tribonlet, que alem de bobo  
Era o vate da côrte! bem nutrido,  
Farto de sangue, mas de veia pobre,  
Cahidos beiços, volumoso abdomen,  
Grisalha cabelleira esparramada,  
Tremendo narigão, mas testa curta,  
Em summa um glosador de sobremesas.



«Tancredo! — repetiu imaginando—  
 Um asno só cantava para o povo...  
 Uma língua de fel, um insolente!  
 Orgulho desmedido!... e quanto aos versos  
 Morava como um sapo n'água doce...  
 Não sabia fazer um trocadilho...»

O rei passou, com elle a companhia!  
 Só ficou resupino e macilento  
 Da estrada em meio o trovador defunto!

### Vagabundo

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,  
 Fumando meu cigarro vaporoso ;  
 Nas noites de verão namoro estrellas,  
 Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso!

Ando rôto, sem bolsos, nem dinheiro...  
 Mas tenho na viola uma riqueza :  
 Canto á lua de noite serenatas...  
 E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguém, nem ouço a raiva  
 Nas cavernas do peito, suffocante,  
 Quando, á noite, na treva, em mim se entornam  
 Os reflexos do baile fascinante.

Tenho por meu palacio as longas ruas,  
 Passeio a gosto e durmo sem temores...  
 Quando bebo, sou rei como um poeta,  
 E o vinho faz sonhar com os amores.

O degrau das egrejas é meu throno,  
 Minha patria é o vento que respiro,  
 Minha mãe é a lua macilenta  
 E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,  
 De paineis a carvão adorno a rua...  
 Como as aves do céu e as flores puras,  
 Abro meu peito ao sol e durmo á lua.

Sinto-me um coração de lazzarone,  
 Sou filho do calor, o leio o frio,  
 Não creio no diabo nem nos santos...  
 Rezo á Nossa Senhora e sou vadio!

Ora, si por ahí alguma bella,  
 Bem dourada e amante da preguiça,  
 Quizer a nivea mão unir á minha  
 Ha de achar-me na Sé, domingo, á missa.

### A lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive  
 E fazendo verão o corpo espicha:  
 O clarão de teus olhos me dá vida,  
 Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o somno,  
 Tu és meu copo e amoroso leito...  
 Mas teu nectar de amor jamais se esgota,  
 Travesseiro não ha como teu peito.

Posso agora viver: para corôas  
 Não preciso no prado colher flores;  
 Engrinaldo melhor a minha frente  
 Nas rosas mais gentis de teus amores.

Vale todo um harem a minha bella,  
 Em fazer-me ditoso ella capricha...  
 Vivo ao sol de seus olhos namorados  
 Como ao sol de verão á lagartixa.

### Dinheiro

Sem elle não ha cova l quem enterra  
 Assim gratis, « a Deo » ? O baptizado  
 Tambem custa dinheiro. Quem namora  
 Sem pagar as pratinhas ao Mercurio ?  
 Demais, as Danaes tambem o adoram...  
 Quem imprime seus versos, quem passeia,  
 Quem sobe a deputado, até ministro,  
 Quem é mesmo eleitor, embora sabio,

Embora genio, talentosa fronte,  
 Alma romana, se não tem dinheiro?  
 Fôra a canalha de vasios bolsos!  
 O mundo é para todos... Certamente  
 Assim o disse Deus, mas esse texto  
 Explica-se melhor e doutro modo...  
 Houve um erro de imprensa no Evangelho:  
 O mundo é um festim, concordo nisso,  
 Mas não entra ninguém sem ter as louras.

### Minha desgraça

Minha desgraça não é ser poeta,  
 Nem na terra de amor não ter um echo...  
 E', meu anjo de Deus, o meu planeta  
 Tratar-me como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovelos rotos,  
 Ter duro como pedra o travesseiro...  
 Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido  
 Cujosol (quem m'o dera!) é o dinheiro...

Minha desgraça, ó candida donzella,  
 O que faz que meu peito assim blasphema,  
 E' ter por escrever todo um poema  
 E não ter um vintem para uma vela.

\*  
 \* \*

Cheguei ao fim de minha tarefa.

A Sociedade de Cultura Artística mandou-me aqui subir, afim de dizer de Alvares de Azevedo o necessario para a recordação do nome d'elle e de seus melhores versos.

Com paixão e ufania cumpri o meu dever.

A missão dos que cultivam as letras entre nós é conservar a tradição ao pé da qual se formará a nacionalidade brasileira, em cujo seio tudo prediz se constituirá, de accôrdo com

o meio, uma civilização original, brilhante e grandiosa. Essa tradição tem por elementos a língua que falamos e a feição que temos de povo latinizado.

Ora, pois, defender o nosso idioma e conservar a nossa physionomia, dando-lhe maior accentuação, é o dever que se impõe a todos os brasileiros.

Alongando os olhos pela historia do nosso povo, a vêr quem trabalhou com boa vontade para o fim que deixei indicado, é grato verificar que um dos vultos que logo se apresentam é o de Alvares de Azevedo.

E' certo que a moderna orientação litteraria se afasta da melancholia sentimental, do pessimismo, da contemplação subjectiva, dolorosa e egoistica dos românticos byronianos.

A vida é hoje considerada uma miseria contra a qual os homens, fraternalmente abraçados, têm que lutar com animo viril, sem illusões nem desfallecimentos cobardes.

Já não vamos desalentados e lacrimosos na pegada de Lamartine e de Musset, mas na de Ibsen, o celebrador das forças inconscientes da alma; na de Walt Whitman, o democrata pantheista; na de Giosuè Carducci, o cantor da independencia e da força, e na de Swinburne, o revolucionario.

O culto da vida é o que singulariza a literatura contemporanea.

Sem embargo disto, Alvares de Azevedo deve ser-nos um escriptor amado.

Elle foi um grande poeta lyrico, em cujos versos encontramos as notas sinceras de uma poesia profundamente humana e popular.

Depois dos descommedimentos de intellectualismo e de esthetica dos parnasianos e dos symbolistas, temos todos de regressar áquella poesia, como quem, havendo abusado de vinhos raros e excitantes, volta deliciado ao copo de agua simples e natural.

---

NOTA — Para a feitura desta conferencia, servi-me principalmente das seguintes obras:

«Obras de Manuel Antonio Alvares de Azevedo», precedidas de uma noticia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de S. S. — 6.ª edição.

— «Essais Littéraires» par Lord Macaulay — trad. par M. G. Guizot.

— «Tradições e Reminiscencias», por Almeida Nogueira.

— «Machado de Assis», por Alcides Maya.

— «A tristeza Contemporanea», por H. Fierens-Gevaert, trad. de João Correa de Oliveira.

— «Demifous et Demiresponsables», por J. Grasset.

— «Alfred de Musset», por Arvéd Barine.

— «Estudos de Literatura Brasileira», por José Verissimo, 2.ª série.

— «Historia da Literatura Brasileira», por Sylvio Romero, 2.ª edição.

— «Histoire de la Littérature Anglaise», por H. Taine, Tomo 4.º

— «E'tudes sur la Littérature Contemporaine», par Edmond Scherer, 2.º volume.



## ARTHUR AZEVEDO

Conferencia realizada no dia  
19 de Fevereiro de 1913 pelo  
sr. dr. Garcia Redondo.

A Sociedade de Cultura Artistica encarregou-me de fazer uma conferencia sobre Arthur Azevedo. Eu não sei se isto que vou fazer será uma conferencia, ou se uma simples historia, antes que um exame critico da obra do escriptor.

Na minha idade já se vive de recordações e é mais agradavel contar historias dos tempos idos, ou mesmo da carochinha, do que fazer analyses mais ou menos maçadoras, maxime quando o auditorio é esmaltado com a figura gentil da mulher curiosa, intelligente e bella, que prefere, certamente, ouvir versos lindos e trechos de prosa encantadores do que assistir, coagida, a enfadonhos estudos anatomicos.

Ouçam, pois, a veridica historia que lhes vou contar e, se lhes não agradar, entrem por uma porta, saiam por outra e Deus Nosso Senhor que lhes conte outra. melhor.

Foi entre 1873 e 1875 que eu conheci Arthur Azevedo no Café de Londres. O Café de Londres era então o cenaculo onde se reunia a bohemia trefega e a elite intellectual do Rio de Janeiro.

Ficava elle n'uma estreita sala da rua do Ouvidor, tão estreita que mal podia conter duas mezas ao longo das paredes, deixando ao centro uma minguada passagem.

Uma escada apertadinha dava accésso aos altos onde fôra montado o restaurante; em baixo, ficava o café e era nesse café que a mocidade da época se reunia, no intervallo das aulas e mesmo durante as aulas, para beber, comer e discutir, discutir principalmente, trabalhando pela abolição dos escravos, pelo advento da Republica e em prol das letras e das artes. Nesse tempo não se cultivavam os «sports». O velocipede, que já havia nascido e que precedera a bicycleta, era uma «avis rara». As sociedades e clubs de regatas para os exercicios, tão uteis, da natação e do remo, os amadores, do «foot-ball», que hoje pullulam, não existiam. Dessa mocidade irriquieta e audaz, que tanto cultivava



o cerebro, apenas uma parte minima, insignificante, desenvolvia o musculo, fazendo a esgrima e a gymnastica, preferindo a maioria dar á perna nas valsas e nas quadrilhas e fazer exercicios de oratoria nos pateos das Academias, nos salões das Sociedades Literarias e no interior dos cafés e restaurantes. O Café preferido então era o de Londres que, do meio-dia em diante, enchia-se com os grandes e pequenos estudandes da Polytechnica, das Escolas de Medicina e Militar e alguns preparatorianos. Viam-se alli tambem vultos do parlamento, jornalistas e artistas.

Nesse tempo, o Rio de Janeiro não possuia ainda as extensas avenidas e os grandiosos edificios que tanto o ennobrecem hoje, nem o tramway electrico, nem o Theatro Municipal, nem os cinemas, nem o calçamento de asphalto, nem o automovel, nem o telegrapho sem fio, nem a luz electrica. Mas, já tinha o bond puxado a bestas, a sua natureza exuberante e admiravel era a mesma que é hoje, nos seus theatros modestos appareciam os grandes vultos da scena lyrica e dramatica, como Claudio Rossi, Furtado Coelho, Salvini, Gayarre, Tamagno, Borghi Mamo, Tetrzini e outros; era, com as suas ruas estreitas e mal calçadas, mais alegre, mais communicativo, mais intimo e possuia mais liberdade de pensar e de agir.

Não era uma cidade catita, mas era um cidade foliona. Nessa quadra, a liberdade do pensamento era completa e o imperador fazia questão de que o fosse, a ponto de deixar-se vexar por uma hoteleira que de Portugal veio expressamente ao Rio para exigir, impertinente e malcreadamente, pelo «Jornal do Commercio», o pagamento de uma conta de hospedagem que o mordomo da casa imperial se recusara a saldar por achal-a exorbitante. A cada passo, o imperador era atacado e ridicularizado na imprensa, no parlamento e pelas ruas da cidade nos carros allegoricos dos prestitos carnavalescos.

No parlamento, Ferreira Vianna, referindo-se á viagem do imperante, dizia, com a mordacidade que lhe era peculiar, que o velho monarcha «andara pela Europa disfarçado em sabio» e, mais tarde, apodava-o de «principe conspirador». Saldanha Marinho chamava-o pela imprensa de «Cezar Caricato», e todo o mundo alcunhava-o abertamente de «Banana», alludindo á brandura do seu genio e á sua impassibilidade perante o doésto. Nas revistas illustradas e nos prestitos carnevalescos, a sua effigie veneravel apparecia nas attitudes mais grotescas e ridiculas, attribuindo-se-lhe as maiores asnidades. O velho monarcha, paco e bonachão, consentia em tudo e não im-

pedia nada, mas castigava nobre e ironicamente os maldizentes, fazendo-os consules e ministros de Estado, chamando-os aos conselhos da Corôa, inclusive Lafayette R. Pereira, que assignara o manifesto republicano de 1870, Ferreira Vianna, que tão inclemente tora com elle e Gaspar da Silveira Martins, que rebaixara a farda de ministro, a ponto de a chamar de libré!.

A despeito dessa liberdade ampla de pensar e de agir, o Rio de Janeiro era mais ordeiro do que é hoje, talvez por não se ter inventado ainda a formula «não póde,» que agora alli serve de senha para insurreições contra a lei e as autoridades constituidas.

Em compensação, fundavam-se clubs e sociedades literarias muito frequentadas, onde as discussões se acaloravam e incandesciam, sem todavia ouvir-se o estampido do revolver nem o ruido secco do murro e da bengalada.

O primeiro jornal de venda avulsa — o «Diario de Noticias,» fundado por Climaco dos Reis, que começou como homem de letras e terminou como caften, esse «Diario,» que custava, como a chicara de café, apenas 60 réis, (ai! que bom tempo!) já havia nascido e já havia morrido.

Para substituil-o, apparecera, logo depois, a «Republica,» dirigida por Salvador e Lucio

de Mendonça, Aristides Lobo e Quintino Bocayuva e sustentada, nos momentos difíceis, pela bolsa generosa e sempre prompta de Augusto Fomm, um democrata vermelho e muito puro, que morreu antes do advento da Republica e para quem foi ella madrastra, pois deixou o seu nome e a sua memoria inteiramente no olvido!.

Em seguida, viera a «Gazeta de Noticias» — fundada por Manoel Carneiro, Ferreira de Araujo e Alfredo Camarate, e, logo depois, «O Mosquito,» revista que o lapis fecundo e acerado de Bordallo Pinheiro illustrava com verve, surgindo ao lado da «Revista Illustrada» de Angelo Agostini, da «Semana Illustrada», de Fleiuss, da «Vida Fluminense» de Burgomainerio e do «Mequetrefe,» onde Aluizio Azevedo começou a sua vida de homem de letras como... desenhista. Da imprensa da velha guarda, havia o «Diario do Rio de Janeiro,» que logo se finou, e o inabalavel «Jornal do Commercio,» que assistiu impassivel ao nascimento e ao enterro de dois jornaes— «O Cruzeiro» e «O Globo» — que se fundaram com o expresso e aggressivo intuito de dar cabo delle.

No parlamento, homens da envergadura de Rio Branco, Cotegipe, Zacarias de Góes, Martinho de Campos, Silveira Martins, José

Mariano, Paulino José Soares de Souza, Affonso Celso, José Antonio Saraiva, José Bonifacio, João Alfredo, Martim Francisco, Lafayette e outros de menor estatura, degladiavam-se em rasgos de eloquencia e de argucia, que os annaes conservam e ainda hoje são citados como modelos de oratoria parlamentar.

Das associações literarias, que pululavam, eram oradores preferidos, Nuno de Andrade, Lopes Trovão, José do Patrocinio e João Pereira Lima, conhecido pela alcunha de «Calipino.» Esse «Calipino» era um mulatinho paulista, de figura enfezada e quasi imberbe, mas de tão extraordinario talento oratorio que, de uma feita, numa sessão solemne do «Retiro Literario Portuguez» representou oito sociedades literarias, fazendo por cada uma um discurso, facto que assombrou o auditorio e principalmente o conselheiro Mathias de Carvalho, ministro de Portugal, que presidia a sessão. Foi esse infante prodigioso que eu, uma vez ouvi dizer, ainda no «Café de Londres», a um creado boçal, portuguez, que indagava se elle queria vinho «Bordó» para tomar com o bife que tinha em frente: — «Bordó!» exclamou indignado o Calipino; «se quer dizer a palavra em francez, diga «Bordeaux», se quizer dizel-a em portuguez, diga «Bordéus» mas «Bordó», isso nunca. E não me repita

essa palavrinha intecta que me faz mal aos nervos».

As escolas estavam abarrotadas de rapazes de talento e agitadores, como José do Patrocínio, Lopes Trovão, Nuno de Andrade, Miranda Azevedo, Paula Ney, Benício de Abreu, Miguel Lemos, Raymundo Teixeira Mendes, João Pereira Lima, Francisco Picanço, Augusto Fomm Junior, Pedro Betim, José Leão, Torquato Tapajós, Adelino Fontoura, Demétrio Ribeiro, Napoleão de Barros, Dermeval da Fonseca e outros.

Na tribuna das conferencias e no jornalismo, culminavam os irmãos Sizenando e Joaquim Nabuco, Oliveira Bello, Lucio e Salvador de Mendonça, Joaquim Serra, Aristides Lobo, Quintino Bocayuva e Luiz de Castro.

No romance, na chronica e na poesia, primavam José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, o conselheiro Pereira da Silva, Fagundes Varella, Luiz Guimarães Junior, Luiz Delfino e Machado de Assis; e, nas artes, avultavam Pedro Americo e Victor Meirelles, os grandes mestres da pintura historica.

Para não deixar extinguir o fogo sagrado, Lopes Trovão, que era um tribuno ardente e destemido e que, hoje, não passa de um paco tabellião, todos os mezes, ia para a praça

publica e, sobre uma barrica ou na beirada de um chafariz, arengava á multidão, pregando livremente contra o regimem monarchico e a favor da democracia em phrase vehemente, ás vezes excessivamente caustica.

Foi esse mesmo Lopes Trovão que, uma vez, sendo rudemente calumniado por Climaco dos Reis, que, como já disse, começou jornalista e acabou caften, atirou-lhe em plena rua esta invectiva gongorica e emphatica, que o reduziu ao silencio: — «Intelligencia! Suppões tel-a? Não, miseravel; isso que tens e julgas ser a divina scentelha do talento, não é mais do que um pouco de instincto, que sorrateiramente roubaste ao primeiro muar que, incauto, por junto de ti passou! . . .»

Tal era, nessa epoca, o Rio de Janeiro — a Côrte — como se chamava então.

Que saudade, esta evocação me suscita da minha juventude dourada e da minha mocidade risonha!

Pois bem, foi nesse periodo ardoroso e todavia tranquillo que eu, uma manhã, ao entrar no Café de Londres, lobriguei, abancado a uma mesa, um rapaz sympathico, de bigode incipiente e «pince-nez» de myope, que engullia pacatamente a sua bucha de pão com manteiga, fazendo-a descer a goles de café com leite. A physionomia insinuante e, sobretudo, o

sorriso meigo e convidativo que esse rapaz me dirigia, sempre que para mim olhava, fizeram com que eu me approximasse d'elle e lhe perguntasse semcerimoniosamente quem era. — «Sou um provinciano reciénchegado do Maranhão, que veio á Côrte para entrar no «struggle for life» — respondeu-me, convidando-me, num gesto amavel, a sentar-me á sua meza. Sentei-me e alli ficamos, durante uma hora, a palear numa intimidade que parecia de muitos annos. Ao despedirmo-nos, disse-me :— «Só faltou uma coisa: dizer-me o seu nome e saber que eu me chamo Arthur Azevedo. Romantico, não é? Arthur, excessivamente romantico, para quem exhibe já este lindo projecto de pansa (e deu uma pancadinha no abdomen). Felizmente, o Azevedo, o burguez Azevedo, tempera a discórdancia, diluindo um pouco o lyrismo do Arthur. Arthur Azevedo, dois AA, não esqueça».

Não esqueci e desse dia em diante vivemos como amigos, encontrando-nos sempre no Café de Londres, ou no Rocher de Cancale, que era o «cabaret» da moda. Foi alli que elle me contou depois, que era empregado na secretaria da Agricultura e que em S. Luiz, capital da sua provincia, havia fundado um jornalzinho—«O Domingo»—que teve a existencia das rosas de Malherbe, passando depois a collaborar na «Pacotilha».



Fallando-me dos seus projectos e aspirações, confiou-me que uma tendencia irresistivel o arrastava para o theatro, que as glorias e triumphos da scena o seduziam, que o seu grande desejo era ser comediographo. E contou-me mais que, aos onze annos, havia escripto uma tragedia em que todas as personagens morriam e que, dentro da sua pasta, tinha já algumas peças, que havia de fazer representar no Rio.

Algum tempo após, appareceu, apregoado nas ruas, um opusculo em verso — «O dia de finados» — que era uma satira mordente e vibrante ás romarias alegres que, no dia consagrado aos mortos, a população do Rio fazia aos cemiterios.

Foi a estréa de Arthur na Côrte.

Foi uma estréa auspiciosa.

Logo em seguida, a empreza da «Phenix Dramatica», da qual faziam parte dois actores muito amados do publico — Vasques e Guilherme de Aguiar — annunciava as suas primeiras peças, que foram representadas com successo crescente.

Estava lançado o Arthur no theatro e, desde então, de triumpho em triumpho, veio até á celebridade, conseguindo ser, evidentemente, o melhor e o mais popular comediographo que o Brasil tem tido.

Nunca se fez uma carreira tão rapida!

Depois da tal tragedia dos onze annos, elle escreveu o «Amor por Annexins», uma comedia que, como a «Vespera de Reis» (onde «Xisto Bahia» fez uma admiravel creação) a «Capital Federal», o «Badejo» e outras, foi innumeradas vezes representada com successo no Brasil e em Portugal.

No theatro, explorou todos os generos: fez a comedia e o monologo em prosa e verso, o drama, a revista do anno, da qual foi o introductor entre nós, a opereta, a burleta, e a adaptação da opereta e do vaudeville francezes, architectando esses trabalhos, ora só, ora de collaboração com Eduardo Garrido, um morto recente, que o admirava, com Moreira Sampaio, Oscar Pederneiras, Urbano Duarte e seu irmão Aluizio Azevedo, que a morte já arrebatou tambem. A sua producção theatral é extensa, subindo a mais de 70 o numero de peças que forneceu ao nosso theatro.

O que admira, o que causa pasmo é que todo esse colossal trabalho fosse feito pacatamente, no meio agitado em que Arthur viveu, nesse Rio de Janeiro dos bohemios, dos tribunos agitadores, dos comicios e meetings, dos jornaes vermelhos e inconoclastas, sem que o Arthur se deixasse levar pela onda invasora, nem contaminar pelo microbio do enthusiasmo

febricitante e desnorteador, pois nem foi um bohemio como Paula Ney, nem um revolucionario como Lopes Trovão, nem um agitador propagandista como José do Patrocínio, nem sequer socio de uma só das muitas sociedades literarias que então abundavam.

Quieto, alheiado ás seducções da politica e da vida das ruas, observando o movimento e não querendo participar d'elle, após as horas de labor na Secretaria, encerrava-se na sombra mansa e prolifica do seu gabinete e ahi trabalhava como um mouro, escrevendo para jornaes e revistas e para os theatros, que solicitavam as suas peças.

Foi assim que, além dos trabalhos originaes que fazia, ainda achou tempo para traduzir com esmero duas das obras primas de Molière—«Sganaréllo» e a «Escola dos Maridos» — e ainda as peças de maior successo do repertorio francez do tempo, como «Niniche», «Primeiras proezas de Richelieu», «O Anjo do Mal», «Casadinha de fresco» e outras que ascendem à mais de vinte e que assim foram trasladadas para a scena brasileira.

Peças originaes fez muitas, podendo citar-se como melhores, entre as revistas—o «Mandarin», o «Bilontra», o «Pum!» e o «Tribofe»; entre as comedias, dramas e operetas, a «Joia», o «Badejo», a «Filha de Maria Angú», a «Ca-

pital Federal», a «Vida e a Morte» e o «Do-te», magnifica comedia, que foi vertida para o italiano e desempenhada no Rio e aqui pela Companhia Tina de Lorenzo.

A lista das suas peças é longa (1) e dá bem a medida da operosidade do escriptor, que tanto se esforçou pelo resurgimento do theatro nacional, que tanto ajudou os artistas do palco e que tão grande amigo foi delles.

Mas não foi só pelo theatro que o nome de Arthur se fez popular e querido; foi ainda pelas suas chronicas, pelos seus contos e pelos seus admiraveis versos.

---

(1)—Das peças traduzidas por Arthur Azevedo ha a accrescentar ás citadas as seguintes: "A Perola Negra", "Quasi..." "O Rei das areias de ouro", "Mascara de bronze", "O dia e a noite", "Os tres boticarios", "Coquelicot", "Flor de Liz", "Genro e Sogro", "Gilette de Narbonne", "Falka", "Jerusalem libertada", "Mulher do Pachá", "Nhônhô", "A Camargo", "A Filha do Fogo" e o "Filho de Carola"

Das suas peças originaes e adaptações, ha mais, além das citadas, as seguintes: "O escravocrata" (drama, de collaboração com Urbano Duarte), "Os doidos" e "Casa de Orates" (comedia, de collaboração com seu irmão Aluizio Azevedo), "Amor por Anexins", "Vespera de Reis", "Abel-Helena", "Princesa dos Cajueiros", "A Almanjarra", "O Rio de Janeiro", "A Pelle do Diabo", "O Altacinha", "As mulheres do Mercado", "O Liberato", "A Mascote na roça", "O Anjo da vingança", "Entre o vermouthe e a sopa", "Joannico", "A donzella Theodora", "Entre a missa e o almoço", "Viuva Clark", "O Oraculo", "Duas irmans", "Uma noite em claro", "Amor ao pello", "Confidencias", "Fantasia", "Guana-barina", "Fonte de Castalia", "Comeu!", "Viagem ao Parnaso", "Mercurio", "Cocota e Major", e as revistas feitas de collaboração com Garrido, Moreira Sampaio e Oscar Pederneiras: "Pum!", "Mandarim", "Bilontra", "Tribofe", "Fritz-Mack", "O Homem", "Gavroche", "O Jagunço", e a "Republica".

Creador de tres periodicos— a «Gazetinha», o «Album» e a «Vida Moderna» — que dirigiu, e collaborador de quasi todas as revistas literarias e jornaes do Rio e dos Estados, onde escrevia, ora com a sua assignatura, ora sob os pseudonymos de «Gavroche» e «Eloy, o Heroe», ora sob as simples iniciaes A. A., a sua producção nem sempre foi esmerada, dada a necessidade premente de produzir muito e sem descanso, para tantos jornaes e periodicos; mas era sempre captivante, facil, graciosa e leve. Dahi a popularidade de que gosava como chronista e como contista.

Dos seus bellos contos deixou dois volumes e com as suas chronicas far-se-ia seguramente uma vintena, se alguem se lembrasse de as colleccionar, dando-lhes a fórma definitiva do livro.

Dos contos de Arthur, que quasi sempre explorava a nota comica, pois foi um grande humorista, ha um — «A Marcellina» — que é uma obra prima de sentimento, de observação e de moralidade.

E vem de molde dizer que o humorismo de Arthur não era, como o de Dickens, pesado e fastidioso, á força de ser longo, nem exageradamente paradoxal e vibrante, como o de Mark Twain, nem subtil e aprimorado como o de Daudet e Eça de Queiroz; passado pelo

crivo da graça urticante e sarcástica, muito portugueza, de Nicolau Tolentino, mas atenuado, o seu humorismo era, como o de Julio Cesar Machado e o de João de Deus, feito de uma ironia clara, risonha e leve, que parecia maldizente e que não chegava a sel-o.

Elle seguia á risca o preceito «ridendo castigat mores», mas o seu riso não continha veneno, nem tartaro emetico, quando muito pimenta e essa mesma da branda, curtida em vinagre.

Mas, não foi, a meu vêr, nem no conto, nem na chronica, nem na peça theatral, que Arthur primou. Foi no verso.

Ninguem ainda, entre nós, fez versos com mais naturalidade, mais espontaneidade e lyrismo do que Arthur. Elle foi no Brasil o que João de Deus foi em Portugal, ou antes, na Peninsula Iberica, o poeta lyrico por excellencia, o maior e o mais amado do seu seculo.

Escrevendo a prosa como falava, sem rebuscamento de phrase, sem a preocupação do vocabulo obsoleto, naturalmente, correntemente, dando ao pensamento, como Sarcey, a fórma clara e precisa que o puzesse ao alcance de todos, sem sacrificio da elegancia, elle conseguia ser lido, entendido e apreciado por todos, e attrahia pela simplicidade do seu processo e pela graça cheia de frescura e limpidez

do seu dizer. Esse processo, que elle empregava na prosa, era o mesmo que empregava no verso e, como era muito mais poeta do que prosador, a rima e o metro obedeciam de prompto ao seu chamado e os versos sahiam-lhe do cerebro e da penna graciosos, cantantes, cheios de verve e faceis de reter.

Essa facilidade de versejar elle proprio a revelou numa alegre poesia que se intitula «Coisa nenhuma», escripta no album de uma senhora e da qual vou reproduzir algumas estrophes :

Eu faço versos com facilidade !  
E em muitos albuns tenho escripto já :  
Mas hoje extranha hesitação me invade !...  
Tremo ! — Porque será ?

Os versos meus andam ahi dispersos,  
Filhos sem pae, rebanho sem pastor,  
E o motejarem dos meus pobres versos  
Não me produz o minimo terror.

Hesito, todavia. Como agora  
Nunca, por Deus ! temi desagradar ;  
Nunca me tremeu tanto a mão, Senhora !  
O caso é singular.

Pedi á musa alguns alexandrinos  
E a musa auxilio não me recusou ;  
Mas os diabos sahiram tão mofinos,  
Que a Sapucaia (1) logo os reclamou !

---

(1) — Sapucaia : ilha onde se lançava o lixo do Rio de Janeiro.

“E se eu fizesse alguma cousa em prosa?”  
 Pensei.—“Mas, desgraçado, tu não vês  
 Que a rima é muito menos perigosa,  
 E a prosa tem seus quês?”

Os versos inventaram-se (Eu já disse  
 O mesmo em versos que ha cinco annos fiz)  
 Para se poder dizer quanta tolice,  
 Quanta frioleira em prosa não se diz.

Poéta famoso, se não mente a fama,  
 Deste modo uma epistola encetou :  
 “Tenho pressa, um negocio me reclama :  
 Em verso escrever vou.”

Tinha razão: os versos mais perfeitos,  
 Mais facéis de fazer que a prosa são :  
 Todos os fazem (mais ou menos... feitos);  
 Prosa, porém, nem todos a farão.

Eis ahí a confissão. Para Arthur o fazer versos era tarefa muito mais simples, muito menos ardua do que fazer prosa. É isto, porque elle era, de facto, muito mais poeta do que prosador.

Não sei se repararam quanto a primeira quadra da poesia citada, esta :

Eu faço versos com facilidade,  
 E em muitos albuns tenho escripto já ;  
 Mas hoje extranha hesitação me invade !  
 Tremo ! — Porque será ?

faz lembrar aquella com que João de Deus abre a sua poesia — «Theatros de Lisboa» — que diz assim :

Os versos não me dão bastantes meios  
 De me gozar das distracções que ha :  
 Por isso annuncios de theatros leio-os,  
 Mas leio apenas, porque não vou lá.



Se eu quizesse recitar toda essa chistosa poesia do autor do «Campo de Flores», ver-se-ia quanto ella faz lembrar a de Arthur, no metro, no torneio, na phrase, na facilidade da rima e na espontaneidade do verso, embora os assumptos sejam differentes.

E' que as almas dos dous poetas eram bem irmandades e seguiam, por impulsão natural, os mesmos caminhos. Tambem, como Arthur, João de Deus fazia o verso espontaneo, fluente e singello, sem a preocupação do vocabulo, procurando tornal-o cantante e claro para ser por todos comprehendido e retido. E, ainda como Arthur, o grande lyrico portuguez amava o contraste e um pouco o paradoxo e delles tirava um grande partido para tornar graciosas e quasi sempre chistosas as suas admiraveis poesias.

A prova desta asserção encontramol-a na quadrinha que João de Deus compoz de improviso e que, da janella de sua casa, dirigiu á mocidade academica de Portugal, que em massa o foi saudar e glorificar, quando presentiu que a morte já estendia para elle a sua garra adunca :

Que vindes cá fazer ó mocidade?  
Despedir-vos de mim? Quanto vos devo!  
Tambem levo de vós muita saudade...  
E em chegando á outra vida... escrevo.

O lyrismo de Arthur Azevedo nunca se manifestou tão exuberante e pungitivo como na poesia que intitulou «*Cantilena*», escripta a 21 de Agosto de 1893 e dedicada a Olavo Bilac. Vejam:

Fazem hoje vinte annos  
 Que sahí da minha terra...  
 Fazem hoje vinte annos  
 Que deixei o Maranhão.  
 Os destinos inhumanos  
 Desde então me fazem guerra...  
 Os destinos inhumanos...  
 Me maltratam desde então!  
 Fazem hoje vinte annos,  
 Que deixei o Maranhão!

No instante da despedida,  
 Meu pae chorava devéras...  
 No instante da despedida,  
 Minha mãe quasi morreu!  
 A minha gente querida  
 Verteu lagrimas sinceras!  
 A minha gente querida  
 Mais de mil beijos me deu!  
 No instante da despedida,  
 Minha mãe quasi morreu!

Pobre mãe! Vociferando,  
 Não deixava que eu partisse...  
 Pobre mãe! Vociferando,  
 Não me queria soltar!  
 Meu pae disse-lhe, chorando:  
 — «Deixe o rapaz! Que tolice!»  
 Meu pae disse-lhe, chorando:  
 — «Socegue que ha de voltar!...»  
 Pobre mãe! Vociferando,  
 Não me queria soltar!

Elles ambos lá se foram...  
 Perdi-os, infelizmente!  
 Elles ambos lá se foram...  
 Já não tenho mãe nem pae!  
 Os meus olhos inda choram.  
 Porque meu peito ainda sente!  
 Os meus olhos inda choram...  
 Vêde : uma lagrima cae!  
 Elles ambos lá se foram...  
 Já não tenho mãe nem pae!

Nestes versos, tão simples e tão sentidos, estão toda a alma, todo o coração do poeta. Ve-se que não ha nelles o menor esforço, o menor artificio, que brotaram naturalmente, vindo do coração directamente aos labios, que o poeta os fez soluçando, ao recordar o doloroso momento da sua partida da terra natal e depois a perda dos entes queridos que lá deixara.

Os meus olhos inda choram..  
 Vêde : uma lagrima cae!  
 Elles ambos lá se foram...  
 Já não tenho mãe nem pae!

Isto é bem o grito abafado de uma alma dilacerada e esse grito dolorido e surdo ascende até nós e communica-nos a dôr, o sofrimento do poeta.

O amor que Arthur, durante a vida inteira, manifestou pelo theatro revela-se até nos seus versos.

Ha delle dous sonetos que são verdadeiramente duas peças theatraes. Um delles intitula-se «Soneto Dramatico» e diz assim :

O «Incesto» — Drama em tres actos. — Acto primeiro.  
 Jardim. Velho castello illuminado ao fundo.  
 O cavalheiro jura um casto amor profundo,  
 E a castellã resiste      Um famulo matreiro

Vem dizer que o barão suspeita o cavalheiro . .  
 Elle foge, ella grita .      Apito! — Acto segundo.  
 Num salão do castello. O barão iracundo,  
 Sabe tudo      Horror! Vingança! — Acto terceiro :

Em casa do galan que, sentado, trabalha,  
 Entra o barão armado e diz : «Morre tyranno,  
 Que me roubaste a honra e me roubaste o anior!»

O mancebo descobre o peito: «Uma medalha!  
 Quem t'a deu?» — Minha mãe — Meu filho! Cae o panno  
 A' scena o autor! á scena o autor! á scena o autor! . .

E' bem uma comedia-drama resumida magistralmente em 14 versos. O outro, que se intitula «Impressões de Theatro», é uma verdadeira tragedia, como vão ver :

Que dramalhão! Um intrigante ousado,  
 Vendo chegar da Palestina o conde,  
 Diz-lhe que a pobre da condessa esconde  
 No seio o fructo de um amor culpado.

Naturalmente o conde fica irado:  
 — O pae quem é? — pergunta — Eu! lhe responde  
 Um pagem que entra, — Um dnelo — Sim! Quando? Onde?  
 No encontro morre o amante desgraçado.

Folga o intrigante . . . Porém surge um mano,  
E vendo morto o irmão, perde a cabeça,  
Crava um punhal no peito do tyranno!

E' preso o mano, mata-se condessa,  
Endoidece o marido . . . e cae o panno  
Antes que outra catastrophe aconteça.

E' bem possivel que este engraçado soneto seja a synthese da horrivel tragedia que Arthur escreveu ao onze annos e na qual todas as personagens morriam, sem que todavia o panno chegasse a cahir realmente, porque a peça nunca foi representada. Seja ou não, o que não se póde negar é que o soneto é admiravel como concepção e como factura.

A facilidade com que Arthur versejava fez com que elle sustentasse no « O Paiz », durante annos, uma secção em verso que dava a nota do dia.

Era quasi sempre uma quadra, ás vezes uma quintilha ou uma sextilha, raramente uma oitava ou decima. Dessas composições ligeiras, escriptas á ultima hora, no momento de deixar a redacção do jornal e nas quaes predomina quasi sempre a nota humoristica, algumas ha que são verdadeiras joias de lavor e de graça. Vejam, por exemplo, esta, que se refere ao desmoronamento successivo de tres companhias lyricas, que funccionaram no Rio de Janeiro em 1894:

### As companhias lyricas

Poderia escrever um compendio  
 Quem quizesse chorar-lhes a sorte ;  
 A primeira acabou pelo incendio,  
 A segunda acabou pela morte.  
 E a terceira, meus Deus! . . . Quem diria ?  
 Acabou pela pancadaria! . . .

E ainda esta referente a um «princez», a um desses foliões carnavalescos, suarentos e avinhados, que passam os tres dias de loucura do entrudo, de mascara afivelada ao rosto, a pular e a dansar, dizendo graçolas semsaboronas pelas ruas da cidade:

#### A um folião

Depois de tantas follas,  
 Tem a cabeça a doer ;  
 Fica de molho tres dias  
 E de algibeiras vazias ;  
 Mas . . . divertiu-se a valer !

Ou ainda esta outra, da qual resumbra a magoa pungente do poeta desprezado pela mulher doidivanas, que elle ama sem ventura:

#### Milagre

Com cinco pães o Christo  
 Deu de comer a cinco mil pessoas !  
 Eu não me admiro disto,  
 Pois tu, que meu espirito magôas,  
 Tens um só coração  
 E amas, comtudo . . . uma população! . . .

Quando appareceram as mangas « bouffantes », que a despotica moda impoz ás senhoras, durante algum tempo, Arthur, achando-as exaggeradas, ridicularizou-as nos seguintes versos :

Que mangas !.

Dos balões voltou a moda  
Mas ao braços applicada !  
Numa platéa assentada  
Os vizinhos incommoda  
Qualquer dama bem trajada.

Que mangas, Virgem Maria !  
Mais calções parecem ellas !  
São mangas e companhia !  
Em cada manga daquellas  
Cabem trinta . . . da Bahia !

Um dia appareceu no « Jornal do Commercio » o seguinte annuncio :

«Doutor francez, de 29 annos de idade, deseja casar-se com pessoa de posição, viuva ou solteira, ainda que seja de meia idade e de côr».

E logo no dia immediato, Arthur reedita o annuncio na primeira pagina do « O Paiz » e o glosa na seguinte quintilha :

A noiva (parece peta)  
Por este doutor pedida,  
Póde ser mulata ou preta,  
Póde ser velha e servida  
Contanto que tenha chêta !

A facilidade que Arthur tinha para metrificar arrastava-o até a escrever contos em verso, dispondo as linhas como se fossem de prosa. Como exemplo, citar-lhes-ei o conto «De-sejo de ser mãe» que elle publicou primitivamente na revista «Vida Moderna» e que depois reproduziu no volume «Contos Possiveis», sem alteração de uma virgula.

Esse conto começa pela seguinte interessante advertencia:

«Desde que se inventou a poesia, um verso em cada linha se colloca; parece que a elegante symetria dos bons leitores a attenção provoca.

Para que o conto occupe pouco espaço, um systema adoptei muito diverso; em prosa vil parece-lhes que o faço; mas reparem, leitores, que isto é verso».

De facto, é verso e verso muito bem feito e gracioso, embora, á primeira vista e pela disposição das linhas, pareça prosa. Esse conto termina com a seguinte «Declaração necessaria».

«Esta historia, leitor, é puro invento. Eu não quero, por Deus, ficar mal visto! Num dia em que me achei mais pachorrento, não tendo nada que fazer, fiz isto... Nenhum daquelles personagens vive; nunca viajei por ignorados mundos; nunca tive namoros, nunca tive taes entrevistas no portão dos fundos».

Como estão vendo, o poeta foi sempre simples, fluente, gracioso e breve e, por isso



mesmo, popular. Por vezes, nas suas peças theatraes, para acompanhar o pendor da época, descambava um pouco para a farça, mas voltava logo á tona e penitenciava-se, escrevendo peças como o « Badéjo » e o « Dote », ou traduzindo em verso impeccavel as obras primas de Molière, que elle adorava.

E já que lhes falo em versões, convém que lhes diga que, como traductor, Arthur era, de facto, impeccavel, cingindo-se rigorosamente ao pensamento do autor, não o atraindo jamais e procurando sempre manter na versão, quanto á forma e á substancia, o mesmo brilho e a intensidade emotiva do original.

Como prova citar-vos-ei um numero do « Intermezzo » de Henri Heine, desse formoso poema que Gonçalves Crespo trasladou, quasi todo e primorosamente, para a nossa lingua, e do qual Gerard de Nerval dizia « que era um collar de perolas ao qual o autor havia cortado o fio, sem perder uma só perola ».

Eil-o :

Nas tuas faces, creança,  
Reside o calido estio,  
E encontrou o inverno frio  
No teu peito habitação.  
Um dia haverá mudança,  
Meu anjo formoso e terno;  
Terás nas faces o inverno,  
E o estio no coração.

Para que comparem, vou citar-lhes agora a versão desse mesmo numero do «Intermezzo» feita pelo immortal cantor das «Miniaturas» e dos «Nocturnos»:

Na tua face ardente e avelludada  
Encandeia-se a luz do quente Estio,  
Mas no teu coração, ó minha amada,  
Habita o inverno enregelado e frio.

Mas quem assim te vê bella e formosa,  
Verá mais tarde o Inverno torvo e feio  
Nessa tua gentil face mimosa,  
E o rubro Estio no teu branco seio.

Os versos de Arthur e de Crespo, fieis aos originaes de Heine, dizem a mesma cousa, mas é força confessar que os de Arthur dizem melhor, porque são mais simples, mais doces, mais emotivos do que os de Crespo e, por isso mesmo, mais agradaveis, mais suggestivos, mais faceis de reter.

Podem avaliar, por essa pequena versão, do cuidado que Arthur punha na traducção das obras de Molière, o grande mestre, que foi o seu guia luminoso e conselheiro fiel em cousas de theatro.

A obra poetica de Arthur é extensa e anda ainda, infelizmente, esparsa pelas paginas das revistas e dos jornaes, onde a publicou, e sepultada em innumerados albuns, de quem e

de alem-mar, nos quaes a graphou, sem guardar copia.

Após o seu passamento, um amigo e admirador piedoso — Xavier Pinheiro — tentou reunil-a em um volume, horrorosamente impresso, ao qual deu o titulo de «Rimas». Mas ahi não está nem metade, nem talvez a terça parte do que o poeta produziu. Não está mesmo o melhor, infelizmente.

Além desse volume e de dois outros de contos, aos quaes deu os titulos de «Contos Possiveis» e «Contos fóra da moda», Arthur apenas publicou em livro algumas de suas peças theatraes — as que lhe pareceram melhores — como o «Badéjo», «Amor por annexins», e poucas mais —, deixando as restantes em originaes que jazem nos archivos dos empresarios de companhias, muitos já desaparecidos.

Eu vos disse ha pouco, falando das novellas de Arthur, que entre ellas havia uma — «A Marcellina» — que é uma obra prima de sentimento, de observação e de moralidade.

Esse commovente episodio da vida do theatro, que o escriptor resumiu admiravelmente em sete paginas, é todo um romance vivido, humano, com todas as farças e todas as dores cruciantes da existencia. O assumpto, comprimido nessas sete magras paginas, dava para um volume de mais de trezentas e cer-

tamente o autor o faria, se tivesse tempo, se, forçado pelas necessidades da vida, que o atormentaram até morrer, não fosse coagido a condensal-o em menos de duzentas linhas.

Mas, apesar disso, que belleza, que encanto, que labor nesse pequenino trabalho! Não conheço na litteratura do mundo inteiro nada que se lhe compare, a não ser essa minuscula comedia em um acto de Lambert Thiboust, intitulada «Je dine chez ma mère», da qual Ramalho Ortigão fez a descripção e o merecido elogio, dizendo ao terminar, como um desabafo:—«Vêde: aqui em França sabe-se tirar assim de um simples jantar com que fazer uma obra prima. Em Portugal faz-se uma cousa mais admiravel e mais difficil: é tirar de uma obra prima com que fazer um jantar!»

Ao lado do conto a «Marcellina» e fazendo-lhe «pendant», podemos pôr o «Contrabando», outra joia de sentimento e moralidade, embora não produza, como aquelle, uma emoção tão viva e tão prolongada. Esse pequenino conto é dedicado a Valentim Magalhães que, tendo sido amicissimo do autor, com certeza solicitou delle a dedicatoria, tão bello e suggestivo achou o trabalho. Exceptuados esses dois e poucos mais, todos os contos e novelas de Arthur são alegres e provocam sorrisos bemfazejos ou gargalhadas desopilantes, como

o «Plebiscito», um simples episodio caseiro, que não resisto á tentação de resumir para lhes dar mais uma amostra da veia comica do autor:

Imaginem uma familia burgueza do Rio de Janeiro, em 1890, reunida dapos do jantar na sala das refeições.

Os pequenos— um menino e uma menina —distraem-se lendo jornaes; a mãe limpa a gaiola de um canario belga e o pae, o sr. Rodrigues, palita os dentes, fazendo suavemente a digestão, repimando em uma cadeira de balanço.

De repente, o menino levanta a cabeça e pergunta:

—Papae, que é «plebiscito?»

Ante a inesperada pergunta, o sr. Rodrigues fecha immediatamente os olhos e simula que dorme.

A pergunta é repetida pelo menino mas fica sem resposta. Então, a esposa intervem e, despertando o marido, diz-lhe que o pequeno o está interrogando. O sr. Rodrigues, mal humorado, indaga do que se trata e o pequeno repete a pergunta:

—Que! tu vaes fazer dez annos e ainda não sabes o que é «plebiscito?» exclama o pae.

A esposa intervem, dizendo que ella tambem não sabe.

—Hom'essa! Pois a senhora tambem não sabe o que é «plebiscito»?!

E a esposa, irritada, retruca:

—Nem eu nem você. Nesta casa ninguem sabe o que é «plebiscito».

A mostarda chega ao nariz do Rodrigues, que exclama:

—Alto lá! Creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante.

—Pois, se sabe o que é «plebiscito», diga, redargue a esposa maliciosa; a gente está esperando. Vamos, diga.

O Rodrigues, desapontado com a insistencia, vocifera:

—A senhora o que quer é enfezar-me.

E a esposa a retorquir-lhe sarcastica:

—Porque não ha de você confessar que não sabe, seu Rodrigues? Já outro dia foi a mesma cousa, quando o pequeno lhe perguntou o que era «proletario». Lembra-se? Você falou, falou e ninguem entendeu nada.

O esposo, com ares triumphantes, dá a definição de «proletario», e a mulher, ferina, atira-lhe logo ás bochechas que elle agora sabe o que é «proletario», porque consultou o dictionario, mas sustenta que elle ignora o que é «plebiscito». Então, o sr. Rodrigues, fingindo-se magoado e irritadissimo, aproveita o ensejo e fecha-se num quarto para poder consultar o

diccionario, que lá tem guardado numa gaveta.

Nesse interim, a mulher e os filhos entreolham-se. Os pequenos estão pezarosos por causa do arrufo dos paes e solicitam a paz.

—Não fosse tolo, observa a mãe, raivosa; confessasse que não sabia o que é «plebiscito».

Mas os pequenos imploram insistentemente a paz e tanto rogam que, por fim, a mãe vencida pelas supplicas, vae até á porta do quarto e diz em voz branda e convidativa:

—Seu Rodrigues, volte para a sala e venha sentar-se entre nós.

O finorio, que esperava a deixa, que com ella contava, volta á sala, esparrama-se na cadeira de balanço e, ao cabo de um curto silencio, exclama:

—E' boa! imaginarem que eu ignoro o que é «plebiscito»!

E, quando se vê rodeado pela mulher e pelos filhos, diz sentenciosamente:

—Então, querem saber? Ahi vae: «Plebiscito» é uma lei decretada pelo povo romano estabelecido em comicios.

E, ante o suspiro de allivio que sae dos labios da esposa e dos pequenos, remata desdenhosamente:

—Uma lei romana, percebem? E querem introduzil-a no Brasil! E' mais um estrangeirismo!.

Eis ahi o resumo palido desse jocoso episodio domestico.

O que impediu Arthur Azevedo de ser, alem de um escriptor popular, um grande escriptor, um dos nossos melhores e mais perfeitos artistas da palavra, foi a sua quasi miseria. Casado, cheio de filhos, vivendo do mingoado ordenado de funcionario publico ao qual juntava o producto escasso dos seus direitos auctoraes como comediographo, viu-se forçado a essa collaboração penosa e sempre apressada dos jornaes e revistas para que o pão fosse abundante em casa e a familia não soffresse penurias. Dahi resultou naturalmente um trabalho constante de improviso, de afogadilho, onde se nota frequentemente a falta do retoque e da lima, que o autor não podia fazer. ganhando pouco em relação aos encargos que tinha, conseguiu todavia, no periodo aureo de sua existencia, juntar um magro peculio e com elle comprar uma pequena casa, no morro de Santa Thereza, de cujas janellas, se descortinava todo o deslumbrante panorama da bahia do Rio de Janeiro. Foi desse ninho encantador que elle assistiu, com a alma a sangrar, aos bombardeios da cidade durante a ominosa



revolta da armada, e foi tambem ahi que eu o visitei, por uma linda tarde de Maio, indo en-contral-o cercado da mulher e dos filhos, que elle tanto amava, e no meio de seus quadros, das suas gravuras, dos seus bronzes e «bibe-lots», que elle não amava menos. Lembro-me que, admirando essas obras d'arte, gabei algumas, que eram magnificas, e elle, sorrindo suavemente e apertando os seus olhos de myope atraz do «pince-nez», disse-me:— «São lindos são, alguns dos meus quadros, mas o melhor, o mais bello e grandioso, tu ainda não viste. . .»

E, levantando-se, conduziu-me a uma das janellas e escancarando-a, accrescentou, apontando para a formosissima bahia e para o mar infindo, luminoso e sereno, que se avistava dahi:— «O meu mais bello quadro é este, e este, infelizmente vou perder».

Contou-me então que a casa era delle, mas que ia entregal-a aos credores em pagamento de dividas que contrahira, jogando na Bolsa. E, depois, disse-me:— «Eu sei que outros, que jogaram como eu, já liquidaram, limitando-se á entrega dos titulos que adquiriram e caucionaram nos Bancos. Eu podia fazer o mesmo e ficar com a casa, mas prefiro ficar... sem ella e dormir tranquillo».

E assim fez, perdendo honradamente a linda vivenda, o seu unico bem de raiz, que tanto lhe custara a adquirir.

Nessa phrase de Arthur: «Eu podia fazer o mesmo e ficar com a casa, mas prefiro entregal-a e dormir tranquillo», está estampado todo o character immaculado do popular escriptor, que não foi só um homem honrado, mas, e sobre tudo, um homem de coração, um homem bonissimo, um incansavel protector dos artistas e dos estreates nas letras e de todos quanto delle solicitavam um favor qualquer. Arthur pertenceu á pequena phalange dos raros que não sabem dizer «não».

Eu poderia expor agora tudo o que sei dos actos de caridade, de altruismo e abnegação praticados por elle e fal-o-ia se não receiasse a suspeição a que a nossa velha amizade, de mais de trinta annos póde dar lugar.

Assim, prefiro reproduzir aqui os conceitos que sobre elle foram externados por occasião do seu passamento, por alguns intellectuaes que já não eram da nossa geração.

Eis o que disse um novo, que já tem autoridade —Paulo Barreto — mais conhecido pelo pseudonymo de João do Rio:

«Arthur era absolutamente, divinamente bom, nesta lamentavel época

de egoismo feroz. Nunca o ouvi dizer mal de companheiros de officio nas letras e o seu elogio era constante, tanto para os gloriosos como para os principiantes. Ao folhear a sua obra jornalística, ver-se-á, em 30 annos, toda a evolução de uma vida accentuada com um optimismo quasi demasiado para os que se esforçam e para os que trabalham.

Se como autor dramatico, Arthur Azevedo, pelas suas excepcionaes qualidades — continuador de Martins Penna com muito mais talento—era o nosso theatro; se, como poeta lyrico, a sua obra fica como um molde á parte na nossa litteratura; no jornalismo, nos seus «palmos de prosa», que lembravam um Harduin inda mais simples, o grande morto era bom e generoso. Dessa bondade advinha-lhe a popularidade colossal e a equivalente autoridade. Toda gente era elogiada por Arthur.

Arthur era naturalmente generoso mesmo para os que o atacavam.

Houve um momento em que foi moda, entre meninos desoccupados,

achar Arthur detestavel depois de lê-lo todos os dias, porque elle era dos mais lidos. E Arthur bonacherosamente os acolheu depois, na hora do arrependimento. Era assim, não só para os literatos como para os simples particulares e para toda a gente. A sua simplicidade tinha uma auréola — a bondade — e, por isso nunca, no Brasil, um homem de letras teve tanta autoridade, por isso, nunca, no Brasil, tão despretenciosamente um artista tentou, com toda a pertinacia, o levantamento de uma arte, por isso, raros serão os que tão amados possam ser, depois da sua doce figura cordial e meiga.

...

Arthur era honestamente bom, com um grande perdão permanente e uma perpetua caricia para a humanidade. Por ultimo, a sua vida foi o quanto pode ser no Brasil a vida de um artista—uma apothese.

Acclamado aqui, acclamado em Portugal, acclamado nos Estados, o Brasil parecia comprehender afinal que tinha só naquelle homem o seu commediographo, um poeta excepcional,

um phantasista dourado, comparavel a Banville, o creador na sua patria de uma série de generos novos em theatro. Essa admiração pelo talento era augmentada pelos resultados da pertinacia do jornalista — a construcção do Theatro Municipal — a attenção do governo já um pouco voltada para os artistas nacionaes.

E, aos 50 annos, ao entrar na admiração dos que falam o portuguez para admiração de outros paises pela traducção de suas peças, Arthur continuava o simples, o meigo, o familiar Arthur.»

Um outro escriptor, tambem novo e affeito ás cousas do theatro—J. Brito—delle disse:

«A poesia lyrica perdeu o seu artista; a poesia humoristica perdeu o seu grande, o seu immenso, o seu primeiro e extraordinario poeta. Era nelle a feição que mais encantava—o poeta humoristico. Ninguem no Brasil fazia versos como elle, com aquella correcção, aquella graça, versos feitos sobre a perna e rigorosa-

mente artisticos, Arthur era o rei do «couplet».

Grande, como a sua autoridade, era o seu amor aos artistas. Eram a sua segunda familia. Nunca a sua penna deixou de ter a palavra animadora para os que apontavam e, quando tinha um reparo a fazer, fazia-o docemente, num tom de conselho paternal.

No estado actual a que chegou o theatro no Brasil, havia uma só esperanza entre os artistas dramaticos: que Arthur o tirasse disso.

Todos tinham os olhos voltados para Arthur, como o Moysés desejado que, com a vara magica da sua influencia e do seu nome, ia fazer brotar do rochedo arido da indifferença do publico e dos governos a salvação de uma tribu e de uma arte. Mas o panno cahiu antes do tempo.

Os pobres artistas. têm agora entre elles e o publico a separação desse panno. que se chama «de bocca»

e que quasi se poderia chamar «de bocca faminta».

Para os artistas dramaticos, a morte de Arthur foi duplamente um desastre. Para elles, não morreu apenas o autor dramatico, foi tambem um pae, muito amigo e protector que elles perderam».

Olavo Bilac, fazendo o elogio do morto, num discurso, que pronunciou no theatro Lucinda, disse entre outras cousas:

«O dinheiro escoava-se pelas mãos de Arthur em conforto para a prole numerosa em felicidade para o seu lar e para muitos outros lares orphanados e miseraveis. Que gastava elle comsigo? apenas o pouco com que satisfazia a sua paixão de colleccionador. de gravuras e de telas. Essas gravuras e telas são todo o seu espolio.

Arthur foi effectivamente um homem rico, riquissimo, nababo, mas um nababo de coragem, de bom humor, de trabalho e de generosidade. Hoje, que o perdemos, todos lhe re-

conhecem todas essas admiráveis qualidades. Incomparável e delicioso proveito da morte! Ha uma luminosa verdade no ultimo verso daquelle soneto celebre:

Tu n'as qu'un seul moyen d'avoir raison: sois mort!..

Infelizmente essa radiante justiça posthuma não pode ser convertida em pão para os orphans que Arthur Azevedo deixou no mundo.»

Eis ahi os grandes e insuspeitos testemunhos da inexgotável bondade, da inexcedível generosidade de Arthur Azevedo. Bom, generoso e meigo, ainda nisso elle se pareceu com o grande lyrico João de Deus, o carinhoso amigo das creanças, o reformador dos enfadonhos e suppliciantes methodos de leitura, o autor da piedosa «Cartilha Maternal». Como Froebel — o creador dos Jardins da Infancia — que era conhecido pela doce alcunha de «Mamã Froebel» — tambem o poeta do «Campo de Flores» poderia ser alcunhado de «Mamã João de Deus». E Arthur Azevedo de «Mamã Arthur» ou de «Mamã dos artistas e dos principiantes».

Pois esse meigo e generoso Arthur, essa grande alma compassiva e terna, que chorava quando via uma mulher ou uma creança cho-



rar, que se condoia da desgraça alheia e que se indignava perante a mais leve injustiça, era um folgazão, um espirito ridente, amigo de troçar, de rir e de fazer rir. A sua veia humoristica era inexgottavel e sendo um «causeur» encantador, ninguem como elle para inventar e contar uma anecdota, adubando-a com comentarios picantes e observações chistosas.

Falando-me um dia de Ferreira de Araujo — o grande jornalista fundador da «Gazeta de Noticias», — contou-me, a proposito, a seguinte anecdota, que eu reputo pura invenção sua, o que não impede que seja engraçadissima:

— «Tu sabes, disse-me elle, que Ferreira de Araujo era filho de um padeiro honrado, mas avesso a letras; quando lhe morreu o pae, Ferreira de Araujo querendo distrahir a mãe, que era uma senhora portugueza muito bondosa, mas simples e de minguados conhecimentos, levou-a para Pariz, fazendo-a acompanhar por creados portuguezes, afim de que ella, alli, pudesse entender-se com os famulos, visto não saber o francez. Uma vez installados na Cidade-Luz, aconteceu que um dia, Ferreira de Araujo, ouviu a mãe chamar por um dos creados e dizer-lhe:

— Joaquim, vá á rua do Riachuelo e compre-me lá uns chinelos como estes.

Ferreira de Araujo acóde logo, indagando:

— Que rua do Riachuelo é essa, mamãe?

— É' uma que fica ao lado da nossa.

— Ao lado da nossa?! Mas essa, á qual a senhora quer referir-se, não é a rua de Riachuelo, mas sim a rua Richelieu, mamãe.

E, logo, a boa velhinha a responder-lhe, com um fino sorriso:

— Eu bem sei que é a rua Ri-che-li-eu, mas fiz a traducção para o creado entender.

«Si non è vero. è bene trovato».

Com as aneddotas de Arthur, que era fertilissimo, poderiamos encher dois ou tres volumes de casos hilariantes. Não serei eu que os faça, mas quero contar-lhes outra aneddota do seu vasto reportorio, procurando reproduzir-a tal qual elle m'a contou. Ahi vae:

«Certo rapaz portuguez, ausente da familia e ralado de saudades, quiz possuir um retrato do pae e depois de obter o endereço de um artista pintor do Rio, que se notabilizara no retrato, foi procural-o e declarou-lhe o fim que ahi o levava.

— Corpo inteiro? Busto? indagou o pintor.

— Basta o busto.

— Pois bem, manda-me cá seu pae que eu lhe farei o retrato.

— Mas isso não é possível, porque elle está em Portugal, respondeu o rapaz.

— Então forneça-me uma photographia.

— Tambem não é possível, porque não a tenho.

— Como quer então o sr. que eu lhe faça o retrato?

— Por informações.

— Por informações!

— Sim e vou dar-lh'as tão precisas, tão exactas que, com o seu talento e a sua habilitade, o sr. me fará o retrato.

— Pois vá lá. se acha que.

E o pintor, sorrindo, abancou para tomar notas.

Então, o rapaz começou a dictar:

— Meu pae é filho da Beira.

— Para o retrato, isso já não é uma boa indicação.

— E' viuvo.

— Eis ahi outra que tambem não é má.

— Tem tres filhos.

— Preciosa esta, rosou o pintor a sorrir.

- E' lavrador

-- Magnifica!

— E possui umas terras que herdou e outras que adquiriu depois. A nossa quinta é regular.

--- Estou a vêr seu pae.

— Eu não lhe dizia!.

— E quanto ao physico? indagou o pintor.

— Physico?!.

— Sim, quanto á sua pessoa?

— Ah! sempre foi boa pessoa e muito trabalhador.

— Era de esperar. Mas, não é isso. Eu desejo saber se elle era alto, ou baixo, gordo ou magro.

— Mas, para busto.

— Tem razão, como se trata de um busto...

-- Penso que é dispensavel.

— Perfeitamente dispensavel. Não tem outras informações a dar-me?

— Sim, ainda tenho; meu pae é actualmente regedor da sua freguezia.

— Ah! muito bem; então, podemos pintal-o com o traje official.

— Não, isso não póde ser, porque o regedor não tem traje official.

— O que tem então? indagou o pintor.

— Tem autoridade e isso já não é pouco.

— Perfeitamente, pintaremos seu pae com autoridade.

— Isso sim.

E muito satisfeito, o rapaz deixou o atelier do pintor, perguntando-lhe quando poderia voltar para vêr o retrato.

O artista reflectiu um pouco e respondeu:

— Venha daqui a quinze dias.

Findo o prazo, o rapaz voltou á casa do artista.

— Então, está prompto o retrato de meu pae? indagou.

— Sim, senhor, está alli.

E, conduzindo o rapaz para o atelier, apontou para um retrato em busto, que estava sobre o cavalete.

— E' aquelle?! inquiriu o rapaz.

— Sim, senhor, é aquelle, respondeu o pintor.

O rapaz fixou o retrato e, visivelmente commovido, tornou a perguntar:

— Tem bem certeza de que é elle?

— Absoluta. E' elle, asseguro. Pois, com as suas informações.

Então o rapaz cruzou os braços e, fixando de novo o retrato, exclamou:

— Como meu pobre pae está mudado!

E as lagrimas saltaram-lhes em torrentes dos olhos esbogalhados. Atraz das lagrimas vieram os soluços e foi aos soluços que elle sacou da algibeira o seu rico dinheiro para pagar o precioso retrato, dizendo sempre: — Coitado de meu pae! Como está mudado! Como está mudado!

Ainda lhes quero contar uma terceira e ultima anedocta de Arthur.

Quando elle era rapaz e já saboreava o mel do triumpho nos theatros do Rio de Janeiro, era frequentemente convidado para bailes e «soirées» aos quaes ia arrastado porque, decididamente, com a obesidade incipiente que o atormentava e que depois se tornou uma deformidade, a choreographia não o seduzia.

Sucedeu que uma vez, numa dessas festas, uma mocinha trefega e petulante, dirigiu-se a Arthur e disse-lhe:

— O sr., que é poeta, não será capaz de me dar uma rima para «fácel»?

— Para «fácel»?!. repetiu Arthur, espantado.

— Sim, para «fácel», insistiu a moça.

Então Arthur respondeu:

— Para «fácel» conheço muitas, mas de todas a mais «grácel» e «portácel» é. «pontapél».

E ficou a olhar para a interlocutora, sorrindo com aquelle seu sorriso «bon enfant», que era uma mescla de brejeirice e de captivante bondade.

Por uma ironia do destino, este homem profundamente bom e alegre, esta alma generosa, este poeta incomparavel, este trabalhador pertinaz e infatigavel, desapareceu do scenario da vida precisamente quando a sorte parecia

sorrir-lhe, dando-lhe a merecida compensação a tão pesado e ingrato labor.

Com a morte do grande mestre Machado de Assis, director geral da Secretaria da Viação, coube o logar a Arthur de Azevedo, que era alli chefe de secção.

Mas, o infeliz não chegou a occupar o elevado posto durante um mez, porque a morte, que o espiava e o appetecia, arrebatou-o logo, achando que o descanso que elle ia alcançar com a melhora dos vencimentos, era nada em relação ao grande repouso do eterno somno, que merecia. E deu-lhe esse descanso a implacavel ceifadora, levando-o comsigo, após uma molestia tormentosa mas de duração curta. Não sahiu o seu corpo da linda vivenda que comprara em Santa Thereza e que elle entregara aos credores, mas de uma outra sita no Campo de São Christovão para onde se trasladara. Foi isto em Outubro de 1908.

O Rio de Janeiro já não era o buliçoso e effervescente Rio dos tempos em que elle alli aportara, vindo do Maranhão. A maior parte dos vultos que tanto se salientaram nas escolas e no parlamento, no jornalismo, nas artes e nas letras, havia desaparecido. A população era outra, mais cosmopolita, mais americanizada, mais industrializada.

A cidade tinha-se transformado e com ella os costumes. Ficara mais sumptuosa, mais garrida, emmoldurada sempre no esplendor da sua natureza deslumbrante. E é esse esplendor, que lhe vem da moldura, que faz com que ella seja a mais bella do mundo, mesmo sem as suas avenidas, os seus grandes edificios, o seu pavimento de asphalto, a sua luz electrica, as suas estatuas, os seu cinemas e os seus automoveis.

Arthur Azevedo assistiu á transformação colossal e rapida da grande metropole onde conquistara o triumpho e a gloria e despediu-se della, levando talvez no seu seio generoso a saudade daquelles tempos, em que, todas as manhans, ia ao Café de Londres e, todas as tardes, subia para a sua linda vivenda de Santa Thereza, guindado pelo bondinho puchado a bestas.

«Les morts vont vite»: Emquanto viveu, este grande poéta e prosador magnifico teve por si o jornal, a revista e a vasta arena do theatro que o faziam lembrado, querido e appetido quotidianamente.

Era então um semi-Deus, adorado, applaudido, festejado por todos.

Agora, que é morto, a sua lembrança vae-se apagando gradualmente da memoria do publico



e até daquelles que mais o amavam e admiravam em vida.

Começa a ser já um olvidado, uma sombra, uma figura quasi apagada, que só uma ou outra vez apparece cheia de luz, destacando-se fugazmente, como um relampago, em noite trevosa.

E' o destino, o lamentavel destino dos que se vão, ainda quando tenham deixado no caminho sinuoso da existencia um rasto fluorescente e continuo. Emquanto vivem, o rasto mantem-se luminoso e attrahente; depois que morrem, essa esteira de luz vae-se apagando aos poucos, e em seguida começa a grande, a densa, a terrivel noite do esquecimento.

Foi assim com Joaquim Nabuco, foi assim com Machado de Assis, é assim com Arthur Azevedo.

Para os bons, para os geniaes, para os patriotas, é este o premio que lhes concede a posteridade esquiva. Para os Troppmann, para os Papavoine e todos os heroes do crime, a memoria é menos ingrata e elles conseguem atravessar a bruma dos seculos, engastados na retentiva dos posteros, como fachos luminoso cuja luz não se extingue jamais.

E' doloroso isto, mas é exacto.

Eis ahi, minhas senhoras e meus senhores, a historia que eu lhes queria contar dessa alma

lyrial e desse espirito gentil, que tanto trabalhou para nos deleitar e fazer rir, sem proveito algum para o seu bem estar e o de sua familia á qual legou a miseria.

Resta-me dizer-lhes agora que Arthur Azevedo era membro da Academia Brasileira de Letras e não podia deixar de sel-o, pois nenhum outro intellectual poderia representar alli, com mais autoridade, competencia e direto, a poesia lyrica e a literatura dramatica. Devo acrescentar ainda que elle era tambem compadre de quasi todos os actores e actrizes que tinham filhos. Na sua pobreza, não podendo encher de regalos a essa theoria de afilhados, enviava a todos, na noite de Natal, a consoada barata da sua benção, num gesto largo e papalino.

Com essa benção, elle não diliciava, de certo, o paladar dos afilhados, nem lhes enchia o estomago de gulodices, mas ajudava-os a achar o caminho do céo, o que não deixa de ser tambem uma maneira de pôr doçuras na bocca. Tenho dito.

---

## JOÃO FRANCISCO LISBOA

Conferencia realizada no dia  
31 de Março de 1913 pelo  
sr. dr. Pedro Lessa.

Foi uma vida simples, e ao mesmo tempo exemplar, a de João Francisco Lisboa. Nascido em 1812, num insignificante logarejo da provincia do Maranhão, a freguezia de Nossa Senhora das Dôres do Itapicurú-mirim, que o seu comprovinciano e biographo, o literato Antonio Henriques Leal, affirma com uma certa ingenuidade ser muito fertil em vigorosos talentos, não poude Lisboa fazer estudos regulares, não se lhe tendo siquer facultado a admissão num curso de ensino superior. Como alguns annos antes Theophilo Ottoni, o grande patriota liberal mineiro, que, embora tenha sido um méro politico militante, pela constante elevação moral, nunca desmentida nobreza e independencia de character, patriotismo sem jaça e rara combinação da mais inquebrantavel energia com uma ininterrupta moderação e prudencia, mantem com o escriptor maranhense,

que, além de historiographo e politico, foi sobretudo um doutrinador, um propagandista, um convencido apostolo da moral na politica, um traço inconfundivel de profunda semelhança, naturalmente explicavel pela circumstancia de serem ambos producto dos mesmos factores sociaes, do mesmo alevantado e generoso estado da alma nacional, que succedeu á proclamação da nossa independencia; e como alguns annos depois um espirito de indole e destino radicalmente diversos, o popular vate das «Primaveras», que com seu facil e descuidado lyrisimo, todo saturado de morbida melancolia, tem feito o encanto da adolescencia de tantas gerações; Lisboa, aos 15 annos de idade, iniciou a sua vida de trabalho nas labutações do commercio, entrando como caixeiro em casa de um negociante de S. Luiz, a capital de sua provincia. Muito cedo, porém, lhe veiu tão invencivel desgosto da ingrata e obscura profissão, que, tendo-a exercido apenas por cerca de dois annos, della se afastou para aprender algumas humanidades. Foi discipulo de latim do afamado grammatico Sotero dos Reis, que então, além dessa lingua, ensinava, com brilhante nomeada que irradiara por todo o paiz, a vernacula e a literatura nacional. Tão aproveitado foi o discipulo, que logo depois entrou a emular com o mestre, proporcionando ao

bem formado coração deste, motivo de muito contentamento e do mais justo orgulho.

Decorridos poucos annos, Odorico Mendes, o traductor de Homero e de Virgilio, poeta e orador politico, Sotero, o grammatico e literato, traductor dos «Commentarios» de Cesar, e João Francisco Lisboa, o «Timon Brasileiro», com alguns outros, menos notaveis, tanto renome davam á capital maranhense, que esta passou a ser cognominada a «Athenas Brasileira». Hoje, quando entre as figuras culminantes da nossa época tão culta cidade do norte divisamos homens de letras que se destacaram especialmente pela versão de obras primas, como Odorico Mendes, ou pelo ensino da grammatica, como Sotero dos Reis, não podemos evitar que um sorriso levemente ironico involuntariamente nos afflore aos labios, ao repetirmos a orgulhosa hyperbole — «Athenas Brasileira». Mas, o sorriso logo se esvanece, para dar lugar á expressão séria de bem diversa emoção, quando nos recordamos de que pelas ruas daquella cidade passeava nesse tempo aquelle que pelo conceito de muitos tem sido consagrado o maior dos poetas brasileiros, Gonçalves Dias. Eis como, descrevendo num dos seus folhetins a «Festa de Nossa Senhora dos Remedios», e enumerando as pessoas gradas que viu no adro da egreja, Lisboa se refere ao

autor das «Sextilhas de Frei Antão», desfechando-lhe uma farpazinha, em que mais transparece a lisonja do admirador do que a severidade do critico: «O nosso poeta Gonçalves Dias, dando o braço a umas senhoras, conversando alegre e satisfeito, sem deixar rever o menor vislumbre daquella melancolia e desesperação que nos vende em seus mimosos versos. Hei de estimar que continuem as suas infelicidades». Bem merecia o cantor dos Tymbiras que appellidassem «Athenas Brasileira» á cidade, onde elle passeava, conversando alegre e satisfeito com as damas de suas relações, sem deixar rever a melancolia dos seus mimosos versos.

Mas. não invertamos a ordem chronologica da narração dos factos. A revolução de 7 de Abril de 1831, que dera em resultado a fuga, ou, como querem outros, a retirada do primeiro imperador, atçou de novo entre brasileiros e portuguezes os odios despertados por occasião de se proclamar a independencia. A 7 de Agosto do mesmo anno, tentando um movimento restaurador, o partido «caramurú», ou portuguez, depoz o presidente da provincia do Pará, visconde de Goyana, e barbaramente perseguiu e trucidou alguns dos mais illustres e queridos representantes do partido liberal dessa provincia. Os graves acontecimentos

ecoaram logo na capital do Maranhão, provocando indignação e pavor. A 13 de Setembro amotinaram-se o povo e a força publica, e, dirigindo-se ao palacio do presidente, Araujo Vianna, mais tarde visconde de Sapucahy, exhibiram-lhe uma representação, na qual exigiam fossem destituídos de todos os empregos que exerciam, os portuguezes residentes no Brasil, que se naturalizaram por força do paragrapho quarto do artigo sexto da Constituição do Imperio, a deportação de alguns desses brasileiros naturalizados e a de varios portuguezes. Entre os signatarios da representação, não poucos dos quaes foram depois vultos proeminentes da politica imperial, estava João Francisco Lisboa, então joven de 19 annos de idade. Sem meios de resistir no momento, Araujo Vianna cedeu, e deportou, não os brasileiros naturalizados, o que lhe era vedado, mas cerca de quarenta portuguezes. Logo depois cuidou de se desferrar dos que pela imposição dessa medida o haviam desprestigiado e humilhado, e entre as victimas de sua vindicta inclui-se o redactor do «Pharol Maranhense», José Candido de Moraes e Silva, moço tão notavel pela intelligencia como pelo patriotismo e sentimentos generosos. Moraes e Silva foi coagido a homiziar-se, suspendendo a publicação do seu jornal, que era então o labaro de um grande

partido. Segundo os testemunhos dos contemporaneos a influencia do «Pharol Maranhense» no norte do Imperio — só podia comparar-se á da «Aurora Fluminense», de Evaristo da Veiga, nas provincias do sul.

Foi então que, para supprir a falta do «Pharol Maranhense», fundou Lisboa em agosto de 1832 o «Brasileiro», jornal em que se estreou, e que pelo titulo bem revela o partido a que se filiava. Morrendo poucos mezes depois Moraes e Silva, Lisboa fez cessar a publicação do «Brasileiro», para redigir durante dois annos o «Pharol Maranhense», que assim reapareceu. Em junho de 1834 um novo jornal começou a ser editado sob a direcção de Lisboa, o «Echo do Norte».

Nesses periodicos, redigidos por um joven de vinte e poucos annos de idade, o que mais nos impressiona não é o talento do escriptor, que ainda não ostentava no estylo a fluencia, a naturalidade, a elegancia e a nobreza, o numero, a harmonia dos periodos, que mais tarde adquiriu com o prolongado exercicio da arte de escrever; o que nos empolga, é a ponderação, o raro descortino do patriota, o conjuncto das qualidades superiores do chefe de um partido politico, digno de o ser, de um homem que nasceu para pastor de rebanhos humanos, e que tinha como ponto de apoio e



como arma de defesa a couraça de um procedimento irreprehevel, de uma vida sem macula, que os proprios adversarios eram forçados a respeitar, reconhecendo-a inatingivel, a cavalleiro de quaesquer increpações e calumnias. Vêde como em outubro de 1833, quando contava apenas vinte e um annos, este jornalista, quasi imberbe, poude, sem exaggeração, sem fatuidade, narrando exactamente um facto verificado, publicar no «Pharol Maranhense» um artigo, em que se lia o seguinte trecho: «Quando comecei a escrever, não havia opinião publica no Maranhão; o partido do governo só tratava de processar os cidadãos, e de devassar o interior de suas casas; o povo andava areado com a repentina mudança de linguagem dos «moderados», do Rio, e todo dividido em pareceres deixava brecha ás armas de Araujo Vianna e outros, que por via de alguns periodicos se davam por interpretes da opinião provincial; alguns outros periodicos que contra o governo se escreviam, não faziam mais do que aggravar o mal, segundo eram desacreditadissimos, já pela immoralidade de seus autores, já pela confusão das doutrinas que prégavam, agora contra restauradores, agora a favor da opposição Andradina, que os protegia. Escrevi, e logo tive o gosto de ver a parte mais sã da provincia abraçar a

minha opinião, segundo claramente o mostrou nas eleições geraes, que desenganaram a «moderados», a portuguezes, e direi tambem a todos quantos são amigos de desordens. E agora que deixo a redacção, tambem folgo, lembrando-me que ainda os patriotas preponderam por toda parte».

Em novembro de 1835 interrompeu Lisboa a carreira de jornalista, para servir o logar de secretario do presidente da provincia. Duas vezes foi depois eleito deputado á assembléa provincial do Maranhão. Naquelles bellos annos do inicio da nossa vida politica, e quando apenas se ensaiava a promissora criação do «Acto Adicional», ser deputado provincial era uma honra appetecida pelos mais intelligentes e illustrados brasileiros, que nesses pequenos parlamentos se adestravam para as luctas da tribuna politica. Um dos assumptos que mais preoccuparam a Lisboa na assembléa de sua provincia foi a organização da instrucção publica.

Conservava-se o jornalista maranhense afastado da imprensa, quando um facto de muita gravidade, o cruel assassinio do popular chefe do partido liberal, Raymundo Teixeira Mendes, o fez retomar a penna de publicista. Não tendo o presidente da provincia revelado o menor empenho em punir os autores do in-

qualificavel attentado, Lisboa immediatamente deixou o cargo de secretario do governo provincial com que então provia á subsistencia, e a 2 de janeiro de 1838 iniciou a publicação de um novo jornal, a «Chronica Maranhense».

Pouco tempo depois estalou na provincia a rebellião, que ficou sendo conhecida pelo nome de «Balaiada», por ter sido o principal dos seus chefes um homem de infima condição, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira Balaiio. Lisboa sempre se conservou absolutamente extranho a esse movimento popular, sem norte nem direcção: mas o partido que então governava teve a singular phantasia de accusal-o de ser o chefe occulto dos rebeldes. Tão fracos eram os meios de resistencia de que dispunha o presidente, que os revoltosos sem grandes difficuldades occuparam diversos pontos da provincia, inclusivé a cidade de Caxias, então, como ainda hoje, uma das mais importantes, e ameaçaram invadir a capital.

Não se descrevem o pavor e a consternação que se apoderaram dos habitantes de S. Luiz, inclusivé o presidente da provincia, que, completamente desorientado, não sabia a quem recorrer em tão afflictiva conjunctura. Os jornaes do partido do governo recolheram-se ao mais profundo silencio, preparando talvez desse modo nova transformação na sua

linguagem, caso lograssem a victoria os revoltosos.

Foi esse um dos lances mais felizes e brilhantes da vida de jornalista de João Francisco Lisboa. Em meio do terror e do profundo desalento, conservou Lisboa, conforme narra o biographo Antonio Henrique Leal, «a serenidade de animo do verdadeiro patriota, e, unico, rompeu o silencio, procurando desvanecer o panico, reerguer a força moral e estimular os amortecidos brios de seus concidadãos, concitando-os ao mesmo tempo ao esquecimento de odios e revalidades, e á concordia e união de todos, para poderem conjurar o perigo que ameaçador e imminente se mostrava.» O curto espaço e o breve tempo de que disponho não me permitem, senhores, reproduzir alguns dos trechos mais eloquentes siquer dos artigos de Lisboa, sempre recheados de nobres conceitos e de patrioticas e corajosas admoestações.

Seja dito, entretanto, para consolo e animação dos jornalistas, que com honra e patriotismo desempenham a sua missão, que, quanto mais alto se elevava e impunha o nome do publicista maranhense, e quanto mais fulguravam a sua intelligencia e o seu raro character, tanto mais recrudesciam nessa época

perturbada as accusações, as invectivas e as injurias dos adversarios.

Além desse galardão para os seus grandes serviços á causa publica, foram taes os sacrificios que se viu obrigado a fazer para continuar a publicação da «Chronica Maranhense», que dentro em algum tempo tinha gasto toda a pequena herança paterna.

Em 1840 apresentou-se candidato á deputação geral; mas, logo depois desistiu da candidatura, nauseado deante das perfidas manobras dos «amigos politicos».

Em 1842 voltou á imprensa, fundando o «Publicador Maranhense», em que escreveu por espaço de tres annos, mantendo a mais rigorosa neutralidade em assumptos politicos.

Eleito de novo deputado á assembléa provincial, proferiu o seu famoso discurso ácerca da amnistia, no qual, alludindo ao legendario Nunes Machado, dizia (e aqui reproduzo este trecho, porque é um exemplo frisante da eloquencia daquella época, por fim de contas um pouco superior á desta em que vivemos): «... a morte o tomou nos braços, e, tolhendo que invadissem armado o recinto da materna cidade, certo o subtrahiu a um sacrilego triumpho: os companheiros, posto que derrotados, o levaram piedosamente sobre os hombros para uma capella bem distante. A este ao menos

parece que a morte o tinha amnistiado. A historia refere que um grande homem da antiguidade, Cesar, apartara consternado os olhos razos de agua quando viu a cabeça do seu illustre rival decepada por covardes assassinos, que, buscando o premio, só acharam o castigo do crime: os grandes homens modernos, esses procedem de outro modo. Houve em Pernambuco um homem, um chefe de policia, inimigo pessoal do illustre morto, que pelos seus corvos farejou o cadaver no asylo solitario em que jazia: dalli o tez arrancar já em putrefacção e conduzir pelas ruas da cidade, no meio dos ultrajes e baldões dessa vil gentalha, sempre prompta ao apello de todos os poderes, para deshonra de todas causas, a insultar todas as victimas.»

Arredado da politica e da imprensa partidaria, passou Lisboa algum tempo, todo absorvido no estudo das leis ácerca da escravidão e dos usos e costumes e soffrimentos dos escravos. Conta-se que planeava escrever um romance de propaganda contra a maldita instituição, que tanto e tão radicado mal nos tem feito. Já estava delineado o arcabouço do livro, quando a publicação nos Estados Unidos da America do Norte do admiravel e famoso romance de Henriette Beecher Stowe, a «Cabana do Pae Thomaz», veio demovel-o desse intento;

pois, segundo lhe pareceu, estavam concretizadas no genial estudo algumas de suas idéas, e realizado o fim que tinha em mente. Si isto é verdade, não tenho por justificavel a resolução do escriptor maranhense. A escravidão entre nós, e sob o imperio, foi bem diversa da que tiveram os norte-americanos, assim como bem differentes toram as impressões que ella deixou na literatura dos dois povos. Ao lado de alguns typos de senhores humanos, imbuidos de espirito christão, a «Cabana do Pae Thomaz», que pelo proprio sub-titulo é a narração da «Vida dos Negros na America do Norte», referindo-nos o modo como eram tratados os captivos, exhibe-nos uma série de atrocidades usuaes, que entre nós só excepcionalmente se davam. Em um trabalho literario de menos folego, como de menor envergadura foi o autor, as «Victimas Algozes», «Quadros da Escravidão», Joaquim Manuel de Macedo, que se revela um observador intelligente, só nos pinta os males inherentes á condição do escravo. A cuidadosa attenção de naturalista com que esmerilhou e descreveu o hediondo instituto civil, não descobriu nenhum desses traços especiaes, que mostram a insensibilidade moral, a fria crueldade, que tanto occupou a paleta de Beecher Stowe na America do Norte. Na «Escrava Isaura», uma especie de melo-

drama, amplificado e transformado em romance, a penna fluente e elegante de Bernardo Guimarães mostra bem que a diferença entre a escravidão brasileira e a da America do Norte, devida provavelmente ao clima e á raça, pode reduzir-se a esta formula: aqui houve menos crueldade e mais immoralidade.

Approximamo-nos, senhores, do momento em que João Francisco Lisboa vae editar a sua verdadeira obra de escriptor, a que o tem feito, e ainda hade fazel-o, conhecido da posteridade, a que hoje lemos e apreciamos; pois, os seus artigos de jornaes e os seus discursos nas assembléas politicas passaram: ninguem mais os lê, ninguem delles se lembra. Os politicos que não são dotados de especiaes, de extraordinarios talentos para a tribuna (e estes são tão raros!) apenas logram subtrahir-se a um rapido esquecimento pela acção, pelas obras, pelos melhoramentos, pelos beneficios que legam á sociedade. Em junho de 1852 appareceu o primeiro dos folhetos mensaes, que sob a denominação de «Jornal de Timon» formam com a «Vida do padre Antonio Vieira» a obra literaria de João Francisco Lisboa.

Si neste illustre auditorio houver alguem que ainda não tenha tido o ensejo de conhecer a significação do nome — «Timon», facil será satisfazer-lhe a curiosidade com a repro-



ducção de um trecho do prospecto do «Jornal de Timon»: « O leitor perguntará agora naturalmente a que proposito este nome de Timon? Que sei eu? Esse nome, illustrado por um dos mais bellos talentos da literatura moderna, pertenceu na antiguidade a um homem singular e extranho, que, azedado pela injustiça e ingratição que com elle usaram alguns dos seus contemporaneos, votou um odio tão entranhavel ao genero humano, e de maneira o reputava entregue aos crimes e aos vicios, que se pagava mais do desprezo que da estima dos homens. Timon viveu em um tempo em que os costumes e as leis antigas luctavam com as paixões ligadas para destruil-os. Como se vê, as épocas de transição remontam á mais alta antiguidade. São épocas em verdade perigosas para as nações; nos caracteres fracos, e amigos do repouso, as virtudes são indulgentes, e se amoldam ás circumstancias: nos caracteres vigorosos, porém, redobram de energia, e se tornam ás vezes odiosas por uma inflexivel severidade. Timon era homem de engenho, amigo das letras, não menos que da virtude; mas azedado pelo triumpho e preponderancia do crime e do vicio, tornou-se tão rude de maneiras e linguagem, que alienou todos os espiritos. Alguns contendem ainda que pelo seu zelo exaggerado perdeu elle a occa-

sião de contribuir para o bem; todos, porém, são accordes em que uma virtude rispida e intratavel occasiona menos perigos que uma covarde e vil condescendencia. »

Ahi está, senhores, a casta de homem com quem nos temos de avir, o critico severo, frio e implacavel, das miserias politicas do Brasil, que a minha malicia, ou, antes, a minha inveterada maldade elegeu propositadamente, quando a «Sociedade de Cultura Artistica» me honrou com o convite para esta conferencia. Ninguem me pareceu mais digno de ser lembrado nesta vil actualidade, e festivamente commemorado, e exhibido como um grande, luminoso e fecundo exemplo de jornalista e de escriptor, do que o «Timon Brasileiro», o austero patriota João Francisco Lisboa.

E' o primeiro volume (composto de uma collecção de fasciculos mensaes) do «Jornal de Timon», todo consagrado ao estudo das eleições e dos partidos, e encerra uma artistica photographia dos usos e costumes eleitoraes e da vida politica da provincia do Maranhão, o que quer dizer que ahi temos uma fiel miniatura do que então se passava, nesse assumpto, em todo o Brasil.

Pois que! não faltará provavelmente quem exclame neste illustrado auditorio: tal estudo, que interessa quasi exclusivamente aos policos

militantes, offerecido como um trabalho literario!... Antes de formulardes a arguição, notae que Lisboa não escreveu o «Jornal de Timon» como um politico; pois, bem desilludido e descrente da politica, e della completamente afastado já estava ao iniciar essa publicação. Quanto a partidos, o seu estado de alma era o d'quelle celebre militar e politico francez, por elle citado, o qual, alludindo á politica dos moderados, dos imparciaes, do «justo meio», então muito em voga, definia os partidos da sua época por esta phrase: uma das agremiações extremadas sustenta que tres e dois são oito; a radicalmente opposta que tres e dois, são quatro; vem o «justo meio», e convencida calma e triumphantemente affirma que nem uma cousa, nem outra; porquanto a verdade inquestionavel é que tres e dois são seis.

Não é um politico que escreve; é um philosopho e historiador. A philosophia é bem amarga e pessimista, posto que inspirada nas «Memorias de Além Tumulo», desse grande e solenne cultor da sua propria pessoa, que foi o visconde de Chateaubriand. Quereis algumas de suas idéas fundamentaes? Eil-as: «A falta de energia na época em que vivemos, a ausencia das capacidades, a nullidade ou degradação dos caracteres, por via de regra esquivos á honra e votados ao interesse; a ex-

tincção do senso moral e religioso; a indifferença para o bem e para o mal, para o vicio como para a virtude; o culto do crime; a inercia e apathia com que assistimos a acontecimentos que em outros tempos teriam revolvido o mundo; tudo isto inclinaria a crer que o desfecho se approxima, vae levantar-se o panno, e começar novo espectáculo: — de nenhum modo. Ninguem creia que atraz dos homens actuaes se occultem outros differentes; não é uma excepção que fere os nossos olhos, sinão o estado commum dos costumes, das idéas e das paixões; é a grande e univesal enfermidade do mundo que se dissolve. Se tudo mudasse amanhã com a proclamação de novos principios, nada mais haviamos de ver, além do que estamos agora vendo: os devaneios destes, os furores daquelles, todos egualmente impotentes e infecundos». E', então, irremediavel o estado social, que tão grande abatimento produzia no espirito de Timon? Não: «Um dia virá, porvir possante e livre em toda a plenitude da egualdade evangelica; mas, ainda está bem longe, e muito, de todos os horizontes visiveis. Antes de ferir o alvo, e de attingir á unidade dos povos e á democracia universal, será mister atravessar a decomposição social, tempo de anarchia, de sangue talvez e de grandes soffrimentos por certo. A

decomposição, sim, começou já; mas não está a reproduzir, dos seus germens ainda mal fermentados, o mundo novo e regenerado».

E' desanimador o scepticismo de Timon? Ouçamol-o em uma pagina, em que explana o seu pensamento de modo concreto, referindo-se particularmente aos males do Brasil: «Timon, de resto, quando pinta o mal, sem exaggeral-o, é certo, mas sem dissimular tambem toda a sua grandeza e intensidade, não entende nisso estabelecer a negação absoluta do bem. Felizmente ainda respiram entre nós muitos homens igualmente dotados de sentimentos honestos e de grandes qualidades; nos partidos mesmo notam-se ás vezes movimentos generosos; e em algumas épocas as tendencias para a emenda e reformação têm sido manifestas e animadoras. E por mais que a corrupção, a immoralidade e o vicio estejam generalizados e patentes, não é impossivel fazer calar os bons principios, se uma voz e uma acção poderosa se quizerem fazer ouvir e sentir, porque existem sempre secretas e sympathicas harmonias entre o homem de bem e de genio que fala e obra, e a multidão que escuta e vê».

Com essa direcção philosophica bem se casa o trabalho do historiador. Antes de nos edificar com a narrativa das eleições e dos partidos de sua provincia, lembrou-se Timon de

remontar ás eleições na antiguidade. Começa pelas eleições em Sparta, descrevendo-nos minuciosamente o processo eleitoral, e illustrando o estudo com as mais interessantes notas e informações. E' assim, por exemplo, que, ao tratar das inelegibilidades, assignala bem que os lacedemonios estatuiram uma, que tem escapado aos nossos legisladores, a dos covardes, que não podiam votar, nem ser votados; e, para que todos facilmente os reconhecessem, eram obrigados a andar sempre com a cabeça descoberta, e vestidos com andrajos de cores variegadas. Quem os encontrasse pelas ruas, podia livremente espancal-os, sem que lhes assistisse direito algum de queixa ou de defesa. Narra-nos em seguida Timon a liberdade e o escrupulo com que a principio se faziam as eleições em Athenas; a decadencia dos costumes politicos, que deu em resultado substituirem a eleição pelo sorteio; e afinal o proprio sorteio abolido, e os cargos publicos francamente comprados por vil dinheiro. Não esquece o esplendor e a decadencia da tribuna atheniense, nos primeiros tempos occupada unicamente pelos mais eloquentes artistas da palavra, e mais tarde invadida por marinheiros bebedos e boçaes, facto que tão amargos queixumes arrancava a Demosthenes.

Passando a Roma, mostra-nos Timon como desde a extinção da realza até á época dos Gracchos se fizeram as eleições com uma certa regularidade. Depois com a grande prosperidade economica, com a riqueza e com o requinte da civilização daquelle tempo, vieram e cresceram os vicios; e as eleições se transformaram em mero simulacro do que antes haviam sido. No periodo que mais gloriosos nomes contou, o de Catão, Cicero, Pompeu e Cesar, em logar da observancia da lei e da pureza dos costumes, nota-se a corrupção, a fraude, a venalidade, a violencia e o crime. Os candidatos armavam suas mesas e balcões nas praças publicas, e despejadamente compravam os votos dos cidadãos. Os eleitores vendidos não se compromettiam sómente a votar no candidato que os comprára: guiavam para o campo de Marte, e lá sustentavam o seu candidato a espada, a pau e a pedra. Descrever as eleições sob o imperio fôra tarefa curiosissima, que Timon desempenha concisamente. Nada mais hilariante do que uma eleição presidida por Tiberio, que prohibia que se pronunciassem os nomes dos candidatos, designando-se estes pela familia e pelos feitos mais notaveis.

Das eleições da Roma antiga ás dos papas na Roma catholica, nem é grande a distancia, nem variam profundamente as scenas.

De fraudes e violencias nada faltou nestas ultimas eleições, chegando-se a ter, não sómente, a duplicata, hoje tão familiar entre nós, aos congressos dos Estados e ás camaras municipaes, mas a triplicata, como succedeu com a eleição dos papas Urbano VI, Clemente VII e Alexandre V, eleitos e apurados ao mesmo tempo por tres grupos distinctos de cardeaes, engalfinhados na mais renhida lucta.

Temos depois as eleições na Inglaterra, que o escriptor maranhense qualifica— celebres pela corrupção, e onde havia pequenas povoações de um a dois mil habitantes, em que todos se vendiam, variando o preço de cada voto entre uma e cinco libras; e nos Estados Unidos da America do Norte, que, no conceito de Timon, se não se notabilizavam, naquella época, pela corrupção e pela venalidade, offereciam no momento de suas eleições as mais deploraveis e escandalosas scenas, em que bandos de desordeiros, percorrendo as ruas das cidades, impunham a sua vontade pela força e pelo crime.

E' a França a nação que mais respeito tributa á liberdade e á pureza das eleições. Dá-nos Timon alguns traços desses nobres costumes. E... no furor de investigar e descrever as eleições por toda parte, não esqueceu as da Turquia, eleições, já se sabe, feitas exclusivamente para disputar "les honneurs du mouchoir".



E' natural que me interrogueis: qual o pensamento final de Timon, a sua conclusão, o desfecho de todo esse longo estudo ácerca das eleições em éras tão remotas e em paizes tão diversos? Oh! senhores, é um pensamento profundamente desolador, e tão singular e inesperado, que só podia germinar no cerebro de Timon: é que todas as nações, e em todos os tempos, têm tido periodos de corrupção, de venalidade, de violencias e desordens, mas ao lado dessas miserias Moraes têm tido tambem rasgos de virtude e de heroismo, e épocas de grande esplendor nas letras e nas artes, ao passo que nós, os brasileiros, só nos assignalamos por essas ignobeis scenas de nossa vida politica!... Recordando as fraudes e as violencias que acompanhavam as eleições em Athenas e em Roma, accrescenta logo Timon: "A Grecia foi patria de um pequeno tropel de heróes, que contrastou e venceu todo o poder do grande rei; foi tambem a de Homero, de Phidias e de Pericles. Athenas empunhou o sceptro das letras e das artes. E, ainda hoje, quem ha que tenha excedido essa gloriosa antiguidade? Roma resumiu o universo antigo; os seus limites eram os do mundo. Bebeu o genio da força e da grandeza no leite da féra que amamentára Romulo; e, antes della, nunca os tempos viram prodigios tão monstruosos,

na virtude como no crime, na guerra e na paz, na tyrannia e na liberdade, na pobreza e na mediania, como na opulencia e no luxo". E assim vae passando em revista os aspectos brilhantes de cada um dos povos, cuja corrupção pintou com as mais vivas e apropriadas cores, para em seguida traçar paineis, admiraveis pela fidelidade e precisão, dos nossos costumes politicos e especialmente dos nossos usos eleitoraes. Pintar os odiosos quadros de corrupção, de fraude e de violencias criminosas, em meio dos quaes se faziam as eleições na época de Timon, é com algumas variantes reproduzir scenas que os brasileiros estão habituados a presenciar periodicamente.

Em substancia, senhores, o primeiro volume do "Jornal de Timon" é um perfeito transcripto dos costumes politicos e dos processos eleitoraes, não direi do Brasil naquelle tempo, mas de toda a America latina, em este longo periodo, que ainda perdura, de aprendizagem do regimen constitucional. Quando lemos o facto, recordado por Timon, e que se passou na provincia do Pará em 1835, do fuzilamento de Malcher por Vinagre, o qual, succedendo no governo á sua victima (notae bem — ao presidente que elle mandara fuzilar), dirigiu a todos os presidentes de provincia do imperio uma circular em que dizia: "Participo

a v. exc. que, tendo *fallecido* o presidente Felix Clemente Malcher, tomei posse do governo, em cujo exercicio me acho prompto a cumprir as ordens de v. exc., quer tendentes ao serviço publico, quer ao particular de v. exc., a quem Deus Guarde por muitos annos”, ficamos em duvida sobre si temos deante dos olhos acontecimentos dos primeiros tempos do Imperio, ou dos primeiros annos da Republica no Brasil, ou factos quasi habituaes do Perú, do Mexico, de Costa Rica ou do Haiti.

Desculpae-me, senhores, se, mais espaçadamente talvez do que devera, occupei a vossa attenção com a primeira parte da obra de Lisboa. A mim não é a que mais attráe e seduz; mas não faltam entre nós homens de letras de grande autoridade que a essa parte dos escriptos de Lisboa dêem a primazia. Assim pensava, por exemplo, Gonçalves Dias, que, interrogado uma vez ácerca do estylo de Lisboa, respondeu com a seguinte carta: “Qual é o meu parecer ácerca do estylo de Lisboa? Que é que se pode dizer em materia tão vasta, quando o espaço é tão resumido, como o que tenho deante de mim? Acho que é excellente, que elle prima no epigramma, naquelle dizer faceto, alegre, espirituoso, um pouco chasqueador, no qual se desmandava algumas vezes falando, mas na escripta irreprehensivel. A elle

com toda a propriedade (que ha bem poucos exemplos taes na lingua portugueza ) se pode applicar o dito de Rodrigues Lobo, quando quer caracterizar uma das suas figuras da “Côrte n’Aldeia ” — “ E’ muito natural de uma murmuração que fica entre o couro e a carne, sem dar ferida penetrante”. E porque isto nelle é o que mais me cap’tiva, acho incomparavelmente superiores aos outros os seus primeiros folhetos, quando trata dos costumes politicos do Maranhão, que o são de todo o Brasil, e, mudadas as scenas, de muitos paizes onde prevalece o regimen constitucional”.

Escriptos bem diversos dos que compõem o primeiro volume são os que prehenchem o segundo e o terceiro das obras de Lisboa ; pois, aqui se nos depara uma longa série de interessantes estudos historicos sobre o nosso paiz. O descobrimento da America e do Brasil, especialmente o do territorio do Maranhão; o erro de Portugal de, em vez de mandar lavradores e artifices para o Brasil, e povoar pacificamente uma vasta região, deserta ou habitada por pacificos indios, pretender quasi quixotesicamente transformar o Brasil em um theatro de guerras, ao ponto de seus escriptores, referindo-se á colonia sul-americana, só descreverem combates e conquistas, como se aqui houvesse uma nação inimiga; a invasão fran

ceza e a invasão hollandeza, a cujo respeito a suprema verdade incontestavel, que bem resume quanto perdeu este pedaço da America por não ter sido conquistado por esse povo intelligente, cavalheiresco e tão culto e adeantado nas sciencias, nas letras e nas artes, que tem a sua deliciosa capital ás margens do Sena, e a relativa inferioridade da raça hollandeza, foi dito por Gonçalves Dias nesta phrase lapidal — “a expulsão dos francezes levou comsigo muitas esperanças; a invasão dos hollandezes estragou muitas fortunas”; os indios e os jesuitas, notadamente, o contraste entre os primeiros jesuitas que aportáram ao Brasil, “os santos e valorosos missionarios, Manoel da Nobrega e José d’Anchieta, cujos feitos e virtudes illuminam as primeiras paginas da nossa historia colonial, e dão a esses soldados da fé catholica perfumes de santidade, attestados pelo martyrio e pela abnegação da vida e dos seus gosos”, e os que vieram depois, inclusivé o proprio padre Vieira, mais occupados das mesquinhas cousas temporaes do que dos elevados ideaes da sua religião; as primeiras expedições para o Maranhão; a legislação colonial, os senados ou camaras; os nobres, os plebeus e os africanos no Brasil, e algumas dissertações mais: eis o que se contém nos dois volumosos tomos.

Ao versar esses varios assumptos, não ostenta por certo Lisboa na sua forma a soberba opulencia com a magistral impeccabilidade do padre Vieira, nem a perfeita correcção com a esplendida melodia ininterrupta dos periodos musicaes de frei Luiz de Souza. O que imprime relevo ao estylo de Lisboa, é a clareza, a concisão, a elegancia, a nobreza de linguagem, e mais que tudo aquella simplicidade de que nos “Dialogos Parisienses”, de Maurice Barrés, que têm por subtitulo “Huit jours chez Mr. Renan”, o maior mestre da arte de escrever na edade moderna, Ernesto Renan, com a sua modestia superiormente artistica, nos dá uma idéa, quando diz ao autor de “Le Jardin de Bérenice”: “quasi nada entendo de literatura; apenas sei narrar menos mal, na ordem logica, pequenos factos, que para alguns são interessantes.”

Para que bem possaes ajuizar do estylo de Lisboa, lerei algumas paginas do escriptor maranhense, as que contêm o retrato de Santo Ignacio de Loyola, o fundador da ordem dos jesuitas:

“Num obscuro recanto da Hespanha vivia um obscuro fidalgo, cavalleiro e namorado, sem outro mister que o das armas, sem outra distracção que o galanteio, sem outra instrucção e leitura que a dos livros de cavallaria.

Ferido em um combate e obrigado a uma operação dolorosa, onde mostrou não menos valor que em face do inimigo, a cura e a convalescença o retiveram longo tempo em um leito solitario e enfadonho. O ocio e a inação do corpo escandecem uma imaginação naturalmente ardente e irritavel ; o enfermo procura esparecer o espirito na leitura dos seus amados livros de cavallaria; mas o tecto que o abrigava não os tinha, e força lhe foi contentar-se com vidas de santos, e outros livros de piedade, proprios a desligarem o homem das cousas terrenas e a elevarem-n'o em pensamento ao céu e a Deus.

Esta leitura, verdadeira novidade ou revelação, tpoa, converte e transforma para logo o antigo cortezão, dissipado e peccador, em cavalleiro de uma nova dama, que nada menos era que a virgem santissima; e eil-o ahi, primeiro simples devoto illuminado, depois mendigo, peregrino, theologo, doutor; e afinal beato e santo, como foi successivamente declarado pela curia romana.

Este homem extraordinario era Ignacio de Loyola; e desta forçada residencia no castello de seu pae data a primeira entre as diversas grandes phases de sua vida, que o deram a conhecer ao universo, por esse padre S. Ignacio, chefe da mais poderosa confraria religiosa do seu tempo.

Invalido desde então para a galanteria e para a guerra, a sua vida passa toda nos jejuns e macerações, nas leituras asceticas, nos extasis e nas visões; no meio das quaes, opprimido de delirios nervosos, e suffocado em lagrimas e suspiros, praticava longamente com a virgem. Estes excessos e excitações physicas e moraes o levaram quasi a um estado de demencia; mas não é impossivel que por entre tão extranhas aberrações de espirito começassem já a despontar aquellas outras qualidades, que mais tarde se desenvolveram em alto grau, e lhe deram tamanho poder e nomeada — a profundeza, a reflexão, a observação, a astucia, a dissimulação, a paciencia e a longanimidade. Parece cousa averiguada que a fraude e o embuste, ao menos em toda a sua nudez, não foram jámais o movel das acções deste homem; julga-se pelo contrario que, sorteado com os dons mais disparatados, alliava operações de uma razão superior aos sonhos enfermos de uma imaginação ardente e desregada, de cuja fallacia era victima. Macaulay, historiador inglez protestante, de um grande merito, faz esta justiça á boa fé e sinceridade do santo catholico; e accrescenta que não sabia a gloria que os reformadores podiam alcançar, deprimindo o nome do seu mais illustre antagonista, e rebaixando o merito do ho-



mem que, mais que nenhum outro, soube oppôr resistencia efficaz á propagação dos novos dogmas, e conseguiu salvar o edificio romano de uma ruina imminente.

Mendigo não só humilde, mas sordido, começou Ignacio a perigrinar de uma terra para outra, esmolando o pão de cada dia, e abrigando cada noite o corpo extenuado e flagellado pelos cilicios e disciplinas na primeira caverna que encontrava. Mas bem depressa as inspirações do genio, e talvez uma forte previsão dos seus futuros destinos, lhe fizeram comprehender a necessidade do estudo. Na idade de trinta annos, entrou Ignacio para uma escola de latim frequentada por meninos!

Aqui foram novas difficuldades e trabalhos; a intelligencia e a memoria o não ajudaram nesta rude tarefa; custava-lhe ainda mais a soletrar o latim que os seus antigos romances, a ponto tal que Ignacio bem conheceu andar nisso empenho formal do demonio para atravessar os seus santos designios. Felizmente (e é elle proprio quem o diz) as disciplinas do pedagogo eram um excellente remedio para afugentar aquelle impertinente e cruel inimigo do genero humano.

Concluidos estes rudimentos, Ignacio de Loyola entrou a fazer de doutor, e a prégar e ensinar uma tal theologia da sua invenção,

até que a inquisição hespanhola, a cujos ouvidos chegára a noticia do caso, lhe poz a mão e o aferrolhou nos seus carceres. Por este successo bem se vê quão cedo os reverendos padres de S. Domingos começaram a dar signal da má vontade que sempre guardaram depois aos seus irmãos da companhia. Conduzido Ignacio, entretanto, á presença do Tribunal, com tal segurança e dexteridade se houve nos interrogatorios, que não foi possivel achar-lhe culpa, se bem que, como medida de cautela, sempre lhe ficou prohibido continuar no ensino da sagrada sciencia, antes de aprendel-a elle mesmo por um modo regular, e durante quatro annos, em algumas das universidades estabelecidas.

Ignacio antepoz Paris a Salamanca e Alcalá; e guiou para França, guardando no porte e no trajo o antigo humilde teôr da sua vida de peregrino, mas descartando-se já da sordidez e dos andrajos que a principio alardeára. Alli não tardou muito que entre os companheiros de estudo não entrasse a fazer proselytos e discipulos, sobre os quaes exerceu desde logo essa influencia decisiva, que soube sempre conservar depois o seu genio superior e predestinado ao imperio. Esses discipulos eram homens ardentes e dedicados, e promptos a seguil-os na vida e na morte, até os confins

do mundo. Naquelles tempos, e sobretudo num paiz aventureoso como a Hespanha, patria de Cortez e de Pizarro, não faltavam soldados dispostos para as conquistas dos reinos da terra ou do céo.

Anteriormente, na sua perigração a Jerusalém, ajoelhado sobre o santo sepulchro, e vendo com seus olhos carnaes o Deus vivo que a sua piedade invocára, Ignacio fizera voto solenne de dedicar a vida toda inteira ao serviço daquelle cujo nome devêra servir de estandarte ao instituto que meditava; e á sua fé ardente foi então daço descobrir em uma visão beatifica a longa série de trabalhos gloriosos, que os missionarios da companhia, movidos do seu exemplo, haviam de acabar e perfazer em todo o orbe.

Este voto foi renovado em 1534, sob as abobadas de S. Diniz, depois de celebrado o santo sacrificio da missa, e de haverem commungado Ignacio e os nove fieis discipulos que por então o acompanhavam. Quando se deu este successo não havia bem nove annos que o futuro chefe da ordem, impellido por uma especie de loucura raciocinada, singular mistura de exaltação e de calculo, havia começado a sua vida de contemplação, de torturas e até de milagres, cuja existencia todos os chronistas da mesma ordem attestam, e foi de

resto solennemente reconhecida e consagrada na sua canonização.

Dois annos mais tarde, e depois de uma nova peregrinação á Hespanha em busca de proselytos, Ignacio e a sua pequena esquadra guiaram para Roma por differentes vias; e não foi sem difficuldade, e sem grande despesa de tempo e trabalho que conseguiram alli do santo padre o consentimento necessario para a existencia legal da ordem. Com um instincto admiravel presentiu a curia os embaraços e perturbações que o porvir desta ordem tinha de trazer á egreja; e foi só depois de mil sollicitações, empenhos e promessas, em que se moveram as potestades do céo e da terra, que Paulo III se resolveu emfim a promulgar a bulla — «Regimini» — a 27 de setembro de 1540».

Fôra demasiadamente longo reproduzir todas as paginas recheiadas desses excellentes predicados de linguagem. E' com difficuldade que resisto ao desejo de vos dar mais uma amostra da arte de escrever de Lisboa, transcrevendo o bello capitulo relativo a S. Francisco Xavier e á sua missão na India, o qual encerra, quasi ao finalizar, este conceito: «. que empresa nobre e gigantesca proseguiram estes homens simples e energicos, movidos de um impulso divino, e por ventura sem a si

mesmos proporem, em consciencia clara e liquida, todo o alcance della! Nada menos que a unidade da fé, e a solidariedade moral de todas as familias do genero humano, dispersas sobre a face do globo!»

Vê-se bem que para a formação do estylo de Lisboa o que mais contribuiu foi aquelle velho preceito capital, que manda primeiro adquirir ideias bem claras, precisas e logicamente encadeados, e depois vertel-as na escripta sem nenhum artificio, sem rebuscar termos desusados, ou excusados neologismos, sem pretender imprimir mais força, ou mais belleza, ao periodo por estudadas transposições ou constrangidos hyperbatons. A sua linguagem se filia a essa limpida corrente de escriptores, que sem época, nem nacionalidades, superior a todas as escolas, vem desde Xenophonte na Grecia, e Cesar em Roma, atrevesando os seculos, para se engrossar com os Fustel de Goulanges e os Taines em França, os Macaulays em Inglaterra, os Mommsens na Allemanha e os Ferreros na Italia, produzindo esses escriptos admiraveis pela naturalidade, que nos permitem engolfar-nos, embeber-nos completamente no assumpto, sem a cada passo se metter de permeio entre o leitor e a pessoa, o objecto, o factio, ou a ideia, que se descreve no livro, a figura impertinente, pedantesca e

insupportavelmente pretenciosa do autor, a impôr-se á nossa attenção com suas excentricidades de fórma, a desviar com suas extravagancias de estylo o nosso espirito das cogitações em que a leitura o ia embebendo, a perturbar-nos — em summa — com as esquipaticas innovações, oriundas da sua importuna e odiosa vaidade.

A linguagem de Lisboa é a que bem se casa com o seguro criterio, o claro entedimento, o espirito penetrante e a austeridade de principios do historiographo, amigo e admirador de Alexandre Herculano, e que tanto illumina alguns capitulos da nossa historia.

Quem mais precisamente do que elle retratou os governadores que teve o Brazil desde os seus primeiros tempos até ao fim do regimen colonial, «mandões ignaros, corrompidos e perversos, que, obcecados pela cubiça, e encarniçados nas luctas civis, e na perseguição da raça desvalida dos indios, calcavam todos os seus deveres, e preteriam todos os outros meios, cujo emprego intelligente conduziria sem duvida e para logo aquella pobre colonia á prosperidade agricola e commercial de que se viu privada durante o longo periodo de mais de seculo e meio?» Ao ouvirdes essas palavras candentes do escriptor brasileiro, não vos lembram immediatamente as figuras, tão vulga-

rizadas pelo ferrete da mais justa reprovação publica, de certos governadores de Estados da Federação Brasileira, que parecem repetir, por uma especie de lei dos «corsi e ricorsi» de Vico, os typos ancestraes dos nossos mandões e politicos?

Grande é o empenho de Lisboa em defender o Brasil da pécha de ter sido colonizado por gente condemnada ao degredo por crimes commettidos na metropole. Cuidadosamente verificou que no quinto livro das Ordenações do Reino estava comminada essa pena para duzentos e cincoenta delictos; e que taes crimes consistiam frequentissimamente em simples peccados, maus costumes, opiniões e pensamentos então reprovados, e até no exercicio por um dos sexos de uma industria, incontestadamente honesta, que para o outro se reservava. Punidos com o degredo eram continuamente o adivinho, o feiticeiro e o alcoviteiro. Pelo que me toca, senhores, confesso-vos que não me julgo no dever de manifestar uma profunda gratidão ao escriptor maranhense, por ter elle demonstrado com os mais convincentes argumentos que, em vez de sermos descendentes de réos confessos de graves delictos, somos apenas bisnetos de feiticeiros e alcoviteiros.

A esse trecho de historia patria bem preferivel me parece o em que o infatigavel ex-

cavador do nosso passado, e critico judicioso, posto que austero, dos factos narrados, patenteia o atraso, a boçalidade, com que Portugal tratava a sua vastissima colonia da America. Promulgado o alvará de 5 de Janeiro de 1785, que extinguiu e mandou fechar todas as fabricas existentes no Brasil, julgou o governo da metropole necessario expedir instrucções para a execução desse alvará, e nessas instrucções se liam pensamentos estupefacientes como estes: «O Brasil é o paiz mais fertil e abundante do mundo em fructos e producções da terra. Os seus habitantes têm, por meio da cultura, não só tudo quanto lhes é necessario para o sustento da vida, mas ainda muitos artigos importantissimos para fazerem, como fazem, um extenso commercio e navegação. Ora, se a estas incontestaveis vantagens reunirem as da industria e das artes para o vestuario, luxo e outras commodidades, ficarão os mesmos habitantes totalmente independentes da metropole. E', por consequencia, de absoluta necessidade acabar com todas as fabricas e manufacturas do Brasil.»

E' a obra prima de Lisboa, a «Vida do Padre Antonio Vieira», não obstante ter sido achada entre os papeis, que, em virtude de expressa recommendação do autor, «deviam ser queimados sem ser lidos», e posto que



ainda faltasse aperfeiçoar e polir o estylo, e uma synthese final, em que pretendia condensar, como em um painel, o conjuncto das acções e dos escriptos do grande jesuita, orador sagrado, epistolographo, escriptor politico, diplomata e estadista, «mixto admiravel de grandeza e pequenez», estupendo composto de extremos, com as mais estupendas contradicções.

Nesse trabalho, e no que ácerca do mesmo padre escreveu no «Jornal de Timon», depara-se-nos o bastante para ficarmos bem conhecendo, não só o biographado, como a época e o meio em que viveu este.

Modelo literario do estylo descriptivo é toda a parte do livro, em que Lisboa narra como passaram os primeiros annos de Antonio Vieira, a sua fuga de casa e recolhimento ao collegio dos jesuitas, aos quinze annos de idade, «ou fosse que a sua intelligencia e ambição precoce lhe dessem a conhecer que nos jesuitas estava concentrado todo o poder da época, e que, abraçando o instituto, entrava pela porta mais facil e azada para quem queria seguir os caminhos que guiam á grandeza humana, ou fosse que os padres, sondando com um só lança do seu olhar profundo e penetrante tudo quanto o porvir reservava áquella flor apenas desabrochada, e, fieis ás maximas da ordem, empregassem todos os meios para captal-o e se-

duzil-o»; a impressão de terror, produzida pelos successos das armas hollandezas em 1640, em meio da qual prégou Vieira o seu famoso e eloquentissimo sermão, que começa pelo texto — « Exurge, quare obdormis, Domine? »; a viagem de Vieira a Lisboa depois da restauração da independencia de Portugal, em fevereiro de 1641, e os triumphos e louros que colheu como prégador na capital do reino; a privança e o valimento junto de d. João IV; o celebre plano da instituição das companhias de commercio, tão habilmente resumido por Lisboa; a intervenção de Vieira nas negociações com a Hollanda para a cessão das capitancias brasileiras desde o Ceará até Sergipe, intervenção que Lisboa estigmatiza nestes termos: « São passados mais de dois seculos depois destes graves debates, em que correu tanto risco a integridade do futuro imperio de Santa Cruz; os actores que figurarãem nessas scenas, os interesses e paixões que os moviam, tudo desapareceu; e a justiça da historia póde já agora proferir desassombrada a sua sentença. Se nos é permittido ser o seu organo, o nosso juizo não será duvidoso um só instante: a razão estava toda da parte dos antagonistas do astuto jesuita, senão em todos os pormenores, ao menos no essencial da questão, que é o que importa. Nunca em verdade

se vira palinodia mais solenne, nem a falsa politica accumulou jámais tantas contradicções e incoherencias, tantos sophismas e tantas maximas immoraes para desfigurar a verdade, e justificar o erro e a iniquidade. Dir-se-ia que o autor do parecer, como esses advogados resolvidos de antemão a sustentar indifferentemente o pro e o contra, fazia valer como podia todos os argumentos, bons e maus, para sustentar a these preferida, sem se embaraçar absolutamente com a realidade dos factos, a natureza das coisas e a justiça da causa, sem hesitar um momento deante das contradicções e incoherencias mais flagrantes»; e as visitas que fez Vieira a diversas côrtes da Europa, para syndicar do procedimento dos embaixadores portuguezes, visto não inspirarem elles muita confiança a el-rei, pois occultavam a verdade, «querendo antes agradar que entristecer, que era a moeda que então corria, tão falsa como perigosa»; e especialmente o modo como se havia e portava o astucioso jesuita: «Estes negocios graves e serios, é Lisboa quem escreve, não o impediam de dar-se ás distracções mundanas proprias das côrtes, e da alta sociedade que frequentava, se não é que de proposito as procurava como meio facil e azado para tomar informações, rastrear os segredos, e regular os proprios actos. O certo é que tra-

java á secular, e vivia com luzimento á lei da nobreza, assistindo ás reuniões, funcções, solemnidades, e dissertando á sobremesa em tom ora serio, ora jovial, já sobre os negocios do estado, já sobre assumptos frivolos e amenos, misturando as observações profundas com os ditos galantes e remoques finos e agudos, contentando em tudo aquella admiravel flexibilidade de espirito e de maneiras, e aquella pasmosa aptidão, que tão facilmente e com tanta vantagem sabia amoldar-se a todas as situações de uma vida tão varia, e tão cheia de complicados accidentes. E' verdade que, arrebatado pelo ardor do seu character, e pelos habitos irresistiveis da verdadeira profissão, o improvisado diplomata deixava entrever a roupeta mal dissimulada, e cedendo o logar ao jesuita e ao theologo, travava nas mesmas occasiões longas e ardentes controversias com os herejes e judeus, genero de exercicio e combate, assevera Barros, em que naquellas regiões do norte adquiriu uma gloria immortal, e triumphos não menos assignalados que nas luctas politicas ».

O talento com que Lisboa narra concisamente, ao mesmo tempo que as diligencias e tramas de Vieira, o grande empenho posto pelo famoso jesuita em conseguir o casamento do herdeiro da casa de Bragança, o principe d. Theodosio, com a infanta de Castella, casamento

que importava a união da península ibérica, ou, mais precisamente, a absorção de Portugal pela Hespanha, e portanto a extinção da independência do velho reino lusitano, e a arte com que nos refere a entrevista de Vieira com tres padres hespanhoes, na qual o jesuita portuguez tanto encareceu os predicados do seu principe, «reconhecido e celebrado no mundo pelo principe mais perfeito de toda a Europa, e o mais digno da mão da infanta, a quem levaria em dote Portugal, e tudo quanto Portugal possui em a metade do mundo. O meio da conquista com a espada em punho que intentava a Hespanha, quando Portugal o buscava com o amor, mostrava a experiencia de dez annos quanto era illusoria», merecem tanto o nosso apreço e admiração, quanto a severidade com que aprecia o facto: «Não é nosso proposito discutir aqui esta complicada e espinhosa questão da união ibérica, sempre pendente e sempre ameaçadora; limitamo-nos a encarar os factos do ponto de vista da independencia absoluta de Portugal, que em presença da opinião e do mundo era o mesmo destes negociadores, que no segredo dos seus gabinetes a sacrificavam com tão pouco escrupulo. Assim uma velha nacionalidade de cinco seculos, duplamente consagrada e remoçada pela exaltação da dynastia de Aviz, e pela recente revolução

de 1640; o sangue e os thesouros sacrificados nas guerras passadas e presentes; a longa oppressão de sessenta annos, os esforços empregados durante os ultimos dez annos para evital-a, as antipathias nacionaes, o odio do estrangeiro, o amor da liberdade e da independencia, tudo era esquecido, a troco de uma simples accommodação dymnastica. Por este preço Portugal cedia tudo, nem sequer se empregavam as attentões costumadas da linguagem para o disfarçar; Hespanha recuperava simplesmente o que era seu. No dia mesmo da alliança, as armas que se empenhavam na fronteira em lucta fraticida marchariam unidas a domar os rebeldes da Catalunha, e ainda os de Napoles, levantados, sabemos bem, a cuja voz e instigações, e seriam apontados ao coração da França, onde até então Portugal mendigava auxilio e protecção, que Mazarino pela sua parte lhe regateava. Mas ao menos, nessa famosa paz dos Pyrineos, tão justamente qualificada de assaz indecorosa pelos politicos portuguezes, limitou-se a França ao abandono, sem estipular com o inimigo da vespera a ajudar com as suas armas a opprimir o alliado trahido.

... Grande foi sempre a reputação do jesuita Antonio Vieira como portuguez extremamente amante da sua patria. D. João IV andou sempre em fôro de restaurador da inde-

pendencia nacional, e ainda hoje, passados mais de dois seculos, como tal o festeja e acclama o espirito anti-iberico do povo, suscitado e avivado deante de novas ameaças de annexação; mas a historia imparcial, compulsando os documentos, pesando as acções, e fundando-se na propria confissão dos culpados, pronunciará sem escrupulos e sem piedade que, se nesta tremenda crise a alguém deveu Portugal a sua salvação, foi ao monarcha hespanhol, que na sua cegueira e imprevidencia politica refusou a compra que se lhe offerencia por preços tão vantajosos. Nos conselhos da sua politica não podia ainda ter entrada a idéa de uma transacção com o reino rebellado, e a esperanza de o sujeitar emfim pelas armas ainda o animou bem perto de dezoito annos; e no seu orgulho de monarcha omnipotente foi talvez maior a extranheza e o assombro que a colera, ao ouvir a proposição de uma alliança matrimonial da parte de um vassalo, réo de alta traição, e presa já por ventura destinada ao verdugo, nos seus sonhos de triumpho proximo e infallivel, e tanto menos digno de contemplação, quanto no momento mesmo em que por uma parte a implorava, por outra aggravava a culpa antiga, favorecendo a conspiração de Napoles».

Não se descuida Lisboa de mostrar e encarecer as notáveis qualidades intellectuaes e moraes de Vieira, desde o assombroso talento verbal, manifestado nessas cartas tão admiráveis pela perfeição da fórma opulenta como pelo desembaraço e singular afoiteza das lisonjas do cortezão, e nesses sermões de uma maravilhosa, arrebatadora eloquencia, até aos inestimáveis predicados do desinteresse, do completo desprendimento dos proveitos e commodidades pessoaes, do raro desapego ao dinheiro, do grande jesuita: «O seu desinteresse em materia de dinheiros e riquezas nunca se desmentiu um só instante em tantas occasiões em que a tentação era tão facil e natural. Até os proveitos licitos engeitava, quando tantos outros em posição muito menos vantajosa não se descuidariam de enriquecer illicitamente. Nas missões da Hollanda e Roma, teve avultadas quantias á sua disposição, em que nunca sequer tocou. Para suas despezas pessoaes nessas e outras missões, satisfazia-se com ajudas de custo muito limitadas, pois sempre andava com extrema simplicidade, e sem outra comitiva além de um moço para lhe descalçar as botas, como elle mesmo diz; e ainda assim, se lhe ficavam algumas pequenas dobras, as repunha escrupulosamente».



Com o mesmo espirito penetrante, com o mesmo elevado criterio e severo juizo, com que fulmina a intervenção de Vieira para o fim de se transferirem á Hollanda as capitánias brasileiras desde o Ceará até Sergipe, e as manobras do fingidissimo e refohadissimo jesuita no sentido da união da penisula iberica, dissecando Lisboa a credulidade, extremamente absurda, do seu biographado, as suas inqualificaveis crendices, abusões e patranhas, as suas grotescas historias de cometas, que davam á costa com os navios, de doentes que tinham no corpo dragões de um covado de comprimento e com duas azas da grossura de dois dedos, e particularmente esse monumental acervo de ridiculas superstições, insupportaveis trocadilhos e sesquipedaes dislates, que, sob a denominação de «Quinto Imperio do mundo», «Clave dos Prophetas» e «Historia do Futuro», encerra um longo commentario das prophcias do sapateiro—Gonçalo Annes Bandarra, vastas e cerebrinas explicações da escriptura sagrada, em que se demonstra que o termo — «columba» designa Chistovam Colombo, «gentem conculcavit», os indios do Brasil, a expressão — «cujus diripuerunt terram ejus» a região do Amazonas, e outras semelhantes baboseiras, que nem a época nem o ambiente social explicam, ou sequer attenuam.

O illustre mestre da critica litteraria entre nós, meu prezado amigo sr. José Verissimo, parece que não approva as severidades dos conceitos de Lisboa nesta parte. E' o que infiro deste trecho do notavel escriptor: «O seu estudo sobre a revolta do Bequimão, onde todas aquellas suas capacidades, e qualidades se reúnem e apuram, é uma das nossas melhores monographias historicas, e a «Vida do Padre Antonio Vieira», não obstante inacabada e sem o ultimo polimento, uma das mais bem feitas biographias da nossa lingua. Com a ultima demão do escriptor, e menos preconceitos liberaes, que ás vezes empanam o juizo do historiador, poderia facilmente ter sido o livro definitivo, que ainda espera o grande jesuita».

Permittirá por certo o abalizado critico que eu divirja de tão acatada opinião. Contemporaneo de Vieira, que nasceu em 1608 e morreu em 1697, foi Bossuet, que viveu entre 1627 e 1704. Não obstante o excessivo rigor da sua theologia, que, aggravado por um pequenino e pertinaz sentimento de rivalidade, o levou á mais cruel perseguição do affectuoso e doce arcebispo de Cambrai, Fénelon, ou talvez por isso mesmo que se adstringia austeramente aos ensinamentos theologicos, a aguia de Meaux, quando adejou sobre a histo-

ria, o que produziu, foi esse soberbo e famoso «Discurso sobre a Historia Universal», cujas idéas podemos repellir por contrarias á sciencia e á razão, mas cujo merito e extraordinario brilho dentro da sua escola não nos é dado pôr em duvida. Que immensa distancia entre essas paginas majestosas, de uma eloquencia empolgante, em que, de accôrdo com os principios divulgados por uma egreja que, ha quasi dois mil annos, tem presidido aos destinos da melhor parte da humanidade, se explicam a creação do mundo e as revoluções dos imperios por esse providencialismo que dirige todas as acções dos homens e todos os feitos dos povos, ora moderando as paixões, ora soltando-lhes as redeas, e esse amontoado de sophismas e phantasias disparatadas, conjecturas astrologicas e insensatas prophcias, que compõem uma grande parte da philosophia da historia do sempre contradictorio e sempre astuto jesuita portuguez!

Nem se diga que diverso era o ambiente social dos dois grandes oradores. Não: Vieira esteve em Paris, em Londres, na Haya e em Roma, onde se demorou longamente, chegando até a prégar em italiano com grande successo, e prestando-se a defender as lagrimas de Heraclito contra o riso de Democrito nas justas academicas, talvez mais frivolas que as dis-

cussões dos nossos collegiaes acerca de certos pontos corriqueiros de historia, que a rainha Christina da Suecia dava em seu palacio. Não lhe podia, pois, ser extranho o movimento philosophico e literario das mais cultas nações da Europa.

Tecendo um caloroso elogio do engenho e do estylo de Lisboa a proposito da narrativa da revolta de Beckman, conhecido por Bequimão, e reproduzindo este trecho do seu biographado: «Eis aqui certamente uma revolução, em que a accumulção das causas, a tempera dos caracteres, o extranho e variado dos incidentes e o tragico e sanguinolento do desfecho dão á historia o attractivo pungente e seductor do drama e do romance», lamenta o biographo, Antonio Henriques Leal, que o escriptor maranhense não nos tenha com esse tão dramatico episodio da historia patria, composto uma obra de arte, um romance historico, por exemplo, á maneira de Manzoni e de W. Scott. Chega a conjecturar que já Lisboa revolvía na mente a obra que suppõe talvez necessaria á gloria do seu biographado. Mas, ter-se-ia de facto augmentado a gloria do illustre escriptor brasileiro, se elle tivesse deixado um ensaio desse genero tão espinhoso, em que Alfred de Vigny naufragou, e o genio de Hugo não conseguiu legar-nos uma obra es-

coimada de graves defeitos? Tão difficil é combinar nas justas e exactas proporções, dosar a parte de historia e a parte de phantasia, que devem entrar num romance historico, para que este não se transforme em um trecho de historia sem os severos requisitos desta, ou em uma narrativa romanesca, em um romance sentimental, sem as qualidades seductoras deste; tão difficil é alcançar essa evocação pittoresca do passado, de que nos fala René Doumic, que para o renome do inolvidavel maranhense julgo preferivel que não tenha tentado a arriscada empreza. A sua lingua nobre e classica, o seu profundo criterio e raro descortino e a sua grande segurança nos julgamentos e conceitos, cabem melhor em livros de historia do que nessas delicadas, subtis e custosas mesclas de imaginação e de realidade, em cujo tentamen o proprio genio meticuloso do autor de «Madame Bovary», não logrou colher os louros que lhe grangeara o romance naturalista.

Não devemos tão pouco lamentar que Lisboa não nos tenha deixado o drama a que alludiu na passagem transcripta. O theatro nunca foi, nem é por emquanto, um genero brasileiro. Num livro ha pouco tempo publicado, a «Evolução do Theatro», o escriptor portuguez Eduardo de Noronha, enumera mais de cem autores brasileiros de dramas, comedias e trage-

dias. Se attentamente examinardes a longa relação, vereis que o seu defeito é a deficiencia. Nota-se a falta de um numero não pequeno de autores contemporaneos de produções theatraes, cujos nomes não ignoramos. Pois bem: de todo esse vasto repertorio, felizmente, quasi todo banido para bem longe da scena, que é que se póde ouvir com algum interesse, ou sequer com um pequeno sacrificio? A's nossas composições theatraes falta o elemento dramatico, a analyse e a comprehensão vigorosa da realidade, o relevo dos caracteres, os dialogos interessantes, engenhosos, animados, «saltitantes, scintillantes, crepitantes», as scenas que dão uma sensação immediata da vida, a vida, o espirito, a graça, «o instincto das combinações que surtem effeito», a arte particular do theatro que «nada tem de commum com a literatura, que não precisa da poesia, nem do estylo», falta a acção, «personagens que mais agem do que falam, situações que se accumulam, intrigas que se cruzam», o drama que corre ao desenlace «num movimento violento, arquejante»; falta, em summa, essa deliciosa arte em que os francezes são insignes, e os de Flers, de Cailavet e tantos outros, ainda com os mais simples enredos, e com os factos mais vulgares, têm composto môdelos admiraveis.

Para ser um benemerito da patria basta a Lisboa a memoria do incessante combate que durante tantos annos, pelos seus periodicos e por esse famoso «Jornal de Timon», elle pelejou indefessamente em favor destas idéas extraordinarias, exoticas, inacreditaveis, em nosso meio social: o governo e a administração publica competem aos mais notaveis pela intelligencia, pelo saber e pelo character; os homens que governam, devem subordinar-se ás leis, e respeitar as liberdades e os direitos dos cidadãos; deante das autoridades, especialmente no começo dos governos, não se desfaçam os individuos em salamaleques, lisonjas e aviltantes humilhações, bem como, sobretudo no fim dos governos, não se desentranhem tão pouco em aleivosias, com vicios e calumnias, cumprindo-lhes em qualquer tempo absterem-se de conspirações e de revoltas. Em meio deste vasto tremedal que é hoje a vida politica no Brasil, em que tudo se afunda e desaparece na mais infecta lama, sobrenadando quasi unicamente a absoluta incapacidade, o cretinismo em suas mais expressivas revelações, a suprema inconsciencia e o completo e desnudado impudor, a servirem as ambições do mais rombo, estéril e envilecido egoismo, com a silenciosa acquiescencia dos que em immensa legião, perdidos os ideaes dos homens civilisados, só cui-

dam tranquilla e sordidamente dos interesses e das commodidades materiaes, evocar a figura historica do autero patriota, João Francisco Lisboa, se ainda houvesse possibilidade de arrenpedimento e de remorso, fôra, para me utilizar de uma imagem outr'ora muito ao sabor dos nossos politicos e jornalistas, produzir a mesma impressão que o apparecimento da sombra de Banquo em meio do festim de Macbeth.

E, se para a consagração do patriota, basta recordar a sua vida de jornalista e de politico, é sufficiente a classica «Vida do Padre Antonio Vieira» para a gloria do escriptor.

---



## A NOSSA DIPLOMACIA

Conferencia realisada no dia  
5 de abril de 1913 pelo sr.  
dr. M. de Oliveira Lima.

O gosto pelas cousas diplomaticas tem-se desenvolvido muito entre nós. Prova-o o numero sempre crescente de aspirantes a lugares nas legações, nos consulados e na Secretaria do Exterior, grassando sobretudo a epidemia — se é que tão feio nome cabe a tão bonito mal — entre os bachareis em direito, mas não ficando delle incolumes os doutores em medicina, nem os engenheiros. Creio que por emquanto só o clero se lhe mostra refractario, apesar do patrono da carreira ser o ex-bispo Talleyrand e de Leão XIII haver sido o diplomata consummado que todos reconhecem. Não desespero aliás de ver aproveitadas neste campo as aptidões de alguns dos nossos patricios tonsurados, que no grande padre Antonio Vieira

encontrarão não só um modelo de prégador, como de agente politico em terras estrangeiras.

Ha comtudo outras demonstrações do gosto que adquirimos no Brasil pelas cousas diplomaticas. Os analyistas da nossa vida diplomatica começam a apparecer e suas estréas têm sido brilhantes. No Itamaraty, não contando aquelles que se dedicam a estudos juridicos, como o sr. Briggs e o sr. Sylvio Romero filho, funcçionarios distinctissimos, peritos ambos em materia de extradição, de cartas rogatorias e outros aspectos das relações internacionaes, ou os poetas de genuino estro, como o sr. Matheus de Albuquerque, podemos apontar neste momento dois cultores de historia diplomatica: os srs. Araujo Jorge e Helio Lobo, dois moços de real, de indiscutivel merecimento, o primeiro autor de um trabalho sobre o reconhecimento da Republica, e a acção diplomatica das primeiras presidencias, o segundo, autor de varios estudos sobre os conflictos politicos no Rio da Prata e outros episodios da nossa actividade no estrangeiro.

Ao Itamaraty pertence ainda, pelo cargo de consultor juridico que alli exerce, o mestre eminente reputado pelo seu character peregrino e pelo seu levantado talento, doutor Clovis Bevilacqua, a quem coube, numa hora de feliz inspiração, colligir e expôr a contribuição do

Brasil, isto é, dos seus homens de cathedra, de governo e de representação exterior, para o progresso do direito das gentes. A enumeração é longa, se bem que a descripção seja concisa, e não deixa de ser altamente consoladora a impressão com que se fica, ao percorrer os dois volumes desse trabalho excelente como todos os do notavel jurista, de que o Brasil não tem tanto no seu passivo inglorias luctas civis, quanto tem no seu activo demonstrações concludentes do seu espirito de respeito aos direitos alheios e de profunda sympathia humana.

Assentou-lhe por isso bem a honra de ser a séde escolhida para a reunião da recente conferencia americana de codificação internacional, com que o Novo Mundo pretende estabelecer não um direito publico diverso do europeu, mas a consagração dos principios de direito publico que tem amparado e regulado o seu desenvolvimento moral, desde a definição da intangibilidade da soberania do continente, formulada pelo presidente Monroe numa doutrina famosa, hoje tendente a perder o seu character perigoso de exclusivismo e de tutela, mediante a distribuição por todos os paizes americanos das suas responsabilidades e deveres.

O illustre jurisconsulto e professor dr. Sá Vianna, num livro publicado o anno passado,

que foi acolhido com viva *sympathia* pelo intellectualismo europeu — posso dar disto testemunho no tocante á Belgica — combateu com extrema felicidade a these de um direito publico americano, que é natural ter acudido ao espirito revolucionario de Bolivar, em lucta não só contra a resistencia hespanhola á libertação do imperio hispano-americano, mas contra o espirito de recolonisação da Santa Alliança, hostile a todo movimento de revolta popular, nada havendo entretanto que presentemente justifique a these do sr. Alvarez.

O trabalho do sr. dr. Sá Vianna não prejudica comtudo qualquer desvanecimento fundado na larga participação do nosso mundo americano na evolução do direito internacional. Muito pelo contrario, sendo um unico este direito dos dois lados do Atlantico, por mais locais que tenham sido alguns problemas americanos e por mais particulares que tenham sido suas soluções, mais directa e effectiva apparece aquella participação no progresso geral da humanidade.

A porção que nos compete especialmente nesta politica de harmonia internacional, que tratamos por nosso lado que não ficasse theorica, dando-lhe a sancção pratica de varios arbitramentos memoraveis e até lhe garantindo uma feição permanente na nossa Constituição,

explica em parte o pendor a que me referi, pelas cousas diplomaticas que se tem tornado muito nosso. Temos a consciencia — nalguns será apenas o instincto — de que nesse terreno temos commettido feitos uteis e nobres.

Depois, a presença no ministerio, durante quasi dois lustros, precisamente do advogado dos nossos direitos nos mais importantes daquelles pleitos arbitraes, juntamente com a sua superior disposição para todas as questões tocando as relações exteriores, disposição sempre aberta, indubitavelmente orientada pelo patriotismo e que só tinha o defeito de ser na sua essencia absorvente e por isso eventualmente menos justa nas suas manifestações, foi um incentivo poderosissimo para espalhar-se e estimular-se o gosto entre nós pela vida diplomatica. Accresce que o ministro não desadorava a «mise-en-scène» e mesmo o fausto compativel com o nosso meio, e ninguem ignora quão poderosa é a suggestão da pompa. A ella sempre se recorreu em todas as sociedades cultas, e até a empregaram os missionarios para catechisar os selvagens.

Se assim se exerceu o magnetismo da personalidade de Rio Branco, tivemos durante a sua gerencia da pasta de estrangeiros, a dita de contar na assembléa da paz da Haya o genio de Ruy Barbosa, que foi alli mais do

que o expoente do nosso saber juridico e o paladino das nossas justas e altruistas aspirações de egualdade juridica entre as nações, porque foi o documento vivo da cultura intensa e progressiva da America Latina e o testemunho mais inquestionavel do quanto pode valer o seu adiantamento em materia de direito.

A vasta erudição do sr. Ruy Barbosa que, como sabeis, não é sómente juridica, é também philologica, historica, literaria—quereis pagina mais vibrante e mais penetrante de critica literaria do que a allocução a Anatole France na sessão da Academia Brasileira? — é, já se sabe, o resultado de um aturado esforço individual, servido por uma maravilhosa intelligencia, mas é também o fruto da continua desenvolvimento da raça. Este phenomeno, como qualquer outro, suppõe leis que o regem, e não se poderia produzir num meio que lhe fosse contrario. E' que temos por nós, e neste nós abranjo as tres Americas — ingleza, hespanhola e portugueza, — a torça da tradição.

Quero todavia cingir-me á America Portugueza, ao nosso Brasil. Ha poucos dias, via em mãos do distincto funcçionario da Secretaria do Exterior, sr. Raul Campos, as provas de um trabalho prestes a apparecer, e que é uma relação annotada, especie de catalogo «raisonné», dos diplomatas brasileiros no extran-

geiro e dos diplomatas estrangeiros no Brasil, já se sabe segundo a ordem alphetica das nações que os acreditaram ou onde estiveram acreditados. A lista é longa e na sua forçada seccura indica, mas sobretudo deixa perceber a quantidade de negociações, de discussões e de ajustes. Ao lado de Christie, a quem tivemos de entregar os passaportes, Thornton, que foi a Uruguayana entregar a Dom Pedro II as suas credenciaes, juntamente com as desculpas da Inglaterra reconciliada sob os auspicios de Leopoldo I da Belgica. Muito depois de Pontois, que assistiu ao 7 de Abril, Amelot de Chaillon, que assistiu ao 15 de Novembro. Entre Manuel Garcia, que reconheceu o nosso bom direito á Cisplatina, e Enrique Moreno, que alcançou a partilha do territorio das Missões, o nosso bom amigo argentino, o general Mitre, sempre empenhado em preservar a cordialidade das duas grandes nações da America do Sul, cujos exercitos aliados tivera a honra insigne de commandar na primeira phase da guerra do Paraguay.

Revedo a successão propriamente dos nossos ministros — ai! quantos em um seculo! — acudiu-me quão benemeritos foram, muitos, e quão merecido é o conceito lisonjeiro de que gosa o nosso serviço diplomatico nas republicas de lingua hespanhola. Todas ellas nos in-

vejam o termos uma «carrière», não só porque se inveja aquillo que se não possui, mas porque lhe attribuem a geral felicidade que tem acompanhado a nossa actividade no exterior.

A educação, o «training», é certamente util e vantajoso, mas é preciso não pôr de lado o que se deve á continuidade de vistas e á sagacidade do governo que dirige a acção diplomatica. Disposições naturaes de resto se encontram, que dispensam todo o preparo obtido nas chancellarias: Penedo, quando foi dirigir a nossa legação em Washington, sahia do Parlamento e era «apenas» um advogado notabilissimo.

O prestigio da nossa diplomacia — que chegou a tel-o durante o Imperio e se manteve integro na Republica, porque lhe serviu de sentinella o visconde de Cabo Frio, personificação das nossas tradições diplomaticas — provém tambem ou antes proveio originalmente de uma circumstancia historica. Unico paiz da America a tal respeito, o Brasil foi séde e capital de uma monarchia européa, e a diplomacia portugueza de 1808 a 1821 teve de ser brasileira no nome e no espirito. No Congresso de Vienna que constitue um dos marcos miliarios na historia diplomatica do mundo, Portugal conquistou assento junto das grandes potencias por ter feito valer as dimensões do



Brasil, onde se achava a Côrte, e Palmella, Oriola e Porto Santo defenderam muito mais os interesses do Brasil do que os de Portugal.

De facto, as questões capitaes, e mesmo as unicas ventiladas em Vienna com relação a Portugal, foram as do trafico, base economica do Brasil, da restituição de Cayenna, conquista brasileira, e da annexação de Montevidéo, conquista egualmente brasileira. No convivio dessa gente se formou Itabayana, que veio a ser o primeiro ministro do Brasil em Londres, depois de haver secundado Barbacena na questão do reconhecimento do Imperio. Diplomatas do Reino, como Oriola, escreviam em Stockholmo descripções da terra longinqua e opulenta que a presença do soberano fizera sahir da condição de dependencia, e em Vienna o elegante Marialva, de quem, morto, as cortezans de Pariz se disputariam as madeixas, negociava o casamento do principe que devia proclamar a independencia do paiz que o acclamára seu defensor perpetuo.

A nossa tradição diplomática passou, pois, sem solução de continuidade da época colonial para a época independente, e as questões a debater e resolver permaneceram até nossos dias virtualmente as mesmas que foram alinhavadas sob as vistas de Metternich. A do trafico trouxe-nos os conhecidos dissabores com

a Gran Bretanha; a da Guyana occupou constantemente a diplomacia imperial, provocou a obra magistral de Joaquim Caetano e determinou a missão do visconde de Uruguay junto á côrte das Tulherias, antes de ser liquidada a nosso favor no Conselho Federal de Berna; a da Cisplatina levou-nos á guerra com as Provincias Unidas do Prata, que impopularisou mais que tudo o primeiro imperador e figurou entre as razões da abdicação, sem deixar de vir a ser em ultima analyse a causa das duas guerras estrangeiras do segundo reinado.

Não se pode conseguintemente dizer que nos falta tradição. O limite do Prata e o limite do Oyapock fizeram parte dos debates de Utrecht, onde se deu largas o tino diplomatico de d. Luiz da Cunha, e não se deixou desde então adormecer um instante a nossa vigilancia—portugueza e mais tarde brasileira—emquanto noutros paizes latinos-americanos os novos governos constituídos se viam a braços com questões novas.

O nosso Pereira Pinto, que não foi um estadista como Calvo, antes um erudito colleccionador e commentador de tratados, agora posto em dia pelo meu collega Cardoso de Oliveira, offerece nas suas paginas ampla confirmação daquella observação, ao passo que num tratadista como o venezuelano Seijas vemos sobretudo

avultar reclamações pecuniarias estrangeiras e expulsões de ministros estrangeiros. Contra a cobrança violenta das primeiras formulou o estadista argentino Drago a sua já celebre doutrina, que de começo pretendemos interpretar mal, mas que a Conferencia da Haya não teve duvida em perfilhar; das segundas, soffri indirectamente em Caracas a repercussão, quando me coube protestar, em 1906, contra o tratamento dispensado ao meu collega francez Taigny, em menosprezo das suas immunidades diplomaticas.

Episodios como este, offensivos da cortezia internacional, empanariam os creditos diplomaticos da America Latina em geral, se não fossem justamente aquilatados como arbitriedades de caudilhos, com costas largas para tanto. A parte politicamente mais san, o escol intellectual, o elemento de cultura dos nossos paizes deixou de si na Haya uma tão bella recordação, que difficil se tornou já agora apagal-a ou sequer obscurecel-a.

A Europa faz afinal justiça aos nossos meritos como ás nossas falhas e sabe perfectamente que seria impossivel no Paraguay de hoje, como no de Lopez, ameaçar de morte representantes estrangeiros, ou na Bolivia actual, como na do tempo de Melgarejo, expôr um

ministro diplomatico, trepado á força num burro, á chacota dos bandos de cholos.

Não data aliás de hontem o bom renome da nossa diplomacia. Conheci ministros como Carvalho Borges, que era intimo do secretario de Estado do presidente Hayes, o grande advogado Ewarts, e como Penedo, que em Londres occupou posição eminente na sociedade, no mundo das finanças e no da intelligencia, sendo-lhe dado — caso virgem nos circulos diplomaticos — envergar as vestes vermelhas de doutor de Oxford «honoris causa». Tive a dita de servir e aprender com chefes como Itajubá, a quem o principe de Hohenlohe, nomeado chanceller do Imperio Allemão, fez sua primeira visita diplomatica, a titulo de amigo; como Salvador de Mendonça, amigo particular de Blaine e de Cleveland e que na sua primeira conferencia pan-americana obteve mais do que nas ulteriores se alcançou; como Souza Correia, commensal do rei Eduardo e a quem todos os salões aristocraticos e castellos do Reino Unido se honravam de convidar.

Não se exgottou afortunadamente esta optima sementeira de diplomatas. Sabeis todos quanta consideração disfrutou nos Estados Unidos o embaixador Nabuco, como a sua cultura foi reconhecida e admirada nos meios academicos, como seu encanto pessoal redundou

em prestígio para o paiz que representava. Aqui presente vejo um meu presadissimo collega, o vosso patricio Lorena Ferreira, que teve o dom de merecer no exercicio das suas funcções os agradecimentos de cinco governos estrangeiros; que em certo periodo da historia agitada de Venezuela teve a seu cargo, além dos nossos, os interesses francezes e americanos; que no Paraguay acaba de atravessar uma crise delicadissima, sem provocar attritos graves, porque procedeu em todas as emergencias «sans peur et sans reproche», erguendo bem alto o pavilhão cuja honra lhe fôra em boa hora confiada.

A vida diplomatica tem, senhores, destes momentos que eu appellidaria de sublimes, se não fosse o receio de parecer que padeço do sestro da adjectivação exaggerada. Sublimes porém se pode dizer, desde que a nação e o agente se confundem numa só pessoa, desde que o individuo fala e age, vence ou cae transfigurado no seu paiz. Taes momentos são, é verdade, raros, como são raros na vida os lances dramaticos. De ordinario os dias acabam, e ainda bem para os nossos nervos, sem termos passado por emoções mais fortes do que a de perder o bonde ou a de apanhar uma soalheira. No ramerrão official os diplomatas escrevem officios que o ministro não

chega a ler, e os consules assignam manifestos e legalisam procurações.

Os diplomatas têm mais entre as suas attribuições, ia dizendo os seus encargos, o comerem muitos jantares: mas mesmo neste capitulo sua importancia ha minguado. A vida é demasiado extrenua, demasiado apressada, demasiado complexa em nossos dias, para que se possa consumir horas á mesa ou para que seja conveniente sobrecarregar o estomago. Quem ouve mais falar de comilões como os de outr'ora? Que magistrado, e da Côrte Suprema, dedicaria seus ocios, como Brillat-Savarin, a escrever «Physiologia do gosto», e que romancista psychologico ou sociologico alternaria, como Alexandre Dumas pae, os seus labores, descrevendo as proezas de d'Artagnan e condimentando um pastelão de lebre? Quem se lembraria de renovar o duello pantagruelico de Octaviano e de Justiniano José da Rocha em casa do senador Nabuco, duello que o sr. Salvador de Mendonça acaba de contar num trecho das suas interessantissimas memorias e ao qual presidiu, como juiz do combate, o marquez de Abrantes, com a mesma compos-tura com que presidiria a um conselho de ministros?

Eu que não assisti a esse desafio extraordinario de mestres jornalistas, em que a «mayo-

naise» de camarões e o Perú com farofa serviram de armas de combate, ainda conheci, entre os nossos diplomatas, varios da especie dos «gourmets», desapparecida sob as dyspepsias da nossa época, em que as aguas mineraes tomam á mesa o lugar dos vinhos generosos de Borgonha e do Porto, terror dos gottosos, e a canja saborosa das nossas avós tem que ser feita sem paio, para se tornar mais leve.

Ao barão de Javary, o velho Loureiro, nosso ministro em Roma, se alguma vez inspiraram receio as negociações, nunca metteram medo as indigestões, e era de ver o carinho com que o barão de Carvalho Borges, em Lisboa, procedia á abertura de uma caixa de conservas do Potin, e a quasi ternura com que o seu olhar aflagava um roseo salmão do rio Minho, que os tem tão saborosos quanto escassos. Não se pode de resto dizer que denunciasse o diplomata mau gosto nessa estima culinaria.

Não faço aos diplomatas a injustiça de pensar que todos trabalham a morrer, nem lhes desejo que passem muitas vezes por transes iguaes. Aliás um collega meu já uma vez me disse que nós eramos como os bombeiros, sempre a postos, para apagar um fogo, e comtudo passando-se dias e dias sem haver incendios.

A comparação é feliz, comtanto que se accrescente que os bombeiros praticam em exercicios, e se não o fizerem, os moradores das casas incendiadas correrão grande risco de não ter quem os salve com a rapidez necessaria.

Para saber discutir um assumpto grave, salvar os interesses da patria numa dada emergencia ou pelo menos acautelar o seu porvir, requer-se muito exercicio: é mister que não estejam perros os dedos que manejam a penna, do mesmo modo que aos bombeiros é mister que não estejam enferrujadas as juntas. Não é esta todavia — eu bem o sei — a idéa que vulgarmente se faz de diplomacia.

Conheci uma senhora cujo filho se destinava á «carreira», mas tinha o sestro de não estudar, preferindo os «chops» ás licções. A mãe agoniava-se com a preguiça do futuro plenipotenciario, ou antes agoniou-se até que uma amiga lhe explicou que não devia apoquentar-se, nem sobretudo apoquentar o pequeno, porque para a diplomacia não se carecia de quebrar a cabeça com o que diziam os livros: bastava trocar pernas e ser casquilho. E o melhor é que essa amiga não recorria a argumentos só de consolar. Ella estava absolutamente convencida, pelo que ouvia e ainda mais pelo que via, da verdade do que affirmava.



Um ministro francez, meu conhecido, dividia os diplomatas em duas categorias: a dos cavallos de luxo ou de montaria, e a dos cavallos de tiro, de atrelar aos carroções. A estes cabe o trabalho, aos outros a parada, o que os hispano-americanos chamam «el lucir». Já se sabe, ninguém quereria pertencer á segunda classe, mas a distincção é alheia á propria vontade. Depende, no caso dos cavallos, do physico; no dos agentes diplomaticos, da intelligencia. Em diplomocia os cavallos de caminhão são os bons, os finos; os de cortezias são os inuteis, os malandros, embora amestrados em alta escola. Sirva isto de consolo aos que se julgam lesados na distribuição de favores, e qual a distribuição que se pode gabar de ser absolutamente equitativa?

Entre esses favores avulta naturalmente o de florear na Europa, em contraposição a londrear na America do Sul. A Europa tem attractivos colossaes. Os vapores despejam cada anno nos «boulevards» milhares de brasileiros, que só regressam quando os chamam suas obrigações ou se lhes mirra a bolsa. Que admira que os diplomatas tambem prefiram por lá andar? Montmartre é menos imponente, mas infinitamente mais divertido do que o Chimborazo, e quanto ás margens do Sena, não serão tão pittorescas quanto as do Magdalena, mas

são mais casquilhamente povoadas. Não é porém possível acreditar todo o corpo diplomatico entra o Tejo e o Neva: devem ficar alguns entre o Orenoco e o Prata.

O preclaro historiador Varnhagen, que reconstituiu os nossos annaes e que com tanto orgulho fazia seguir sua assignatura, nos livros de sua lavra, da indicação — «natural de Sorocaba» — era um amator de bons piteus, e quando o escolhi para meu patrono na cadeira que me foi concedida na Academia de Letras pela generosidade dos seus fundadores, creio que no meu intimo actuou não só a devoção com que desde rapazote eu me instrui do nosso passado nas suas narrativas e relações, mas uma instinctiva sympathia pelo pudim chinês com cujo preparo elle amenisava as suas arduas pesquisas.

A mesa foi um grande prazer material, quando havia estomago para digerir, e um grande prazer espiritual, quando havia tempo para palestrar. Hoje faz-se dieta e conversa-se pelo telephone. A este regimen não resistem os ditos de espirito. Na Suecia, onde me levaram os azares da carreira e onde se abusa do telephone, o ministro dos negocios estrangeiros quasi supprimiu as audiencias semanaes ao corpo diplomatico: os negocios são trata

dos e decididos entre o aparelho transmissor e o aparelho receptor.

É verdade que a vida moderna tem, senão maiores deleites, maior conforto. Então a gastronomia consolava de muita incommodidade. O que eram ha meio seculo as viagens para certas capitães sul-americanas, como Bogotá, Quito, La Paz, podeis avaliar pelo livro do conselheiro Miguel Maria Lisboa, depois barão de Japurá, um dos rarissimos entre os nossos diplomatas que se lembraram de deixar recordações, e ainda assim eram muito mais impressões de paizagem que de sociedade, porque se julgava então que a primeira virtude diplomatica era a discreção. Hoje está admittido que é a audacia. Talvez com isto lucrem as futuras «memorias», que até aqui peccam muito pela insipidez. Mesmo as de Talleyrand foram uma formidavel decepção: quanta cousa interessante não calou o genial velhaco!

Mal viajada, mal paga, mal comida porque bem haveis de imaginar que na Bolivia ou na Colombia a cosinha naquelles tempos não rivalisava com a do Voisin, e para ter perdizes trufadas era preciso immolar frangos, a nossa diplomacia completou em menos de um seculo uma obra ingente como era a da fixação das nossas dilatadas fronteiras. Rio

Branco não lograria ter realizado o seu destino historico, se de todos os lados não affluissem os trabalhos dos que o precederam na defesa da nossa delimitação historica: se José Maria do Amaral não tivesse sido no Prata o campeão da nossa expansão civilisadora; se Ponte Ribeiro não desse a impressão de um maniaco, sobraçando mappas enrolados e percorrendo com elles as redacções dos jornaes, a clamar contra as incursões estrangeiras em territorio nacional; se Pereira Leal não tivesse chegado em Venezuela a vencer as resistencias tenazes que sempre levantam entre particulares, como entre nações, as questões de terras; se Joaquim Caetano não tivesse queimado as pestanas nos archivos da Europa; se Nascentes de Azambuja se não houvesse especializado nestes estudos, essencialmente de geographia historica; se de todo tempo a nossa chancellaria não tivesse sustentado os nossos direitos e feito valer os nossos protestos.

Não está muito nas tradições inglezas abandonar o que uma vez occuparam os subditos da corôa, e no emtanto sabeis com que fidalguia lord Salisbury attendeu á vigorosa reclamação do ministro Carlos de Carvalho contra a incorporação da ilha da Trindade no Imperio Britannico, reclamação cujo vigor não estava tanto numa linguagem eloquente, quanto

no fundo substancial de uma argumentação irrespondível.

A historia diplomatica do Brasil já tem, como disse ao começar, os seus trabalhadores, auto-didactas como acontece a todos os iniciadores, que aliás trazem em si por isso mesmo o zelo dos apóstolos. Já temos com effeito thema para um curso especial da materia, a qual deveria ser estudada por quantos ambicionam entrar num serviço que lhes parece todo de luxo, mas que ás vezes tambem resulta ser de penitencia. Ha diplomatas-martyres, como ha scientistas, exploradores ou missionarios-martyres. Não os contam, e ainda bem, os nossos fastos, mas não porque se tivessem os nossos representantes furtado ás suas obrigações. No Paraguay não os fez recuar o delirio imperial de Lopez, nem na Bolivia o alcoolismo brutal de Melgarejo. Conta-se de um nosso ministro que, convidado em La Paz num jantar official, durante a guerra da nossa Triplice Alliança, a beber á saude do tyranno de Assumpção, recusou peremptoriamente associar-se ao brinde e nem por isso foi desfeito. Entre dois soluços avinhados, declarou o ditador que respeitava a bravura.

Ocioso é lembrar, a tal proposito, que os nossos interesses politicos residem no nosso continente, pelo menos na hora presente. Nos

principios da nossa historia diplomatica, nós fizemos parte integrante posto que distante da politica européa. Acabavamos de ser o prolongamento colonial de metropoles européas, e a presença de Dom João VI no Rio de Janeiro invertera mesmo durante annos, no tocante a Portugal, os termos estabelecidos. A Santa Alliança olhava suspeitosamente para um imperio democratico como o do Brasil, que fazia lembrar na concepção o imperio plebiscitario de Napoleão, e achava que Dom Pedro I tinha romantismos perigosos a respeito de Constituições. A Hespanha tratava ainda de recuperar o perdido, jogando com a influencia russa, e Portugal, para não ser esbulhado sem compensações da sua posse tradicional, appellava para a mediação ingleza. A' Austria entretanto, mais pratica do que mystica, não convinha que a Russia sahisse fora de certos limites e fizesse artigo forçado de exportação do absolutismo monarchico, preconizado na therapeutica do Velho Mundo. A Inglaterra por seu lado regulava seus passos pelos da França, á qual os Bourbons e seus illustres paladinos — Chateaubriand, Richelieu, Villéle — queriam refazer um resplendor com o brilho do metal das colonias alheias.

Não é possivel destrinçar a historia diplomatica do Brasil da da Europa, pelo me

nos até á Regencia: enquanto Barbacena e Itabayana negociavam em Londres emprestimos, que em parte eram destinados a sustentar os direitos da successão de Dom Pedro ao throno portuguez, o visconde da Pedra Branca discreitava em Pariz com os liberaes cartistas e fazia madrigaes ás duquezas do «faubourg»; o marquez de Rezende dava em Vienna bons conselhos a Dom Miguel, que os armazenava para a velhice, e monsenhor Vidigal — um padre, dos nossos, que foi diplomata e não desmereceu do conceito contido na expressão — alcançava da Santa Sé o reconhecimento em favor da corôa brasileira dos privilegios regalistas da corôa portugueza, com que tanto reclamo se fez o marquez de Pombal.

Depois é que se foi formando aos poucos a chamada politica americana — chamada não sem razão — que nos primeiros tempos da Independencia emperrava, porque o governo de John Quincy Adams não quiz entender do mesmo modo que nós a doutrina de Monroe. Com alguma ingenuidade a tomamos ao pé da letra e tinhamos querido que servisse de base a uma alliança offensiva e defensiva, que Henry Clay julgou extemporanea.

O Brasil capacitou-se todavia a certa altura do seu rumo que o eixo da sua diplomacia ia de Washington ao Rio da Prata, ainda

que na Europa permanecessem vivos os seus interesses economicos. Basta para isto que esteja na Europa o seu viveiro de capitaes e de braços, e que não lhe seja facil tarefa convencer os governos europeus de que mais lucro tirarão de mandar os seus nacionaes para os nossos Estados do que para suas colonias. Esta persuasão pode nunca chegar a formar-se, mas os emigrantes não obstante hão de vir, porque não se possui impunemente riqueza e belleza. A's noivas com taes predicados combinados não ha meio de faltar pretendentes, e o Brasil tem por si a abundancia dos seus recursos a explorar e os attractivos cada vez maiores da sua residencia. A colonisação está-lhe assegurada para quando houver amplos meios de communicação do interior para a costa; supposto, bem entendido, que tenhamos sempre ordem publica, tolerancia para com as idéas, e uma rigida moralidade na justiça.

A tarefa dos diplomatas tem que ser neste ponto, como em todos, pautada e regulada pela dos administradores da nação. Os diplomatas não são infelizmente thaumaturgos, e não lhes é possivel arraigar convicções em dasafio da verdade, nem realisar impossiveis em beneficio dos seus compatriotas. Não é licito exigir delles mais do que do commum dos mortaes, se bem que algumas vezes seja sua



a culpa no quererem formar uma casta á parte. Tampouco é licito exigir dos outros paizes que se sangrem para nos robustecer, ou querer capacitar qualquer governo amigo de que occorreu no mundo da lua um facto do qual dão noticia os nossos jornaes, com essa copia de informações que dão á imprensa brasileira um tão notavel destaque, polvilhadas muito embora algumas vezes taes informações de detalhes de fantasia, que tornam mais pittoresca a realidade e fazem credito á nossa imaginação.

E' sabido que existe um rhythmo na historia, e o pendulo da nossa evolução que se afastou politicamente da Europa, deve voltar a approximar-nos della. Podemos ter uma visão do progresso que nos espera, mas a realidade será sempre differente dessa visão, porque nella entrarão elementos com que não contamos.

Eu conheci um sociologo portuguez, espirito dos mais cultos daquella terra, comquanto reputado um quasi nada excentrico, porque não pensava como o commum das pessoas, que me dizia, já lá vão 22 annos, que Portugal devia entrar para a federação brasileira, na qualidade de Estado-Unido, celebrando-se alternadamente as sessões do Congresso no Rio de Janeiro e em Lisbôa. Calculo que os ossos de Fernandes Thomaz e de Borges Carneiro,

os recolonisadores de 1821, estremeceram nas suas tumbas, mas o facto de germinar semelhante idéa no cerebro de um pensador, prova que está sempre longe de exgottar-se o rol das possibilidades politicas.

E não taxemos de desassisada a idéa. Pois, no dizer dos proprios portuguezes, já não foi Portugal colonia do Brasil, emquanto aqui reinava El-Rei Dom João VI? Não figurou Ma-caulay num ensaio famoso o novo-zelandez do seculo XXI, admirando as ruinas da Ponte de Londres e dessa cathedral de S. Paulo que nos dizem precisamente estar ameaçada de desmoronamento, pela perfuração do sub-solo com o fim de estabelecerem-se as estradas de ferro com que se busca remediar á congestão do trafego na metropole monstro?

Eu confesso o meu fraco pelas idéas aparentemente extravagantes. Quando vejo uma que me parece utopica mas feliz, gosto de acompanhá-la, a ver o que dá. Gosto tambem das iniciativas de coragem e de intelligencia. Por isso applaudi calorosamente a iniciativa de concordia internacional que representou a missão á Republica Argentina do eminente paulista que é um brasileiro eminente, o sr. Campos Salles: essa missão ainda ha de fructificar generosamente.

Por isso applaudo a viagem official que vai emprehender aos Estados Unidos o nosso actual ministro das Relações Exteriores e que, sendo a primeira do seu genero e importancia no nosso continente latino, não pode deixar de suscitar na America os mesmos commentarios que na Europa suscitou, ha dois annos, a viagem á Russia do actual presidente da Republica Franceza, então ministro dos Negocios Extrangeiros.

Da viagem do sr. Poincaré, realisada quando a prevenção aguda na Allemanha passara tambem a ser colonial — uma esphera para onde o conselho de Bismarck encaminhara a actividade franceza, no intuito de distrahi-la da obsessão da desforra — resultou o fortalecimento da alliança militar, inspirando á França uma confiança ainda maior no seu poderio. A viagem do sr. Lauro Müller não pode visar a accordos da mesma natureza, porque vivemos em franca paz com todos e só queremos que os outros nos deixem prosperar em paz.

A viagem do nosso ministro não correrá o risco, por pacifica sem rebuços, de não ser fecunda. Elle não levará na sua pasta projectos de convenções bellicas. As credenciaes com que se vai apresentar são constituídas pelas obras extraordinarias de saneamento, embelle-

zamento, de construcção de portos, de transformação de uma cidade sob muitos aspectos colonial numa das mais formosas e sedutoras capitães do mundo; obras que obedeceram immediatamente ao seu impulso afoito, e á perseverança scientifica de Oswaldo Cruz, e ao golpe de vista constructor do morto illustre de ha poucos dias, Pereira Passos; obras em que os tres se completaram, rivalisando em lucidez, em mestria e em resolução, e que dotaram de um lustre singular a administração esclarecida e progressiva de outro paulista eminente que não julgou honra somenos tornar a presidir o vosso Estado depois de haver presidido o Brasil.

Credenciaes dessa especie o povo americano as percebe e aprecia, como não aconteceria com outras de rebuscados dizeres ou de secreto alcance, que lhe parecessem portadoras de intrigas politicas alheias ao seu feitio, o qual pode ás vezes ser rude mas é sempre leal, mesmo quando se dá conflicto de ideaes ou de interesses. Aquelles são os titulos de honra dos seus engenheiros, dos seus medicos, dos seus technicos e dos seus scientists, ganhos em Cuba e em Panamá, para onde transportaram a inventiva, a audacia e a perseverança de que o seu paiz fornece tão farta documentação.

Os americanos já fazem justiça ao nosso afan de adiantamento; já suspeitam da nossa

cultura; já **respeitam** o nosso espirito de trabalho. E' mister que se compenetrem tambem de que não nos animam outros propositos mais do que os de paz e de altruismo — a paz compativel com a honra e a integridade da patria, o altruismo compativel com a propulsão dos nossos interesses.

Não precisamos nutrir inveja de nação alguma, porque nada se nos antolha que invejar, senão o que pode dar o esforço: somos dos privilegiados da Natureza. Se temos ainda muito a fazer para alcançar o lugar para o qual estamos fadados, podemos dizer a nós mesmos que só por nossa culpa deixaremos de attingir esse ideal. A instrucção popular está nas nossas mãos ministrál-a; a riqueza está nas nossas mãos conquistál-a, e a sorte vai continuando a ajudar-nos nesta lucta.

Ao espirito arguto do sr. Lauro Müller falarão nos Estados Unidos as scenas do espectáculo em extremo suggestivo de um paiz que nada poupa para educar a sua gente — a sua e a que a elle afflue—e que não descança emquanto ha o que tentar e nunca deixa de havel-o.

A retribuição da visita official do sr. Elihu Root á America Latina entra a effectuar-se, sem delegação de outras nações, graças a uma intelligencia entre os governos americano

e brasileiro, pela ida ao continente norte de um homem de Estado que saberá dar o devido valor áquillo que lhe fôr mostrado e derivar do que vir a impressão mais adequada ao nosso aproveitamento. O momento em que elle vai pisar o solo dos Estados Unidos é de resto, um momento historico para essa nação.

Pela primeira vez depois da guerra civil as responsabilidades do poder acham-se completamente nas mãos dos democratas, hoje constituindo um partido de reforma social mais do que de tradição politica. Executivo e legislativo obedecem ás mesmas idéas e programmas de governo, de protecção ao trabalho em vez de protecção ao capital, de substituição da influencia plutocratica pela democratica na administração publica. A direcção suprema do Estado passou das mãos de um jurista emerito e experimentado para as de um intellectual de renome, um estudioso de historia, de economia politica, de direito constitucional e de sciencia do governo, para quem a coragem e a honestidade são as primeiras qualidades do homem publico, como o eram para o seu predecessor a equidade e a probidade.

Crete como qualquer outro no «destino manifesto» da sua raça não o perseguem com-

tudo, já não direi idéas de espoliação ou de violencia, mas sequer de predomínio fatalista. Woodrow Wilson seria capaz do acto de Cleveland, de mandar repôr o governo indigena deposto no Hawaii por um punhado de americanos, só para que sobre os Estados Unidos não pesasse a accusação de uma intervenção indecorosa e iniqua.

O ensejo de sellar a approximação entre o Brasil e os Estados Unidos é portanto, excellente. Esta approximação foi obra constante da nossa diplomacia, que Linhares, Barca e o proprio Villanova Portugal exerceram no sentido de engrandecer pelo augmento territorial o nosso já enorme dominio; que José Bonifacio, Cachoeira e os marquezes do primeiro reinado praticaram em defesa dos nossos direitos adquiridos de nacionalidade; que os democratas da Regencia, que foram depois os viscondes do segundo reinado, applicaram ao reconhecimento das nossas fronteiras historicas e á preservação da nossa natural hegemonia de então; que Carlos de Carvalho, Dionisio Cerqueira e Rio Branco utilisaram na Republica para dar ao Brasil a consolidação territorial sem a qual se afrouxariam os laços de uma patria commum.

Servirá de remate áquella obra de aproximação, de que, é justiça recordar, foi modernamente o factor mais indefesso meu antigo chefe em Washington Salvador de Mendonça, a pagina auspiciosa que vai ser agora escripta por essa nova diplomacia.





## APPENDICE

O "Estado de S. Paulo", em seu numero de 27 de Setembro de 1912, assim noticiou o primeiro sarau da Sociedade de Cultura Artistica:

« Foi uma esplendida festa a conferencia inaugural da Sociedade de Cultura Artistica. Esplendida e consoladora; o interesse que ella despertou, a assistencia fina e brilhante que ella reuniu hontem no Salão do Conservatorio, dão-nos a impressão de que essa nobre e patriotica tentativa terá o exito que sonharam os seus iniciadores. O surprehendente progresso material da nossa cidade, a vida intensa dos negocios, não estiolaram a delicada floração espiritual que é a suprema expressão de uma nacionalidade. E neste ambiente em que a lucta pela vida assume, cada vez mais, o aspecto de uma brutal e vertiginosa corrida para a conquista do ouro, ainda não desapareceu de todo, antes subsiste latente, mas forte, o sentimento do bello e o culto do ideal.

Bem hajam os que, como a Sociedade de Cultura Artistica, procuram exteriorisar, desenvolver e aprimorar esses sentimentos, dando uma nota altamente honrosa da nossa vida intellectual.

Era essa hontem a opinião unanime dos que assistiram á festa do Conservatorio. Dessa assis-

tencia faziam parte os srs. drs. **Altino Arantes**, **Paulo de Moraes Barros**, **Joaquim Miguel de Siquira**, secretarios do Interior, da Agricultura e da Fazenda, um representante do sr. secretario da Justiça e o dr. **Gabriel Dias da Silva**, presidente da Camara Municipal, que assim davam uma prova de sua solidariedade com os promotores desse benefico movimento. Completavam-na uma linda e numerosa representação feminina, alem dos cavalheiros que faziam uma larga e imponente moldura ao formoso painel que era a sala. Em tudo, desde a decoração da casa até as «toillettes», uma nota muito sympathica de discreta elegancia.

Era a conferencia inaugural: impunha-se, por parte da directoria, a exposiçào de um programma. Coube essa missào ao sr. dr. **Roberto Moreira**. De que elle a desempenhou com talento bem se pode avaliar pelo seu discurso que em seguida reproduzimos :

«Minhas senhoras; senhores. Apresentando-vos, em nome da sua directoria, a Sociedade de Cultura Artistica, apraz-me declarar-vos que a nossa instituição escapa aos moldes das que se fundam communmente em S. Paulo. Votada inteiramente ás cousas do espirito, sem nenhuma ambição de auferir outros proventos alem dos que lhe forem estrictamente necessarios á propria manutenção e á execuçào do seu programma, nasce ella vigorosamente apoiada em todas as classes sociaes. Se vingar, o que não é temeridade esperar depois que a acolhestes com tão subida sympathia, os criticos do futuro terão difficuldades em definil-a. Como pôde tal planta medrar e florescer num ambiente tão saturado de deaes utilitarios? Poupemos á critica futura o tra-

balho de responder a esta questão. Respondamol-a nós, antecipadamente.

Se a Sociedade de Cultura Artística se inaugura de maneira a não deixar duvidas acêrca da sua duração e do seu successo, deve esse resultado, em primeiro lugar, a qualidades inestimaveis da nossa gente, taes como a benevolencia e a constante disposição em que ella está para o trabalho, para auxiliar e proteger todas as iniciativas generosas; em segundo lugar, á sua propria organização, á utilidade e simplicidade do seu programma. Oh! E' uma grande fortuna nascer modestamente. A historia da vida ensina, diz um escriptor, que á exiguidade do principio quasi sempre corresponde a grandeza do fim. Quasi tudo que é grande tem ou teve uma origem mesquinha. Como começa o Amazonas? E essas arvores gigantescas das nossas mattas? Não brotam muitas dellas de sementes que uma criança facilmente esconderia na mão? Se á Sociedade de Cultura Artística faltasse essa singeleza inicial, não a receberia o publico, podeis acreditar, com tamanho favor. E' que, a força de illudir-se, começa elle a desconfiar dos que apparecem com muitas habilidades. As panaceas literárias já perderam para elle todo o encanto.

A formação da nossa sociedade, porém, não passará incolume. Está escripto que nesta terra nada se ha de tentar na ordem intellectual, sem que a veia copiosa dos ironistas se allivie em descargas demolidoras de troça. Não nos hão de perdoar, a nós da directoria, o nosso completo laicismo artistico. Mas não temos de que nos affligir: não escolhemos para nós esta posição. Fomos chamados; e nos chamaram precisamente por aquelle motivo. Os que idéaram esta instituição, artistas militantes

quasi todos, quizeram dar-lhe um cunho severo de neutralidade e tolerancia, afim de que nella pudessem entrar á vontade os corybantes de todos os cultos. A presença de um literato ou de um artista á frente della podia gerar a suspeita de que a pretendiam filiar a uma ou outra escola, o que bastaria para que a sociedade resultasse inviavel. Por isso os seus benemeritos organizadores, nobremente renunciaram ás posições a que tinham direito, no seio della, contentando-se com a glória não pequena de a terem planeado e executado.

O nosso programma, já o disse, é simples. Resume-se em promover, periodicamente, concertos e conferencias que versem, de preferencia, sobre assumptos nacionaes. A muitos ha de parecer este programma frívolo; a outros extemporaneo e pretencioso... Frívolo elle não é, pois para sel-o, precisaria chamar a Arte frivolidade. E a Arte — já o disse Eça de Queiróz — «é tudo, tudo o resto é nada», porque só ella nos offerece «a unica possibilidade de realizar o mais legitimo desejo da Vida — que é não ser apagada de todo pela Morte».

Tambem não é inoportuno o nosso apparecimento. Para instituições deste genero, obreiras que são da cultura intellectual do povo, ha sempre oportunidade. Depois, quem não sente em S. Paulo a necessidade de se cuidar sériamente da elevação dessa cultura? De certo S. Paulo não pára: caminha sempre, caminha até com um rythmo que não é peculiar ao resto do paiz. Mas essa marcha que vista de fóra deslumbra pelo vigor, pela harmonia, pela crescente acceleração em que vae, mostra de perto que a sua cadencia não é a mesma em todos os terrenos. No campo literario e artistico, por exemplo, vae-se evidentemente mais de vagar

do que na zona industrial. Não haveria extranhar essa desproporção, se ella não augmentasse progressivamente... E' uma fatalidade historica, nesta idade tumultuosa da democracia, a preeminencia das leis do conforto sobre as leis do bello. Mas a prevalecer esse constante desequilibrio bem depressa nos teremos convertido numa plutocracia de certo forte e intelligente, mas grosseira, egoista, sensual, esteril, portanto infeliz, acorrentada a todos os vicios, sujeita a todos os preconceitos, incapaz de realizar uma grande obra de civilização digna de S. Paulo, do Brasil, da humanidade.

Desfraldando o seu modesto pendão, no qual não seria disparatado escrever, como divisa, aquillo da Biblia — não só de pão vive o homem, chega, pois, a Sociedade de Cultura Artística, com franca actualidade. Chega tambem sem presumpção. De certo ella confia em que a sua missão será util e a sua acção bemfaseja; mas não imagina que doravante della vae depender a grandeza do Brasil. Méra obra de propaganda e divulgação a sua, nada de novo pretende criar. Pretende apenas trabalhar por que se afervore, dia a dia, o culto, meio esquecido, da nossa arte e literatura. E' esse um meio de trabalhar pelo engrandecimento da patria, talvez o meio mais fecundo, visto que até hoje «é uma literatura a melhor justificação de uma nacionalidade».

Por isso, nos nossos concertos e conferencias a preferencia é toda pelos assumptos nacionaes. Aos estrangeiros não póde parecer estranho este procedimento. O patriotismo brasileiro, já o disse Rio Branco, nada tem de aggressivo. Demais, elles não podem senão desejar a grandeza do Brasil, e esta grandeza depende essencialmente da sua unidade. Ora, o vinculo mais forte que une umas ás outras

as parcellas de uma nação, é a lingua. Como, pois, desejando fazer obra patriotica, não conceder a primasia á lingua e, portanto, á literatura nacional, quando são tantos e tão poderosos os factores de ordem politica e geographica que ahí estão perennemente a conspirar contra a unidade da nação?

Exactamente a este proposito escreveu Olavo Bilac:

«A morte de uma nação começa sempre pelo apodrecimento de sua lingua. Ainda hoje notareis que, para manter e consolidar a conquista de paizes subjugados, a primeira cousa que procuram fazer as nações fortes é impedir nas escolas desses paizes o estudo da lingua materna. E' o que se está fazendo na Polonia: para matar no espirito infantil o sentimento do patriotismo, os conquistadores comprimem, suffocam, destroem a lingua ancestral, porque da morte desta resulta a morte de todas as tradições, de todas as venerações históricas, de todas as legendas heroicas, que constituem a essencia, a forma, o passado, o presente e o futuro da patria. Ora sabeis, que o futuro do Brasil depende da importação de homens estranhos ao paiz, que venham amal-o e servil-o. Todas as sobras, toda a plethora da população da Europa, todos os homens sem trabalho e sem ventura, que se acogulam no ambito já escasso do velho mundo, podem achar aqui espaço e felicidade. Mas cada uma dessas levas de immigrants traz consigo, como a mais preciosa bagagem, a sua lingua natal. Trazendo-a é como se trouxesse os seus penates, os seus deuses lares, porque traz com ella os versos dos seus poetas, as suas expressões de carinho ou de ira, a letra das suas canções populares, o seu «folk-lore» que é o repositório do seu lyrismo e da sua saudade, e o

Amor do céu, da terra, das aguas, da familia, da religião, da historia. Assim, os idiomas estranhos tendem a fixar-se, a desenvolver-se, a prosperar no seio da nossa terra. Que será do nosso idioma, se o não protegermos na lucta desigual? Para salvar da morte a nativa linguagem portugueza, que transportada para o novo mundo ganhou novo esplendor e suavidade nova, não basta que os artistas da palavra continuem a tratá-la e aprimoral-a. Que valem escriptores sem leitores? que vale literatura sem publico?»

Pode-se acrescentar ainda, em abono e justificação da nossa orientação, que a idéa de arte anda sempre associada á idéa de patria. «Até hoje, exclamou Joaquim Nabuco, apesar do christianismo, que trouxe o sentimento de uma communhão mais vasta, o genio nada fez fóra da patria ou pelo menos contra a patria. A patria e a religião são, em certo sentido, captiveiros irredimiveis para a imaginação, condições do «fiat» intellectual. Comprehendeis o artista grego, que em replica a Eschylo esculpisse o persa? Ou o poeta francez que depois de Sedan cantasse o allemão?» A patria tem de ser sempre assim a suprema preocupação do artista.

\* Taes são, minhas senhoras e meus senhores, os propositos da Sociedade de Cultura Artistica. Hoje, que a inauguramos, a sua directoria vos estava devendo estas explicações. Receio que o tom em que foram dadas tenha tido o desgraçado condão de levar ao vosso espirito o arrependimento de terdes vindo aqui. Se esse é o vosso juizo, suspendei-o, eu vol-o rogo, por instantes. Porque daqui a instantes vae Amadeu Amaral evocar, na magia da sua prosa, a figura encantadora de Raymundo Corrêa, vae João Gomes de Araujo fazer bailar nos

vossos ouvidos algumas notas melodiosas da musica nacional. Tereis assim reparação de todos os damnos que por ventura vós causaram estas palavras. E na emoção que então sentirdes, larga, potente, dominadora, encontrareis motivo bastante — ouso esperal-o — para benedizer a nossa sociedade e para sahir daqui com um orgulho mais vivo de terdes nascido «nesta terra, sob este ceu.»

Ainda ecoavam as palmas que acolheram as suas ultimas palavras, quando o sr. Amadeu Amaral appareceu no palco para iniciar a sua conferencia. Esse precioso trabalho vae publicado em outro lugar desta folha. Diremos apenas que a assistencia ouviu o orador com attenção, que o applaudiu com enthusiasmo e que o chamou calorosamente ao palco para que recebesse mais vezes as manifestações do auditorio. Que melhor juizo do que esse para o talentoso poeta e escriptor, que tambem se revelou um conferencista brilhante?

A senhorita Heloisa de Oliveira prestou gentilmente o seu concurso á Sociedade, recitando com perfeito sentimento, — «Os Ciganos» — de Ray-mundo Correia.

Seguiu-se o concerto, que estava confiado ao sr. maestro João Gomes de Araujo. Não foi, com certeza, a parte menos interessante da festa. Executaram-no alumnas do Conservatorio e daquelle maestro, e, quer a parte de piano, a cargo das senhoritas Nair Medeiros, Esther Pacheco e Maria Eugenia do Canto, quer as de canto, de que se incumbiram as senhoritas Alice Fischer e Branca Guiliadori, interessaram vivamente o auditorio, cujos applausos tinham o calor de uma convicção, mais do que as simples palmas de cortesia.



Encerrou a parte musical e a festa, o coro de Raff — «Buona notte» — muito bem cantado pelas sras. Branca Juliodori, Miquelina Qualtieri, Eolio Erminio, Rosa Abrantes, Rosa C. Pimenta, Celia e Vitalina Resende, Josephina e Noemia Buggiani, Maria Bittencourt e Natalina Monte Santi.

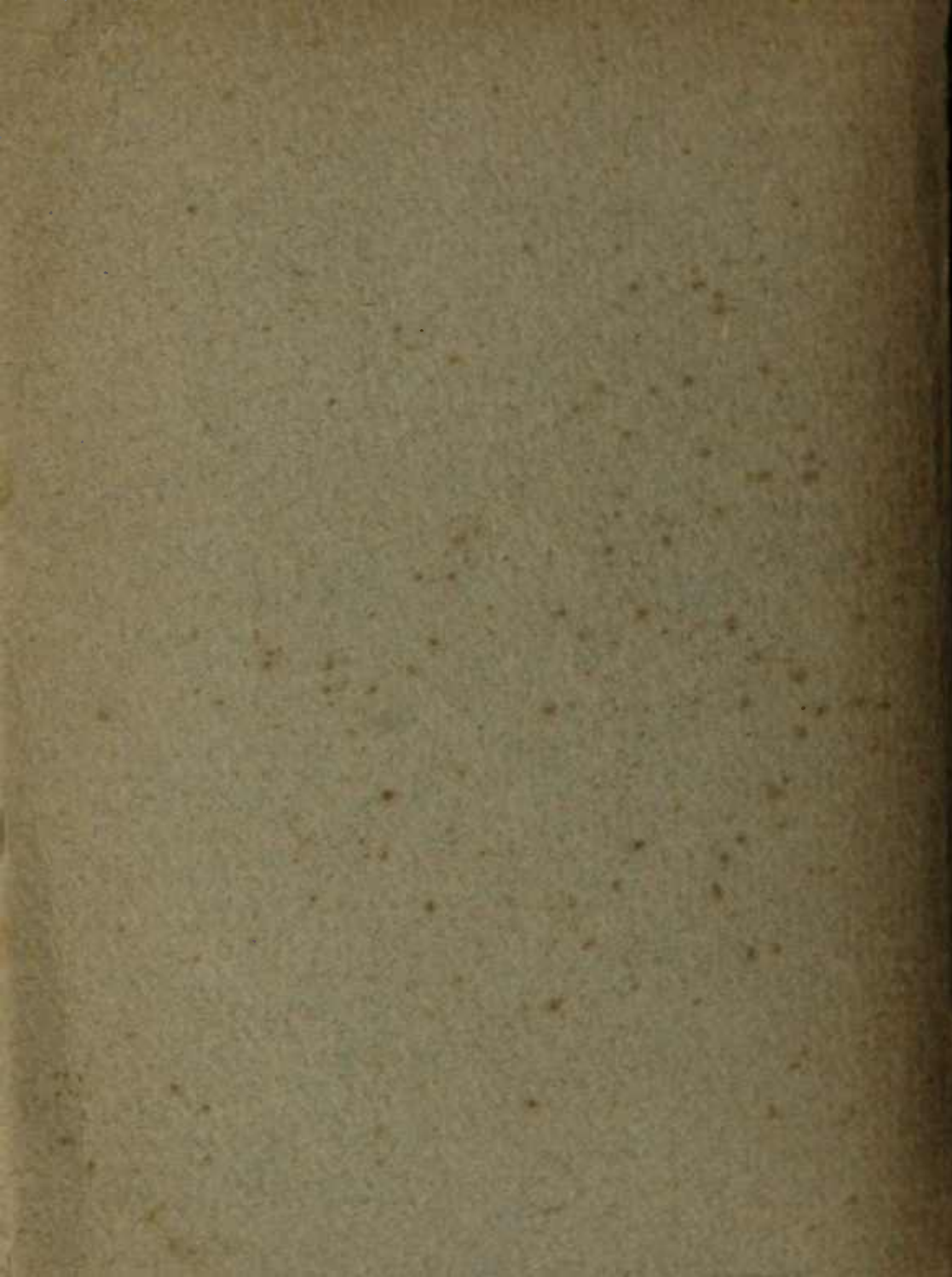




TVP. CARDOZO FILHO & COMP. — RUA DIREITA, 35 — S. PAULO







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).